



— •
literatura
livre

Contos da selva

HORACIO
QUIROGA

Cuentos de la selva (1918)
Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • ESPANHOL

Sesc

— •
literatura
livre

Contos da selva

Horácio Quiroga

Edição Bilingue

 **sesc**  **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

Contos da selva

Horácio Quiroga

Tradução:
Ricardo Giassetti

Edição Bilingue
Português-Espanhol

sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Q84 Quiroga, Horacio (1878-1937)
Contos da selva / Horacio Quiroga. Tradução de Ricardo Giassetti. –
São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Cuentos de la Selva. Edição bilíngue: Português - Espanhol.

ISBN 978-65-89008-20-0

1. Literatura Uruguaia. 2. Conto. 3. Literatura Infantojuvenil. 4. Fauna da América do Sul. 5. Animais. 6. Argentina. 7. Misiones. I. Título. II. Série. III. A tartaruga gigante. IV. As meias do flamingo. V. O papagaio pelado. VI. A guerra dos jacarés. VII. A corça cega. VIII. História de dois filhotes de quati e dois filhotes de homem. IX. A travessa do Yabebirí. X. A abelha preguiçosa. XI. Giassetti, Ricardo, Tradutor. XII. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. XIII. Literatura Livre. XIV. Fortaleza, Horacio Silvestre Quiroga (1878-1937).

CDU 821.134.2(8)

CDD 868.9939

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Prefácio

Talvez não seja a primeira vez em que você se vê em uma floresta, ou dá de cara com animais. Você já pode ter vivido aventuras nas histórias de *O Livro da Selva*, de Kipling; ou em alguma fábula de Esopo ou La Fontaine; também pode ter desbravado o mar com Moby Dick ou, ainda, ouviu falar das fábulas budistas conhecidas como *Jataka*, que contam sobre as vidas de Buda e, em muitas delas, ele foi um cervo ou macaco. No entanto, se esta é a sua primeira aventura, é muito importante que você não tenha se esquecido de trazer um kit de sobrevivência e que fique muito atento a qualquer barulho.

O escritor Horacio Quiroga, autor dos contos a seguir, tinha um kit. Embora fosse uruguaio, depois de terríveis acontecimentos na sua vida, ele decidiu ir morar na floresta argentina com os seus filhos. Durante a sua estadia em Misiones, que faz fronteira entre a Argentina, Brasil e o Paraguai, ele construiu sua própria casa e, para agradar as crianças, resolveu olhar para a natureza e, como Kipling, tirar dela algum proveito para as suas histórias.

Os contos foram escritos de maneira fabular, o que significa que os protagonistas são os próprios animais, mas também que ganham características humanas. Além disso, no final de cada uma das histórias, você vai perceber que há algo que Quiroga e seus personagens estão nos ensinando, seja sobre a floresta, seja sobre a própria natureza dos seres humanos. Assim, uma tartaruga gigante, um grupo de jacarés, os bobos dos flamingos e até uma abelhinha irão te ensinar a sobreviver na floresta. Principalmente a abelhinha.

Vale destacar que nem todos gostavam dos contos de Quiroga. Alguns autores famosos, como Jorge Luis Borges, disseram que ele imitava e era incapaz de fazer melhor do que Rudyard Kipling, autor de *O Livro da Selva*. No entanto, no decorrer das páginas a seguir, você poderá tirar a sua própria conclusão a respeito dos textos do autor uruguaio, que utiliza a natureza de uma forma muito diferente do poeta inglês e muito mais próxima de nós, brasileiros.

Ambos, é claro, narram aventuras de animais em um cenário próprio da selva, porém Horacio Quiroga foi influenciado por muitos outros autores, como Edgar Allan Poe, Maupassant, Anton Tchekhov e até mesmo Machado de Assis. As envolventes tramas presentes nessa coletânea carregam influências de todos esses personagens históricos

e, não menos importante, de tudo aquilo que o escritor uruguaio apreendeu ao longo de sua jornada de vida.

Sabendo como é viver no espaço urbano e também no selvagem, Quiroga irá mostrar como a natureza e a nossa existência podem ser conflitantes; também trará ensinamentos de cunho ecológico e mostrará como os animais precisam se proteger dos homens, pois, em nome do seu progresso, eles podem acabar com a tranquilidade do reino animal. Assim, prepare-se e se divirta com as aventuras e todo o aprendizado que espera por você ao virar esta página.

Contos da selva

A tartaruga gigante	11
As meias do flamingo	21
O papagaio pelado	29
A guerra dos jacarés	39
A corça cega	55
História de dois filhotes de quati e de dois filhotes de homem	65
A travessa do Yabebirí	77
A abelha preguiçosa	93
Cuentos de la selva	109
La tortuga gigante	111
Las medias de los flamencos	119
El loro pelado	127
La guerra de los yacarés	137
La gama ciega	153
Historia de dos cachorros de coatí y de dos cachorros de hombre	163

El paso del yabebirí	175
La abeja haragana	191

Manifesto pela democratização

do domínio público	203
Literatura Livre	204
Instituto Mojo	205
Ficha técnica	206

A TARTARUGA GIGANTE

Era uma vez um homem que morava em Buenos Aires e que estava muito feliz porque era um homem saudável e trabalhador. Mas um dia ele adoeceu e os médicos lhe disseram que só indo para o campo que ele poderia ser curado. Ele não queria ir, porque tinha irmãos pequenos que dependiam dele; e ele estava a cada dia mais doente. Até que um dia um amigo dele, que era diretor do zoológico, lhe disse:

— Você é meu amigo, e você é um homem bom e trabalhador. É por isso que eu quero que você vá morar nas montanhas, que se exercite muito ao ar livre para se curar. E, como você tem uma ótima pontaria com a espingarda, cace os animais das montanhas para me trazer suas peles, e eu lhe pagarei adiantado para que seus irmãozinhos possam comer bem.

O enfermo aceitou e foi morar nas montanhas, bem longe, ainda mais longe do que Misiones. Era muito quente lá, e isso era bom para ele.

Ele morava e cozinhava sozinho na floresta. Ele comia pássaros e animais silvestres, que caçava com a espingarda, e depois comia frutas. Ele dormia debaixo das árvores e, quando o tempo estava ruim, ele construía uma ramada com folhas de palmeira em cinco minutos. E lá ele se sentava e fumava, muito feliz no meio da floresta que uivava com o vento e a chuva.

Ele havia feito uma trouxa com as peles dos animais e a carregava nos ombros. Também havia capturado muitas serpentes venenosas vivas, e as levava dentro de uma grande cabaça, porque há cabaças lá do tamanho de uma lata de querosene.

O homem voltou a ter boa cor, estava forte e tinha apetite. Precisamente em um dia que estava com muita fome, porque há dois dias não caçava nada, viu uma enorme onça¹ na margem de uma grande lagoa. O animal tentava comer de uma carapaça e arrancava suas carnes com as unhas. Vendo o homem, a onça soltou um rugido hediondo e saltou sobre ele. Mas o caçador, que tinha uma grande mira, atirou entre os olhos da fera e arrebentou-lhe a cabeça. Depois tirou o couro, tão grande que só podia servir de tapete para um quarto.

1 No texto original, o leitor irá encontrar “tigre” em vez de “onça”. Entretanto, por questões geográficas, pois os únicos dois lugares citados durante os contos são Misiones e Buenos Aires, a tradução optou por fazer referência a um felino presente na fauna da América do Sul.

— Agora — disse o homem —, vou comer a tartaruga, que é uma carne muito boa.

Mas, quando ele se aproximou da tartaruga, viu que ela já estava ferida, e que sua cabeça estava quase separada do pescoço, pendurada por dois ou três fios de carne.

Apesar da fome que sentia, o homem teve pena da pobre tartaruga e a arrastou com uma corda até a sua ramada, enfaixou a cabeça dela com tiras de pano que rasgou da camisa, porque só tinha uma camisa, e não tinha trapos. Ele a havia arrastado porque a tartaruga era enorme, alta como uma cadeira e pesava como um homem.

A tartaruga ficou encolhida em um canto, e ali passou dias e dias sem se mexer.

O homem a tratava todos os dias e depois afagava seu casco com a mão.

Por fim, a tartaruga se curou. Mas então o homem foi quem ficou doente. Ele tinha febre e todo o seu corpo doía.

Assim, ele não conseguia mais se levantar. A febre não parava de subir e sua garganta ardia de tanta sede. O homem entendeu que estava gravemente doente e falou em voz alta, mesmo estando sozinho, porque delirava:

— Eu vou morrer — disse o homem. — Estou sozinho, não consigo mais me levantar e nem tenho ninguém para me dar água. Vou morrer aqui de fome e de sede.

Depois de um tempo, a febre aumentou ainda mais e ele perdeu a consciência. Mas a tartaruga o ouviu e entendeu o que o caçador estava dizendo. Então ela pensou:

— O homem não me comeu da outra vez, embora estivesse com muita fome, e me curou. Agora, vou curá-lo.

Ela foi até a lagoa, procurou um pequeno casco de tartaruga e, depois de limpá-lo bem com areia e cinzas, encheu-o de água e deu de beber ao homem, que continuava deitado em seu cobertor e morria de sede. Ela imediatamente começou a procurar raízes e ervas macias, as quais levou até o homem para que ele pudesse comer. O homem comeu sem perceber quem lhe dava a comida, porque delirava de febre e não reconhecia ninguém.

Todas as manhãs, a tartaruga percorria a montanha em busca de raízes cada vez mais ricas para dar ao homem, e se ressentia por não poder subir nas árvores para lhe trazer frutas.

O caçador comeu desse jeito por dias a fio, sem saber quem lhe dava a comida, até que um dia recuperou a consciência. Olhou para todos os lados e viu que estava sozinho, pois só havia ele e a tartaruga, que era um animal. E ele disse novamente em voz alta:

— Estou sozinho na floresta, a febre vai voltar e eu vou morrer aqui, porque só em Buenos Aires há remédios para me curar. Mas é impossível chegar até lá, e vou morrer aqui.

E como ele havia dito, a febre voltou naquela tarde, ainda mais forte do que antes, e o homem perdeu a consciência novamente.

Mas a tartaruga também tinha o ouvido dessa vez, e disse a si mesma:

— Se ele ficar aqui nas montanhas, vai morrer porque não há remédios, tenho de levá-lo para Buenos Aires.

Dito isso, ela cortou cipós finos e fortes, que são como cordas. Cuidadosamente colocou o homem de costas e o prendeu bem com os cipós para que ele não caísse. Ela fez muitos testes para encaixar a espingarda, as peles e a cabaça com serpentes; e finalmente conseguiu o que queria, sem incomodar o caçador, para então começar a viagem.

A tartaruga, carregada assim, andava, andava e andava dia e noite. Atravessou montanhas, campos, cruzou rios de uma légua de largura a nado e atravessou pântanos nos quais quase ficou atolada, sempre com o moribundo em suas costas. Depois de oito ou dez horas de caminhada, ela parava, desfazia os nós e cuidadosamente deitava o homem em um lugar onde havia grama seca.

Depois ia buscar água e raízes macias, e as dava ao enfermo. Ela também comia, embora estivesse tão cansada que preferisse dormir.

Às vezes, ela tinha de andar ao sol; e, como era verão, o caçador estava com tanta febre que delirava e morria de sede. Ele gritava: “Água! Água!” a toda hora. E a tartaruga tinha de lhe dar o que beber a cada grito. Foi assim dia após dia, semana após semana. Aproximavam-se de Buenos Aires, mas a tartaruga também ficava mais fraca a cada dia, a cada dia tinha menos força, embora não reclamasse. Às vezes, ela ficava completamente inerte, e o homem recuperava sua consciência parcialmente. E dizia em voz alta:

— Eu vou morrer, estou cada vez mais doente, e só em Buenos Aires eu poderia ser curado. Mas vou morrer aqui, sozinho no mato.

Ele acreditava que estava sempre na ramada, porque não conseguia ver nada. A tartaruga então se levantava e retomava novamente a sua jornada.

Mas chegou um dia, ao cair da noite, em que a pobre tartaruga não aguentou mais. Ela tinha chegado ao limite de sua força, e não conseguia continuar. A tartaruga não tinha comido por uma semana para chegar lá mais cedo. Ela não tinha forças para mais nada.

Quando a noite caiu completamente, ela viu uma luz distante no horizonte, um brilho que iluminava o céu, e ela não sabia o que era. Ela se sentia cada vez mais fraca, e então fechou os olhos para morrer com o caçador, pensando

tristemente que não tinha conseguido salvar o homem que tinha sido tão bom para ela.

E, no entanto, já estava em Buenos Aires, mas não sabia. Aquela luz que viu no céu era o brilho da cidade, e ela iria morrer quando já estava no final de sua jornada heroica.

Mas um rato da cidade — possivelmente o Ratinho Perez² — encontrou os dois viajantes moribundos.

— Ei, tartaruga! — disse o rato. — Nunca vi uma tartaruga tão grande. E o que você carrega nas costas, o que é? É lenha?

— Não — respondeu a tartaruga com tristeza. — É um homem.

— E aonde você vai com esse homem? — acrescentou o rato curioso.

2 El Ratoncito Pérez ou Ratón Pérez é uma figura fantástica que faz parte da primeira infância nas culturas espanhola e hispano-americana quase que de forma universal. O folclore diz que quando as crianças perdem um dente de leite, devem colocá-lo debaixo do travesseiro ou na mesa de cabeceira e ele irá visitá-las enquanto dormem, substituindo o dente perdido por um pequeno pagamento ou um presente, como faz a Fada do Dente em outras culturas. Embora ele tenha origem em contos folclóricos de tradição oral, Luis Coloma o utilizou como personagem pela primeira vez em *“Cuentos, oraciones, adivinanzas y refranes populares”* (1877), mas sua função como negociante de dentes só começou em *“La ratita presumida”* (1894), num conto escrito para um rei de oito anos de idade, Alfonso XIII.

— Eu vou... eu vou... eu queria ir até Buenos Aires — respondeu a pobre tartaruga com uma voz tão baixa que mal se ouvia. — Mas vamos morrer aqui porque nunca vou chegar lá...

— Ah, tonta, que besteira! — disse o ratinho, rindo. — Nunca vi uma tartaruga mais tonta! Você já chegou em Buenos Aires! Aquela luz que você está vendo lá é Buenos Aires.

Ao ouvir isso, a tartaruga se sentiu com uma força imensa, porque ainda tinha tempo de salvar o caçador, e voltou a andar.

Ainda era de madrugada quando o diretor do Jardim Zoológico viu chegar uma tartaruga enlameada e extremamente magra, e que trazia um moribundo deitado e amarrado às suas costas com cipós para não cair. O diretor reconheceu o amigo e ele mesmo correu para procurar remédios, com os quais o caçador foi imediatamente curado.

Quando o caçador soube como a tartaruga o havia salvado, como ela tinha viajado trezentas léguas para conseguir remédios, não quis mais se separar dela. E como não podia tê-la em sua casa, que era muito pequena, o diretor do zoológico prometeu mantê-la ali, e cuidar dela como se fosse sua própria filha.

E assim aconteceu. A tartaruga, feliz e contente com o carinho que eles têm por ela, caminha pelo Jardim Zoológico,

e é a mesma grande tartaruga que vemos todos os dias comendo a grama ao redor das jaulas dos macacos.

O caçador vai vê-la todas as tardes e ela reconhece o amigo de longe, pelo som de seus passos. Eles passam algumas horas juntos e ela nunca quer que ele vá embora sem que antes lhe faça um carinho no casco.

AS MEIAS DO FLAMINGO

Uma vez, as serpentes deram um grande baile. Convidaram as rãs e os sapos, os flamingos, os jacarés e os peixes. Os peixes, como não andam, não foram capazes de dançar, mas o baile foi na beira do rio, então os peixes se debruçaram na areia e bateram os rabos.

Os jacarés, para se enfeitar mais, usaram colares de bananas no pescoço e fumaram charutos paraguaios. Os sapos tinham espetado escamas de peixe por todo o corpo e andaram rebolando, como se nadassem. E toda vez que passavam pela margem do rio muito sérios, os peixes os provocavam com zombarias.

As rãs perfumaram o corpo todo e andaram sobre duas patas. Além disso, cada uma delas tinha pendurado no pescoço, como uma lanterna, um vaga-lume que balançava.

Mas as mais bonitas eram as serpentes. Todas, sem exceção, estavam vestidas com trajes de bailarina, da mesma cor de suas peles. As serpentes vermelhas usavam uma saia de tule vermelho; as verdes, uma de tule verde; as amarelas,

outra de tule amarelo; e as jararacas, uma saia de tule cinza pintada com listras de pó de tijolo cinzento, porque essa é a cor das jararacas-do-mato. E as mais esplêndidas de todas eram as cobras-corais, vestidas com longas gazes vermelhas, brancas e pretas, e elas dançaram como serpentinas. Quando as serpentes dançavam e circulavam na ponta do rabo, todos os convidados aplaudiam como loucos.

Só os flamingos, que então tinham as pernas brancas e que como sempre continuavam tendo bicos muito grossos e tortos, ficaram tristes, porque como tinham muito pouca inteligência, não souberam se enfeitar. Eles invejavam o traje de todos, especialmente o das cobras-corais. Cada vez que uma serpente passava diante deles, flertando e ondulando a gaze de serpentinas, os flamingos morriam de inveja.

Então um flamingo disse:

— Já sei o que vamos fazer. Vamos calçar meias com listras vermelhas, brancas e pretas, e as cobras-corais vão se apaixonar por nós.

E, voando todos juntos, atravessaram o rio e foram bater numa loja da cidade.

Tum-tum. Eles bateram com os pés.

— Quem é? — respondeu o merceeiro.

— Somos os flamingos. Você tem meias com listras vermelhas, brancas e pretas?

— Não, não existem — respondeu o merceeiro. — Estão loucos? Em nenhum lugar vocês vão encontrar meias assim.

Os flamingos então foram para outra loja. *Tum-tum!*

— Você tem meias com listras vermelhas, brancas e pretas?

O merceeiro respondeu:

— Como é que é? Listradas de vermelho, branco e preto? Não há meias assim em nenhum lugar. Vocês estão loucos. Quem são vocês?

— Nós somos os flamingos — eles responderam.

E o homem disse:

— Então certamente são flamingos malucos.

Eles foram para outra loja. *Tum-tum!*

— Você tem meias listradas de vermelho, branco e preto?

O merceeiro gritou:

— Que cor? Vermelho, branco e preto? Só pássaros de nariz comprido como vocês pensariam em pedir meias assim. Vão embora imediatamente!

E o homem os enxotou com uma vassoura.

Os flamingos passaram assim por todas as lojas, e de todos os lugares foram expulsos por serem loucos.

Então um tatu, que tinha ido ao rio beber água, quis zombar dos flamingos e, fazendo-lhes uma grande saudação, disse assim:

— Boa noite, senhores flamengos! Eu sei o que vocês procuram. Não vão encontrar meias assim em loja nenhuma. Talvez existam em Buenos Aires, mas teriam de encomendá-las pelo correio. Minha cunhada, a coruja, tem meias assim. Peçam a ela, e ela lhes dará meias listradas de vermelho, branco e preto.

Os flamingos agradeceram e voaram para a caverna da coruja. E disseram a ela:

— Boa noite, coruja! Viemos pedir a você meias listradas de vermelho, branco e preto. Hoje é o grande baile das serpentes e, se usarmos essas meias, as cobras-corais vão se apaixonar por nós.

— Com prazer! — respondeu a coruja. — Esperem um segundo, eu já volto.

E, levantando voo, deixou os flamingos sozinhos. Depois de um tempo, ela voltou com as meias. Mas não eram meias, eram peles de cobras-corais, lindas peles recém-tiradas das cobras que a coruja havia caçado.

— Aqui estão as meias — disse a coruja. — Não se preocupem com nada, apenas com uma coisa: dancem a noite toda, dancem sem parar nem por um momento, dancem de lado, de cabeça para baixo, de baixo para cima, como vocês quiserem; mas não parem nem por um momento, porque senão em vez de dançar vocês irão chorar.

Mas os flamingos, por serem tão tolos, não entenderam bem o grande perigo que havia para eles nessa situação. Loucos de alegria, colocaram as peles das cobras-corais como meias e meteram suas pernas dentro das peles, que eram como tubos. E alegremente eles voaram para o baile.

Quando viram os flamingos com suas lindas meias, todos ficaram com inveja. As serpentes só queriam dançar com eles e, como os flamingos não paravam de mexer as pernas nem por um instante, as serpentes não conseguiam ver bem do que eram feitas aquelas maravilhosas meias.

Mas, pouco a pouco, as serpentes começaram a desconfiar. Quando os flamingos passavam dançando por elas, eles se agachavam no chão para dar uma boa olhada. Além disso, as cobras-corais estavam muito inquietas. Não tiravam os olhos das meias e também se agachavam, tentando tocar as pernas dos flamingos com a língua, porque a língua das serpentes é como a mão das pessoas. Mas os flamingos dançavam e dançavam sem parar, embora estivessem muito cansados e não pudessem mais continuar.

As cobras-corais, ao perceber isso, imediatamente pediram aos sapos suas lanternas, que eram vagalumes, e juntos esperaram que os flamingos caíssem de cansaço.

De fato, um minuto depois, um flamingo, por não aguentar mais, tropeçou no charuto de um jacaré, cambaleou

e caiu de lado. Imediatamente as cobras-corais correram com suas lanternas e iluminaram bem as pernas do flamingo. E, ao verem do que eram feitas aquelas meias, soltaram um assobio que se ouviu da outra margem do Paraná.

— Não são meias! — gritaram as serpentes. — Nós sabemos o que são! Fomos enganadas! Os flamingos mataram nossas irmãs e usaram suas peles como meias! As meias que eles têm são de cobras-corais!

Ao ouvir isso, os flamingos, cheios de medo por terem sido descobertos, tentaram voar, mas estavam tão cansados que não conseguiam levantar uma única perna. Então as cobras-corais os atacaram, enrolaram-se em suas pernas e rasgaram suas meias em pedaços. Enfurecidas, arrancaram suas meias e também morderam suas pernas, para que morressem. Os flamingos, loucos de dor, pulavam de um lado para o outro, sem que as cobras-corais se desenrolassem de suas pernas. Até que finalmente, vendo que não restava um único pé de meia, as serpentes os deixaram livres. Ficaram cansadas e desamassaram os tules de suas saias de bailarina.

Além disso, as cobras-corais tinham certeza de que os flamingos iriam morrer, porque pelo menos metade das serpentes que os haviam picado eram venenosas.

Contudo, os flamingos não morreram. Eles correram e pularam na água, sentindo muita dor. Eles gritaram de dor,

e suas pernas, que eram brancas, ficaram avermelhadas pelo veneno das serpentes. Dias e dias se passaram e eles não deixaram de sentir uma queimação terrível nas pernas, sempre da cor de sangue, porque estavam envenenadas.

Isso já faz muito tempo. E agora os flamingos continuam lá, quase o dia todo, com as patas vermelhas metidas na água, tentando acalmar a sensação de queimação que sentem nelas.

Às vezes, eles se afastam da costa e dão alguns passos na terra para ver como elas se comportam. Mas as dores do veneno voltam imediatamente, e eles correm de volta para a água. Às vezes, a queimação que sentem é tão grande que encolhem uma perna e ficam assim por horas, porque não conseguem esticá-la.

Essa é a história dos flamingos, que antes tinham pernas brancas e agora têm pernas vermelhas. Todos os peixes sabem por que isso aconteceu e zombam deles. Mas os flamingos, enquanto se curam na água, não perdem a oportunidade de se vingar, comendo qualquer peixinho que tente caçar deles.

O PAPAGAIO PELADO

Era uma vez um bando de papagaios que morava na montanha. De manhã cedo, iam comer milho na fazenda e à tarde comiam laranjas. Eles faziam uma algazarra com seus gritos e sempre elegiam um papagaio-sentinela para ver se vinha alguém nas árvores mais altas.

Os papagaios são tão nocivos quanto os gafanhotos, porque abrem o milho para bicá-lo, o qual, depois, apodrece na chuva. E como ao mesmo tempo os papagaios são deliciosos para comer ensopados, os peões os caçavam.

Um dia, um homem abateu um papagaio-sentinela, que caiu ferido e lutou por muito tempo antes de ele se deixar ser pego. O peão o levou para casa, para os filhos do patrão. Os meninos o curaram porque ele tinha apenas uma asa quebrada. O papagaio se curou muito bem e ficou completamente manso. Seu nome era Pedrinho. Aprendeu a dar a pata, gostava de ficar nos ombros das pessoas e fazer cócegas em suas orelhas com o bico.

Ele vivia solto e passava a maior parte do dia nas laranjeiras e nos eucaliptos do jardim. Ele também gostava de tirar sarro das galinhas. Às quatro ou cinco da tarde, que era a hora do chá na casa, o papagaio também entrava na sala de jantar e pousava na toalha da mesa para comer pão molhado no leite. Ele tinha paixão por chá com leite.

Pedrinho estava tão envolvido com os meninos e as crianças lhe diziam tantas coisas que o papagaio aprendeu a falar. Dizia: “Bom dia, loro!”

— Papa gostosa! Papa do Pedrinho! — ele dizia outras coisas que não podem ser repetidas, porque papagaios, assim como crianças, aprendem palavrões com muita facilidade.

Quando chovia, Pedrinho ficava alvoroçado, falava sozinho e baixinho muitas coisas. Quando o tempo ficava bom de novo, ele então saía voando e gritando como um louco.

Era, como se vê, um papagaio muito feliz, que além de ser livre, como todos os pássaros desejam, também tinha, como os ricos, seus chás das cinco.

De repente, no meio dessa alegria, em certa tarde chuvosa, o sol finalmente saiu depois de cinco dias de tempestade, e Pedrinho começou a voar gritando:

— Lindo dia, loro! Papa gostosa! A pata, Pedrinho! — E não voou muito longe, até que viu abaixo dele, muito abaixo, o rio Paraná, que se parecia com uma faixa distante e larga.

E ele continuou voando e voando, até que finalmente se acomodou em uma árvore para descansar.

E eis que, de repente, ele viu duas luzes verdes brilhando no chão, por entre os galhos, como enormes vagalumes.

— O que será? — disse o papagaio. — Papa gostosa! O que será isso? Bom dia, Pedrinho!

O papagaio sempre falava assim, como todos os papagaios falam, misturando as palavras sem rima ou razão e, às vezes, era difícil entendê-lo. Mas como era muito curioso, foi descendo de galho em galho, até chegar mais perto. Então ele viu que aquelas duas luzes verdes eram os olhos de uma onça agachada, olhando para ele.

Só que Pedrinho estava tão feliz com o belo dia que não teve medo.

— Bom dia, onça! — disse-lhe. — A pata, Pedrinho!

E a onça, com aquela voz terrivelmente rouca que tem, respondeu:

— Bo-om dia!

— Bom dia, onça! — repetiu o papagaio. — Papa gostosa! Papa gostosa! Papa gostosa!

E ele disse tantas vezes “Papa gostosa!” porque já eram quatro horas da tarde e ele queria muito tomar seu chá com leite. O papagaio havia se esquecido de que os bichos da montanha não tomavam chá com leite e por isso convidou a onça.

— Chá com leite gostoso! — disse-lhe. — Bom dia, Pedrinho! Quer tomar um chá com leite comigo, amiga onça?

Mas a onça ficou furiosa porque achou que o papagaio estava zombando dela, e também, como estava com fome, pensou em comer o pássaro falante. Então ela respondeu:

— Bo-om! Chegue um pouco mais perto, pois eu sou surda!

A onça não era surda. O que ela queria era que Pedrinho chegasse bem perto para agarrá-lo com suas unhas. Mas o papagaio estava pensando apenas no prazer que teriam em casa quando ele aparecesse para tomar chá com leite com aquela sua nova e magnífica amiga. E voou para outro galho mais próximo do chão.

— Gostoso! Papa, em casa! — ele repetiu, gritando o mais alto que podia.

— Mais per-to! Eu não ou-ço! — respondeu a onça com sua voz rouca.

O papagaio se aproximou um pouco e disse:

— Gostoso, chá com leite!

— Mais per-to ain-da! — repetiu a onça.

O pobre papagaio se aproximou ainda mais e, nesse momento, a onça deu um salto terrível, alto como uma casa, e alcançou Pedrinho com as pontas das unhas. Não conseguiu matá-lo, mas arrancou todas as penas de suas costas e da sua cauda. Nem uma única pena permaneceu no seu rabo.

— Tome isso! — a onça rugiu. — Agora vá tomar seu chá com leite...

O papagaio, gritando de dor e de medo, voou para longe, mas não conseguiu voar bem, porque lhe faltava a cauda, que é como um leme para os pássaros. Ele voou cambaleando no ar de um lado para o outro, e todos os pássaros que o encontravam se assustavam e se afastavam daquela estranha criatura.

Finalmente ele conseguiu chegar em casa, e a primeira coisa que fez foi se olhar no espelho da cozinha. Pobre Pedrinho! Era a ave mais estranha e mais feia que se poderia imaginar, toda careca, com o rabo pelado e tremendo de frio. Como ele iria se apresentar na sala de jantar, naquela situação? Então ele voou até a parte oca no tronco de um eucalipto que parecia uma caverna e se escondeu lá no fundo, tremendo de frio e de vergonha.

Mas, enquanto isso, todos na sala de jantar sentiam sua ausência:

— Onde estará Pedrinho? — eles diziam. E chamaram: — Pedrinho! Papa gostosa, Pedrinho! Chá com leite, Pedrinho!

Mas Pedrinho não saiu de sua caverna, nem respondeu nada, mudo e imóvel. Eles o procuraram em todos os lugares, mas o papagaio não apareceu. Então todos acreditaram que Pedrito havia morrido e os meninos começaram a chorar.

Todas as tardes, na hora do chá, eles sempre se lembravam do papagaio, bem como se lembravam do quanto ele gostava de comer pão molhado no chá com leite. Pobre Pedrinho! Eles nunca mais o veriam porque ele havia morrido.

Mas Pedrinho não tinha morrido e continuava na sua caverna sem que ninguém o visse, porque tinha vergonha de estar pelado como um rato. À noite, ele descia para comer e subia imediatamente. Ao amanhecer, descia de novo, muito sorrateiro, e ia se olhar no espelho da cozinha, sempre muito triste porque suas penas demoravam a crescer.

Até que finalmente um dia, ou uma tarde, a família estava sentada à mesa na hora do chá e viu Pedrito entrar muito calmamente, caminhando como se nada tivesse acontecido. Todos queriam morrer, morrer de alegria ao vê-lo bem vivo e com belas penas.

— Pedrinho, loro! — eles diziam. — O que aconteceu com você, Pedrinho? Que penas brilhantes tem esse lorinho!

Mas eles não sabiam que eram plumas novas, e Pedrinho, muito sério, também não disse uma palavra. Ele não fez nada além de comer pão molhado no chá com leite. Mas conversar que é bom, nem uma única palavra.

Portanto, na manhã seguinte, o dono da casa ficou muito surpreso quando o papagaio voou para ficar em seu ombro, tagarelado como um louco. Em dois minutos, ele

contou tudo o que lhe havia acontecido: uma viagem ao Paraguai, seu encontro com a onça e o resto. E ele concluía cada evento, cantando:

— Nem uma pena no rabo do Pedrinho! Nenhuma pluma! Nenhuma pluma! — E ele o convidou para os dois irem caçar a onça.

O dono da casa, que naquele exato momento ia comprar uma pele de onça que precisava para a lareira, ficou muito feliz em tê-la de graça. E depois de entrarem em casa para pegar a espingarda, ele e Pedrinho seguiram em sua viagem ao Paraguai. Combinaram que quando Pedrinho visse a onça, iria distraí-la com alguma conversa, para que o homem pudesse se aproximar silenciosamente com a espingarda.

E assim aconteceu. O papagaio, sentado em um galho da árvore, falava sem parar, olhando para todos os lados ao mesmo tempo, para ver se via a onça. Até que ouviu um barulho de galhos estalando e, de repente, viu sob a árvore duas luzes verdes fixas nele: eram os olhos da onça.

Então o papagaio começou a gritar:

— Lindo dia! Papa gostosa! Chá com leite gostoso! Quer chá com leite?

A onça, muito zangada, reconheceu aquele papagaio careca que pensava ter matado e que mais uma vez tinha belas penas. Ela jurou que, desta vez, ele não lhe escaparia, e

dois raios de raiva brotaram de seus olhos quando respondeu com sua voz rouca:

— Mais per-to! Eu sou sur-da!

O papagaio voou para outro galho próximo, sempre falando:

— Pão com leite gostoso! Está aqui no pé desta árvore!

Ao ouvir essas últimas palavras, a onça rugiu e saltou.

— Com quem você está falando? — ela gritou. — Para quem você disse que eu estou aqui, no pé desta árvore?

— Ninguém, ninguém! — gritou o papagaio. — Bom dia, Pedrinho! A pata, loro!

E ele continuou tagarelando e pulando de galho em galho, cada vez mais próximo. Mas ele havia dito “está no pé desta árvore” para avisar o homem, que se aproximava bem agachado e com a espingarda em punho. Em certo momento, o papagaio não podia chegar mais perto ou cairia na boca da onça. E então gritou:

— Papa gostosa! Atenção!

— Mais per-to ain-da! — a onça rugiu, agachando-se para atacar.

— Gostoso, chá com leite! Cuidado, ela vai pular!

E a onça pulou, de fato. Deu um salto tão grande que o papagaio só o evitou por ter se lançado no ar como uma flecha. Mas, nesse mesmo momento, o homem, que tinha

o cano da espingarda apoiado em um tronco para mirar melhor, também puxou o gatilho. Cada uma das nove balas do tamanho de um grão de bico entraram como raios no coração da onça, a qual lançou um rugido que fez toda a montanha estremecer. E caiu morta.

Mas o papagaio, quantos gritos de alegria ele deu! Enlouqueceu de alegria, porque se vingara — e bem vingado! — do terrível animal que lhe arrancara as penas!

O homem também estava muito feliz, porque é difícil matar uma onça e, além disso, ele tinha a pele para a lareira da sala de jantar. Quando chegaram em casa, todos sabiam por que Pedrinho ficara todo aquele tempo escondido na parte oca da árvore, e todos o parabenizaram pela sua façanha.

Eles viveram felizes para sempre. Mas o papagaio não se esqueceu do que a onça havia feito com ele, e todas as tardes, quando entrava na sala de jantar para tomar chá, sempre se aproximava da pele da onça estendida diante da lareira e a convidava para tomar chá com leite.

— Papa gostosa! — ele dizia. — Quer chá com leite? Papa para a onça!

E todos caíam na gargalhada. E Pedrinho também.

A GUERRA DOS JACARÉS

Num rio muito grande e num país distante, no qual o homem nunca esteve, viviam muitos jacarés. Eram mais de cem ou mais de mil. Eles comiam peixes e outros animais que iam beber a água do rio, mas principalmente peixes. Faziam a sesta na areia da praia e às vezes brincavam na água nas noites de luar.

Todos viviam muito calmos e felizes. Mas uma tarde, enquanto faziam a sesta, um jacaré acordou de repente e levantou a cabeça porque pensou ter ouvido um barulho. Ele ouviu com atenção. De muito, muito longe, ouviu um ruído baixo e profundo. Então ele chamou o jacaré que dormia ao lado dele.

— acorde! — disse-lhe. — Perigo.

— O que foi? — respondeu o outro, alarmado.

— Não sei — respondeu o jacaré que havia acordado primeiro. — Ouço um barulho desconhecido.

O segundo jacaré prestou atenção e também ouviu o barulho, e logo eles acordaram os outros. Todos se assustaram

e passaram a correr de um lado para o outro com seus rabos levantados.

E sua preocupação não era infundada, porque o barulho só aumentava. Logo eles viram uma pequena nuvem de fumaça ao longe e ouviram um barulho no rio, como se estivessem batendo na água à distância. Os jacarés se entreolharam: o que poderia ser?

Mas um jacaré velho e sábio, o mais sábio e mais velho de todos, um jacaré ancião com apenas dois dentes firmes nos cantos da boca, e que certa vez fizera uma viagem ao mar, de repente disse:

— Eu sei o que é isso! É uma baleia! Elas são grandes e jorram água branca pelo nariz! A água volta a cair.

Ao ouvir isso, os pequenos jacarés começaram a gritar de medo como loucos, protegendo suas cabeças. E eles gritavam:

— É uma baleia! Aí vem a baleia!

Mas o velho jacaré sacudiu o jacaré ao seu lado pela cauda.

— Não tenham medo! — ele gritou para todos. — Eu conheço as baleias! Elas têm medo de nós! Elas sempre estão com medo!

Isso fez com que os pequenos jacarés se acalmassem. Mas logo eles ficaram com medo de novo, porque a fumaça cinza de repente se transformou em fumaça preta, e agora

todos sentiam o *tchá-tchá-tchá* na água com muita clareza. Os jacarés assustados mergulharam no rio, deixando apenas os olhos e a ponta do focinho de fora. E então eles viram aquela coisa imensa passar diante deles, cheia de fumaça e batendo na água. Era um barco a vapor que navegava pela primeira vez naquele rio. O vapor passou por eles, continuou e desapareceu. Os jacarés então saíram da água, muito zangados com o velho jacaré, porque ele os havia enganado, dizendo-lhes que era uma baleia.

— Aquilo não era uma baleia! — eles gritaram em seus ouvidos, porque ele era um pouco surdo. — O que era aquilo, então?

O velho jacaré então explicou a eles que se tratava de um barco a vapor, cheio de fogo, e que todos os jacarés iriam morrer se o barco continuasse a passar por ali.

Mas os jacarés caíram na gargalhada, porque pensaram que o velho tinha enlouquecido. Por que eles morreriam se o vapor continuasse a passar por ali? Ele estava louco, o pobre crocodilo velho!

E, como estavam com fome, começaram a procurar por peixes.

Mas não havia nenhum peixe. Não encontraram um único peixe. Todos tinham ido embora, assustados com o barulho do barco. Não havia mais peixes no rio.

— Eu não falei? — disse então o velho jacaré. — Não temos mais o que comer. Todos os peixes se foram. Vamos esperar até amanhã. Pode ser que o vapor não retorne mais e que os peixes voltem quando não tiverem mais medo.

Mas, no dia seguinte, ouviram de novo o barulho na água e viram o barco a vapor passar outra vez, fazendo um grande estardalhaço e soltando tanta fumaça que o céu até escureceu.

— Bem — os jacarés disseram —, o navio passou ontem, passou hoje e passará amanhã. Não haverá mais peixes ou animais vindo beber água, passaremos fome. Então vamos fazer uma barragem.

— Sim, um dique! Uma represa! — gritaram todos, nadando com toda força em direção à margem. — Vamos fazer uma barragem!

Eles imediatamente começaram a construir a barragem. Todos foram para a floresta e derrubaram mais de dez mil árvores, principalmente ipês-rosa e quebra-machados,³ porque sua madeira é muito dura. Eles as serraram com seus próprios rabos, as empurraram para a água e as colocaram a um metro uma da outra ao largo do rio. Nenhum barco

3 Nome dado graças a uma expressão em espanhol antigo, misturada com outras línguas como o francês, “quebra hacho”, visto que a madeira desse tipo de árvore é tão dura que é capaz de quebrar um “hache”, ou seja, um machado.

poderia passar, grande ou pequeno. Eles tinham certeza de que ninguém mais viria afugentar os peixes. E como estavam muito cansados, deitaram-se para dormir na praia.

No dia seguinte, eles ainda estavam dormindo quando ouviram o *tchá-tchá-tchá* do vapor. Todos eles ouviram, mas nenhum se levantou nem sequer abriu os olhos. O que lhes importava o barco? Podia fazer o barulho que quisesse, pois não iria passar por ali.

De fato: o barco a vapor ainda estava longe quando parou. Os homens que estavam dentro dele olharam ao longe com seus binóculos para aquelas coisas atravessadas no rio e mandaram um bote para ver o que os estava impedindo de passar. Então os jacarés se levantaram, foram até a barragem e espriaram por entre as toras, rindo da decepção que o vapor havia sofrido.

O bote se aproximou, avistou a formidável barragem que os jacarés haviam construído e voltou ao vapor. Em seguida, voltou à barragem novamente, e os homens no bote gritaram:

— Ei, jacarés!

— O que foi? — os jacarés responderam, levantando suas cabeças de entre os troncos da barragem.

— Isso aqui está nos atrapalhando! — continuaram os homens.

— Nós sabemos!

- Não conseguimos passar!
- É isso o que queremos!
- Desmontem essa barragem!
- Não desmontaremos!

Os homens no barco conversaram baixinho entre si por um tempo, e então gritaram:

- Jacarés!
- O que foi? — eles responderam.
- Não vão desmontar?
- Não!
- Até amanhã, então!
- Até quando quiserem!

E o bote voltou ao vapor, enquanto os jacarés, loucos de alegria, davam tremendas rabadas na água. Nenhum vapor passaria mais por ali e sempre, sempre haveria peixes.

Mas, no dia seguinte, o vapor voltou e, quando os jacarés olharam para o barco, ficaram pasmos: não era mais o mesmo barco. Era um outro, uma embarcação cor de rato, muito maior que a outra.

Que vapor novo seria aquele? Esse também tentaria passar? Mas não passaria, não. Nem esse, nem o anterior, nem qualquer outro!

— Não, não vai passar! — gritaram os jacarés, lançando-se à barragem, cada um ocupando seu lugar entre as toras.

O novo navio, como o anterior, parou ao longe e, também como o outro, baixou um bote que se aproximou da barragem.

Dentro estavam um oficial e oito marinheiros. O oficial gritou:

— Ei, jacarés!

— O que foi? — eles responderam.

— Não vão desmontar a barragem?

— Não.

— Não?

— Não!

— Muito bem — disse o oficial. — Então vamos afundá-la com tiros de canhão.

— Tentem! — os jacarés responderam. E o bote voltou para o navio.

O fato é que aquele navio cor de rato era um navio de guerra, um navio de guerra com canhões terríveis. O velho e sábio jacaré, que uma vez tinha ido ao mar, se lembrou de repente, e mal teve tempo de gritar para os outros jacarés:

— Escondam-se debaixo d'água! Rápido! É um navio de guerra! Cuidado! Escondam-se!

Os jacarés desapareceram em um instante debaixo d'água e nadaram até a margem, onde afundaram, deixando apenas o nariz e os olhos acima da superfície. Naquele

exato momento, uma grande nuvem de fumaça branca subiu do navio, um estrondo terrível soou e uma enorme bala de canhão caiu em cheio na barragem, bem no meio dela. Dois ou três troncos voaram em pedaços, e então outra bala caiu, e outra e mais outra, e cada uma fez uma parte da barragem voar em lascas, até que não restasse mais nada da barragem. Nem um tronco, nem uma lasca, nem uma casca. Tudo havia sido destruído pelos tiros de canhão do navio de guerra. E os jacarés, afundados na água, só com os olhos e o nariz para fora, viram o navio de guerra passar, assobiando com força total.

Então os jacarés saíram da água e disseram:

— Vamos fazer outra barragem bem maior do que a anterior.

E, naquela mesma tarde e noite, construíram outra barragem, com enormes toras. Depois foram dormir, muito cansados, e ainda dormiam no dia seguinte quando o navio de guerra voltou a aparecer e o bote se aproximou da barragem.

— Ei, jacarés! — gritou o oficial.

— O que foi? — os jacarés responderam.

— Desmontem essa nova barragem!

— Não vamos desmontar!

— Vamos desmontá-la com tiros de canhão como a outra!

— Desmontem, se puderem!

E falaram isso com orgulho, porque tinham certeza de que sua nova barragem não poderia ser desfeita nem por todos os canhões do mundo. Mas, pouco depois, o navio voltou a se envolver em fumaça e, com um estrondo horrível, a bala arreventou a barragem no meio, porque desta vez tinham disparado uma granada. A granada se chocou contra os troncos, explodindo, dilacerando, estilhaçando as enormes vigas. A segunda granada estourou ao lado da primeira e outro trecho da barragem voou pelos ares. E assim eles foram destruindo a barragem. E não sobrou nada dela. Nada, nada. O navio de guerra então passou diante dos jacarés, e os homens zombaram deles, cobrindo a boca.

— Bem — disseram os jacarés, saindo da água —, todos nós vamos morrer, porque o barco sempre passará e os peixes não voltarão.

E ficaram todos tristes, porque os jacarés filhotes já se queixavam de fome.

O velho jacaré então disse:

— Ainda temos esperança de nos salvar. Vamos ver o bagre-surubim. Quando fui até o mar, fiz a viagem com ele, e ele tem um torpedo. Ele presenciou uma batalha entre dois navios de guerra e trouxe um torpedo para cá que não explodiu. Nós vamos perguntar a ele. Embora não goste

muito de nós, os jacarés, ele tem um bom coração e não quer a morte de todos nós.

O fato é que antes, muitos anos antes, os jacarés haviam comido um sobrinho do bagre-surubim e, por causa disso, ele não queria mais ter amizade com os jacarés. Mas, apesar de tudo, eles se apressaram para ver o surubim, que morava em uma enorme caverna às margens do rio Paraná e sempre dormia ao lado do seu torpedó.

Alguns surubins chegam até dois metros de comprimento e o dono do torpedó era um desses.

— Surubim! — gritaram todos os jacarés na entrada da gruta, sem se atreverem a entrar por causa daquele tal assunto do sobrinho.

— Quem me chama? — respondeu surubim.

— Somos nós, os jacarés!

— Não tenho e não quero ter amizade com vocês — respondeu o surubim, de mau humor.

Então o velho jacaré se adiantou um pouco na entrada da gruta e disse:

— Sou eu, surubim! Sou seu amigo jacaré que fez a viagem até o mar com você!

Ao ouvir aquela voz familiar, o surubim saiu da gruta.

— Ah, eu não tinha reconhecido você! — ele disse carinhosamente para seu velho amigo. — O que você quer?

— Viemos pedir o seu torpedo. Há um navio de guerra que passa pelo nosso rio e espanta os peixes. É um navio de guerra, um navio de guerra. Construímos uma barragem e ele a destruiu. Fizemos outra, e ele também a destruiu. Os peixes se foram, e vamos morrer de fome. Dê o torpedo para nós e o afundaremos.

O surubim, ao ouvir aquilo, pensou por muito tempo, e então disse:

— Está bem, eu vou emprestar o torpedo a vocês, embora eu sempre me lembre do que fizeram ao filho do meu irmão. Quem sabe como detonar o torpedo?

Ninguém sabia, e todos ficaram em silêncio.

— Tudo bem — disse o surubim com orgulho —, eu faço o torpedo explodir. Eu sei como fazer isso.

Então eles organizaram a viagem. Os jacarés se amarraram uns aos outros: suas caudas atadas ao pescoço dos outros, a cauda do último ao pescoço do primeiro, formando assim uma longa rede de jacarés com mais de um quarteirão de comprimento. O imenso surubim empurrou o torpedo na correnteza e se posicionou debaixo dele, segurando-o sobre suas costas para que flutuasse. E como haviam acabado os cipós com os quais os jacarés se amarraram uns nos outros, o surubim agarrou o rabo do último jacaré e partiram. O surubim levava o torpedo e os jacarés puxavam, nadando

ao longo da margem. Subiam, desciam, pulavam sobre as pedras, sempre rápidos e arrastando o torpedo, que devido à velocidade levantava ondas como um navio. Na manhã seguinte, muito cedo, chegaram ao local onde haviam construído a sua última barragem, e logo iniciaram outra, mas bem mais forte do que as anteriores, pois, a conselho do surubim, colocaram as toras bem juntas, uma ao lado da outra. Era uma barragem realmente formidável.

Mal havia se passado uma hora desde que a última tora da barragem havia sido colocada, quando o navio de guerra apareceu novamente, e o bote com o oficial e os oito marinheiros outra vez se aproximou da barragem. Então os jacarés subiram nos troncos e colocaram a cabeça para o outro lado.

— Ei, jacarés! — gritou o oficial.

— O que foi? — os jacarés responderam.

— Uma barragem de novo?

— Sim, de novo!

— Desmontem essa barragem!

— Nunca!

— Não vão desmontar?

— Não!

— Tudo bem. Então, ouçam — disse o oficial. — Nós vamos destruir essa barragem, e para que vocês não tentem

construir outra depois, nós vamos destruir vocês com tiros de canhão. Nem um único jacaré será deixado vivo. Nem grande, nem pequeno, nem gordo, nem magro, nem jovem, nem velho como aquele jacaré muito idoso que vejo ali com apenas dois dentes nas laterais da boca.

O velho e sábio jacaré, vendo que o oficial se dirigia a ele e zombava, disse:

— É verdade que me sobraram apenas alguns dentes e que alguns estão quebrados. Mas você sabe o que esses dentes vão comer amanhã? — ele acrescentou, abrindo sua boca enorme.

— O que será que eles vão comer? Conte para nós! — os marinheiros responderam.

— Esse oficial aí — disse o jacaré e rapidamente desceu de sua tora.

Enquanto isso, o surubim havia colocado seu torpedo bem no centro da barragem, ordenando que quatro jacarés o segurassem com cuidado e que o afundassem na água até que ele desse o sinal. Assim eles fizeram. Imediatamente, os outros jacarés mergulharam perto da margem, deixando apenas seus focinhos e olhos acima da água. O surubim afundou ao lado do seu torpedo.

De repente, o navio de guerra se encheu de fumaça e lançou o primeiro tiro de canhão contra a barragem. A

granada explodiu bem no centro do dique, explodindo dez ou doze toras em mil pedaços.

Mas o surubim estava alerta e assim que o buraco no cais foi aberto, ele gritou para os jacarés que estavam debaixo d'água e seguravam o torpedo:

— Soltem o torpedo, rápido, soltem!

Os jacarés soltaram e o torpedo veio à superfície da água.

Em menos tempo do que levaria para contar, o surubim posicionou o torpedo bem no meio do buraco aberto. Mirou com apenas um olho e acionou o mecanismo do torpedo, lançando-o contra o navio.

Não havia tempo a perder! Naquele momento, o encouraçado já iria lançar seu segundo tiro de canhão e a granada ia explodir entre as toras, fazendo com que outro pedaço do cais se estilhaçasse.

Mas o torpedo já chegava ao navio, e os homens que estavam no convés o viram: isto é, viram o rastro de espuma que um torpedo faz na água. Todos gritaram alto de pavor e queriam mover o encouraçado para que o torpedo não os atingisse.

Mas era tarde demais. O torpedo chegou, colidiu com o imenso navio bem no meio do casco e explodiu.

Não é possível descrever o terrível barulho da explosão do torpedo. Ele estourou e dividiu o navio em quinze mil

pedaços. Ele lançou nos ares, a dezenas de metros de distância, chaminés, motores, canhões, botes, tudo.

Os jacarés urraram de triunfo e correram como loucos para a barragem. Dali viram alguns homens mortos, feridos e outros ainda vivos serem arrastados pela correnteza do rio e passarem pelo buraco aberto pela granada na represa.

Subiram amontoados nas toras que restavam dos dois lados da abertura e, quando os homens passaram boiando, eles zombaram, tapando a boca com as patas.

Eles não queriam comer nenhum dos homens, embora bem que merecessem. Só quando passou um que tinha galões de ouro no uniforme, ainda vivo, é que o velho jacaré pulou na água e *tac!* Ele o engoliu em duas mordidas.

— Quem era esse? — perguntou um jacarezinho distraído.

— Era o oficial — respondeu o surubim. — Meu velho amigo havia prometido a ele que o comeria, e ele comeu.

Os jacarés desmontaram o resto da barragem, que agora era inútil, pois nenhum navio passaria por ali novamente. O surubim se apaixonou pelo cinto e pelos cordões do oficial e os pediu de presente. Ele teve de arrancá-los dos dentes do velho jacaré, pois estavam enroscados ali. O surubim ajustou o cinto, prendendo-o sob as nadadeiras e, na ponta de seus grandes bigodes, prendeu os cordões da espada. Como a

pele do surubim é muito bonita e as manchas escuras que ela tem lembram as de uma serpente, ele nadou por uma hora desfilando para os jacarés, que o admiravam de boca aberta. Os jacarés então o acompanharam até a sua gruta e lhe agradeceram inúmeras vezes. Por fim, eles retornaram ao seu lar. Os peixes também voltaram, os jacarés viveram e ainda vivem muito felizes, porque no final das contas se acostumaram com os vapores e os navios que transportam laranjas.

Mas eles não querem mais saber de navios de guerra.

A CORÇA CEGA

Era uma vez um veado — uma corça — que tinha filhos gêmeos, coisa rara entre os veados. Um gato selvagem comeu um deles, e apenas a fêmea sobreviveu. As outras corças, que a amavam muito, sempre faziam cócegas em seus flancos.

Sua mãe a fazia repetir todas as manhãs, ao raiar do dia, a oração do veado. E ela era assim:

- I. Você tem de cheirar as folhas antes de comê-las, porque algumas são venenosas;
- II. É preciso dar uma boa olhada no rio e ficar parada antes de descer para beber, para ter certeza de que não há jacarés;
- III. A cada meia hora, você tem de levantar a cabeça e sentir o cheiro do vento, para sentir o cheiro da onça;
- IV. Quando comer grama do chão, sempre olhe primeiro para o mato para ver se há cobras.

Este é o Pai Nosso do pequeno veado. Quando a pequena corça o aprendeu de cor, sua mãe a deixou sair sozinha.

No entanto, numa tarde, enquanto a corcinha atravessava a montanha comendo as folhas novas, de repente ela viu diante de si, na parte oca de uma árvore podre, algumas bolinhas amontoadas umas nas outras. Elas eram de cor escura, como se fossem rochas de ardósia.

O que seria? Ela também ficou um pouco assustada, mas como era muito curiosa, deu uma cabeçada naquelas coisas e saiu correndo.

Então ela viu que as bolinhas haviam rachado e que caíam gotas delas.

Saíram também muitas pequenas moscas douradas, com cinturas fininhas, andando apressadamente sobre ela.

A pequena corça se aproximou e as moscas não a morde-ram. Lentamente, então, muito lentamente, ela provou uma gota com a ponta da língua e lambeu com muito prazer. Essas gotas eram mel, e que mel delicioso, porque as bolas de cor escura eram uma colmeia de abelhinhas, as quais não picavam porque não possuíam ferrão. Existem abelhas assim. Em dois minutos, a corcinha comeu todo o mel e, louca de felicidade, foi contar para a mãe. Mas a mãe a repreendeu seriamente:

— Tenha muito cuidado, minha filha, com os ninhos de abelhas — ela disse. O mel é uma coisa muito saborosa,

mas é perigoso ir buscá-lo. Nunca mais mexa nas colmeias que você encontrar.

A pequena corça exclamou com alegria:

— Mas eles não me picaram, mãe! As mutucas e as varejeiras mordem, mas as abelhas não.

— Você está enganada, minha filha — continuou a mãe. — Você teve sorte hoje, só isso. Existem abelhas e vespas muito más. Cuide-se, minha filha, porque senão vou ficar contrariada.

— Sim, mamãe! Sim, mamãe! — respondeu a pequena corça. Mas a primeira coisa que fez na manhã seguinte foi seguir pelos caminhos que os homens abriram nas montanhas para encontrar as colmeias com maior facilidade.

Até que finalmente encontrou uma. Desta vez, o ninho tinha abelhas escuras com uma faixa amarela na cintura que andavam sobre a colmeia. O ninho também era diferente, mas a corcinha pensou que, como essas abelhas eram maiores, o mel devia ser mais gostoso.

Ela também se lembrou da recomendação de sua mãe, mas acreditava que a matriarca tinha exagerado como as mães de corcinhas sempre fazem. Então, deu uma grande cabeçada no ninho.

Quem dera nunca tivesse feito isso! Centenas de vespas saíram imediatamente, milhares de vespas a picaram por

todo o corpo, deixaram-na machucada na cabeça, na barriga, na cauda e, o que é muito pior, até nos olhos. Ela foi picada mais de dez vezes nos olhos.

A corcinha, louca de dor, correu e correu gritando, até que teve de parar de repente porque não conseguia mais ver nada. Ela estava cega, completamente cega.

Seus olhos tinham inchado muito e ela não conseguia mais enxergar. Então ficou imóvel, tremendo de dor e medo, e só podia chorar desesperadamente.

— Mamãe! Mamãe!

A mãe, que tinha saído para procurá-la, porque já demorava muito, finalmente a encontrou, e ela também se desesperou ao ver sua corcinha, que agora estava cega. Ela a conduziu vagorosamente até sua toca, com a cabeça de sua filha apoiada em seu pescoço, e os animais da floresta que encontraram no caminho se aproximaram para ver os olhos da infeliz corcinha.

A mãe não sabia o que fazer. Que remédio poderia dar? Ela sabia muito bem que na cidade do outro lado da montanha vivia um homem que tinha remédios. O homem era um caçador, e também caçava veados, mas era um bom homem.

A mãe tinha medo, porém, de levar a filha a um homem que caçava corças. Como estava desesperada, decidiu fazê-lo.

Mas primeiro ela queria ir e pedir uma carta de recomendação do tamanduá, que era um grande amigo do homem.

Ela saiu, então, depois de deixar a corcinha bem escondida, e correu pela montanha, onde a onça quase a alcançou. Quando chegou à toca de seu amigo, não conseguia mais andar de tão cansada. Esse amigo era, como já foi dito, um tamanduá; porém, ele era de uma espécie pequena, cujos indivíduos têm uma cor amarela e, acima da cor amarela, uma espécie de camisa preta presa por duas fitas que passam por sobre seus ombros. Eles também têm uma cauda preênsil, porque sempre vivem em árvores e prendem de suas caudas.

De onde veio a amizade íntima entre o tamanduá e o caçador? Na selva, ninguém saberia dizer, mas quem sabe um dia essa história será revelada?

A pobre mãe, então, chegou à toca do tamanduá.

— *Toc! Toc! Toc!* — ela bateu, sem fôlego.

— Quem é? — respondeu o tamanduá.

— Sou eu, a corça!

— Ah, bom! O que a corça quer?

— Vim lhe pedir uma carta de recomendação para o caçador. Minha filha, a corcinha, está cega.

— A corcinha? — respondeu o tamanduá. — Ele é uma boa menina. Se for para ela, eu lhe dou o que você quer sim.

Mas você não precisa de nada por escrito... mostre isto a ele, e ele a atenderá.

E, com a ponta da cauda, o tamanduá estendeu para a corça a cabeça de uma serpente completamente seca, que ainda tinha suas presas venenosas.

— Mostre isto a ele — completou o tamanduá. — Só isso bastará.

— Obrigada, tamanduá! — disse a corça alegremente. — Você também é bom.

E ela correu, porque era muito tarde e ia amanhecer em breve. Passando por sua toca, ela pegou a filha, muito debilitada, e juntas foram à cidade, onde tiveram de andar bem devagar e encostadas nas paredes para que os cães não as notassem. Logo chegaram no portão do caçador.

— *Toc! Toc! Toc!* — elas bateram.

— O que foi? — a voz de um homem respondeu de dentro.

— Nós somos as corças! Temos a cabeça de uma serpente!

A mãe se apressou a dizer isso para que o homem soubesse que eram amigas do tamanduá.

— Ah, sim! — disse o homem, abrindo a porta. — O que foi?

— Viemos curar minha filha, a corcinha, que está cega.

— E contou ao caçador toda a história das abelhas.

— *Hum!* Vamos ver o que essa mocinha tem — disse o caçador. E, entrando de novo na casa, saiu em seguida com uma cadeira alta e fez a corcinha se sentar nela para que pudesse ver bem os seus olhos sem se abaixar muito. Ele examinou os olhos dela assim, bem de perto, com uma lente bem grande e redonda, enquanto sua mãe a iluminava com a lanterna que levava no pescoço.

— Isso não é muito grave — disse o caçador por fim, ajudando a corcinha a descer. — Mas você tem de ter muita paciência. Passe esta pomada em seus olhos todas as noites e mantenha-a vinte dias no escuro. Então coloque estes óculos amarelos nela, e ela ficará curada.

— Muito obrigada, caçador! — respondeu a mãe, muito feliz e agradecida. — Quanto lhe devo?

— Não é nada — respondeu o caçador, sorrindo. — Mas tome muito cuidado com os cachorros, pois, no outro quarteirão, mora um homem que tem cachorros que farejam a trilha dos veados.

As corças estavam com tanto medo que mal andavam e paravam a cada momento. E, no entanto, os cães as farejaram e correram meia légua pelo mato. Elas correram por um barranco muito longo e a corcinha foi balindo à frente deles.

Assim como o caçador disse, a cura foi efetivada. Mas só a corça sabia o quanto lhe custara manter a corcinha

trancada no oco de uma grande árvore por vinte longos dias. Lá dentro, a escuridão era completa. Finalmente, em certa manhã, a mãe empurrou com a cabeça o grande feixe de galhos, os quais ela havia colocado na entrada da parte oca da árvore para que a luz não entrasse, e a corcinha, com seus óculos amarelos, saiu correndo e gritou:

— Estou enxergando, mamãe! Eu vejo tudo!

E a corça, apoiando a cabeça em um galho, também chorou de alegria, vendo sua corcinha curada.

E ela se curou completamente. Mas, embora curada, saudável e feliz, a corcinha guardava um segredo que a entristecia. E o segredo era este: ela queria pagar ao homem que tinha sido tão bom para ela a todo custo, mas não sabia como.

Até que um dia ela pensou ter encontrado a solução. Começou a caminhar pelas margens das lagoas e pântanos, procurando penas de garça para levar ao caçador. O caçador, por sua vez, às vezes se lembrava daquela corcinha cega que havia curado.

E, em uma noite chuvosa, o homem estava muito feliz lendo em seu quarto, porque tinha acabado de consertar seu telhado de sapê, que agora não gotejava mais. Ele estava lendo quando ouviu alguém chamar. Abriu a porta e viu a corcinha, a qual lhe trazia um pequeno espanador todo ensopado feito de penas de garça.

O caçador começou a rir; e a corcinha, envergonhada porque achava que o caçador ria de seu pobre presente, foi embora muito triste. Então procurou penas maiores, muito secas e limpas, e uma semana depois voltou com elas. Desta vez o homem, que antes rira por afeto, não riu porque as corcinhas não entendiam o riso. Mas, em vez disso, deu-lhe uma taquara cheia de mel, que a corcinha bebeu, louca de felicidade.

Desde então, a corcinha e o caçador se tornaram grandes amigos. Ela sempre insistia em trazer-lhe penas de garça, que valem muito dinheiro, e passava horas conversando com o homem. Ele sempre colocava um jarro de cerâmica cheio de mel na mesa e puxava a cadeira alta para a amiga. Às vezes, também lhe dava charutos, que os veados comem com muito prazer, e não os prejudicam. Passavam o tempo assim, olhando o fogo, porque o homem tinha um fogão a lenha enquanto lá fora o vento e a chuva sacudiam as taperas de palha do rancho.

Por medo dos cães, a corcinha só ia lá em noites de tempestade. E, quando a noite caía e começava a chover, o caçador colocava o potinho de mel e o guardanapo sobre a mesa enquanto tomava café e lia, esperando na porta o *toc, toc!* bem conhecido de sua amiga corcinha.

HISTÓRIA DE DOIS FILHOTES DE QUATI E DE DOIS FILHOTES DE HOMEM

Era uma vez uma quati que tinha três filhos. Viviam nas montanhas comendo frutas, raízes e ovos de passarinhos.

Quando estavam no topo das árvores e ouviam algum grande barulho, eles mergulhavam para o chão e saíam correndo com as caudas levantadas.

Certa vez, quando os quatizinhos já estavam maiores, a mãe deles os reuniu em cima de uma laranjeira e falou com eles assim:

— Quatizinhos, vocês já são grandes o suficiente para procurar comida sozinhos. Devem aprender, porque quando ficarem mais velhos estarão por conta própria, como todos os quatis. O mais velho de vocês, que gosta muito de caçar besouros, pode encontrá-los entre os galhos apodrecidos, porque lá há muitos besouros e baratas. O segundo, que é um grande comedor de frutas, pode encontrá-las neste laranjal.

Até dezembro, haverá laranjas. O terceiro, que quer comer apenas ovos de pássaros, pode ir a todos os lugares, porque há ninhos de pássaros em tudo que é canto. Mas nunca vá procurar ninhos no campo, porque é perigoso. Quatizinhos, há apenas uma coisa que vocês devem ter muito medo. São os cães. Eu lutei com eles uma vez, e sei o que digo. É por isso que fiquei com um dente quebrado. Atrás dos cães sempre vêm os homens com um grande barulho, que mata. Quando ouvirem esse barulho nas proximidades, mergulhem de cabeça no chão, não importa a altura da árvore. Se não o fizerem, certamente serão mortos a tiros.

Assim falou a mãe. Todos desceram e se separaram, andando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, como se tivessem perdido alguma coisa, porque é assim que os quatis fazem.

O mais velho, que queria comer besouros, vasculhou entre os galhos podres e as folhas de ervas daninhas, e encontrou tantos que comeu até adormecer. O segundo, que preferia frutas a qualquer outra coisa, comeu quantas laranjas quis, porque aquele laranjal ficava dentro da floresta, como acontece no Paraguai e em Misiones, e ninguém veio incomodá-lo. O terceiro, que era louco por ovos de pássaros, teve de andar o dia todo para encontrar apenas dois ninhos: um de tucano, que tinha três ovos, e um de rolinha, que tinha apenas dois. No total, foram

cinco ovos pequenos, o que era muito pouca comida, de modo que, ao fim da tarde, o quatizinho estava com tanta fome quanto de manhã, e se sentou muito triste na encosta da montanha. Dali podia ver o campo e pensou na recomendação de sua mãe.

— Por que a mamãe não quer que eu vá procurar ninhos nos campos? — disse para si mesmo.

Estava pensando assim quando ouviu, ao longe, o canto de um pássaro.

— Que canto forte! — observou ele com admiração. — Que ovos grandes esse pássaro deve ter!

A música se repetiu. E então o quati começou a correr pelas colinas, cortando caminho, porque o canto havia soado bem à sua direita. O sol ia se pondo, mas o quati voava com o rabo levantado. Ele chegou ao sopé da colina, finalmente, e olhou para o campo. Ao longe, viu a casa dos homens e viu um homem de botas conduzindo um cavalo pela corda. Ele também viu um pássaro muito grande cantando e então o quatizinho bateu em sua testa e disse:

— Que idiota eu sou! Agora eu sei que pássaro é esse. É um galo. Mamãe me mostrou certo dia de cima de uma árvore. Os galos têm um lindo canto e têm muitas galinhas que põem ovos. Ah, se eu pudesse comer ovos de galinha!

Sabe-se que nada agrada tanto aos pequenos animais da montanha como os ovos das galinhas. Por um momento, o

quatizinho se lembrou da recomendação de sua mãe. Mas o desejo era mais forte, e ele se sentou na encosta da montanha, esperando a noite cair para poder ir ao galinheiro.

Quando a noite finalmente caiu, ele se dirigiu para a casa na ponta dos pés, um passo de cada vez. Ele chegou lá e escutou com atenção: não havia o menor barulho. O quatizinho, louco de alegria porque ia comer cem, mil, dois mil ovos de galinha, entrou no galinheiro, e a primeira coisa que viu logo na entrada foi um ovo largado sozinho no chão. Ele pensou por um momento em deixá-lo por último, para a sobremesa, porque era um ovo muito grande, mas a sua boca se encheu de água e ele afundou os dentes no ovo.

Ele mal o mordeu e *trac!*, sentiu uma pancada terrível no rosto e uma dor imensa no focinho.

— Mamãe, mamãe! — gritou, louco de dor, pulando para todos os lados. Mas ele estava preso e, nesse momento, ouviu o latido rouco de um cachorro. Enquanto o quati esperava o cair da noite na encosta da montanha para ir ao galinheiro, o homem da casa brincava no gramado com seus filhos, duas crianças loiras de cinco e seis anos, que riam, corriam e caíam, levantavam-se, riam e caíam de novo. O pai também caía, para grande alegria dos meninos. Eles finalmente pararam de brincar quando já era noite, e o homem então disse:

— Vou armar a armadilha para pegar a doninha que vem matar as galinhas e roubar os ovos.

E foi ele quem armou a armadilha. Então eles jantaram e foram para a cama. Mas as crianças não estavam com sono, pulavam de uma cama para outra e se enrolavam em suas camisolas. O pai, que lia na sala de jantar, deixou que brincassem. Mas os meninos de repente pararam em seus saltos e gritaram:

— Papai! A doninha caiu na armadilha! Tuké está latindo! Nós queremos ir também, pai!

O pai consentiu, mas não sem os filhos calçarem seus chinelos, pois nunca os deixava andar descalços à noite, com medo de serpentes.

E lá se foram. E o que eles viram lá? Viram o pai agachado, segurando o cachorro com uma mão enquanto com a outra levantava pelo rabo um quati, um quati ainda pequeno, que gritava com um guincho muito rápido e estridente, como o de um grilo.

— Papai, não o mate! — disseram as crianças. — Ele é muito pequeno! Queremos ficar com ele!

— Bem, vou dar o bichinho para vocês — respondeu o pai. — Mas cuidem bem dele e, sobretudo, não se esqueçam de que os quatis bebem água como vocês.

Ele disse isso porque os meninos já haviam criado um gatinho selvagem para o qual traziam carne de vez em quando, que tiravam do próprio jantar, mas nunca lhe deram água e ele morreu.

Em seguida, eles colocaram o quati na mesma jaula do gato selvagem, que ficava perto do galinheiro, e todos voltaram para as suas camas.

E quando já passava da meia-noite e fazia um grande silêncio, o quatizinho, que ainda sofria muito com os machucados dos dentes da armadilha, viu, ao luar, três sombras que se aproximavam com grande discrição. O coração do pobre quatizinho disparou quando reconheceu sua mãe e seus dois irmãos, que o procuravam.

— Mamãe, mamãe! — o prisioneiro murmurou em voz muito baixa para não fazer barulho. — Estou aqui! Tire-me daqui! Eu não quero ficar, ma... ma...! — E ele chorava, desconsolado.

Mas, apesar de tudo, estavam felizes porque se encontraram e se fizeram mil carícias nos focinhos.

Imediatamente foi feita uma tentativa para resgatar o prisioneiro. Eles tentaram primeiro cortar o fio de arame, todos os quatro começaram a trabalhar com os dentes, mas não conseguiram nada. Então a mãe de repente teve uma ideia e disse:

— Vamos encontrar as ferramentas do homem! Os homens têm ferramentas para cortar ferro. Elas são chamadas de limas. Elas têm três lados como cascavéis. Se empurra e puxa. Vamos encontrá-la!

Eles foram à oficina do homem e voltaram com a lima. Acreditando que um sozinho não teria força suficiente, os três seguraram a lima e começaram o trabalho. E eles ficaram tão empolgados que depois de um tempo toda a gaiola tremia e o tremor fazia um barulho terrível. Fez tanto barulho que o cachorro acordou, lançando um latido rouco. Mas os quatis não esperaram que o cachorro lhes pedisse explicações daquele escândalo e fugiram para a colina, largando a lima no chão.

No dia seguinte, os meninos foram logo cedo ver seu novo hóspede, que estava muito triste.

— Que nome vamos dar a ele? — a menina perguntou ao irmão.

— Já sei! — respondeu o menino. — Vai se chamar Dezessete!

— Por que Dezessete? Nunca houve um animal selvagem com um nome tão estranho.

Mas o garotinho estava aprendendo a contar, e esse número talvez tenha chamado a sua atenção.

O fato é que passou a se chamar Dezessete. Deram-lhe pão, uvas, chocolate, carne, lagostas, ovos, deliciosos ovos de galinha.

Conseguiram fazer com que ele lhes deixasse coçar a sua cabeça já no primeiro dia. A sinceridade do afeto das crianças era tão grande que, quando a noite chegou, o quati já estava quase resignado ao seu cativeiro. Pensava a cada momento nas coisas deliciosas que havia para comer ali e pensava naqueles filhotinhos loiros de homens, tão alegres e bondosos.

Por duas noites seguidas, o cachorro dormiu tão perto da jaula que a família do prisioneiro não ousou se aproximar, com muito pesar. Quando, na terceira noite, chegaram novamente para pegar a lima para libertar o quatizinho, ele lhes disse:

— Mamãe, não quero mais sair daqui. Eles me dão ovos e são muito bons para mim. Hoje eles me disseram que se eu me comportar bem, irão me soltar muito em breve. Eles são como nós. Eles também são filhotes e nós brincamos juntos.

Os quatis selvagens ficaram muito tristes, mas se resignaram, prometendo ao pequeno quatizinho que viriam visitá-lo todas as noites.

De fato, todas as noites, com chuva ou sem chuva, sua mãe e seus irmãos passavam algum tempo com ele. O quatizinho lhes passava pão pela tela de arame e os quatis selvagens se sentavam para comer em frente à jaula.

Depois de quinze dias, o quatizinho estava solto e ele próprio ia para a sua jaula à noite. Exceto por alguns puxões

de orelha que levava quando chegava muito perto do galinheiro, tudo estava indo bem. Ele e as crianças se amavam muito e, mesmo os quatis selvagens, vendo como eram bons aqueles filhotinhos, acabaram também criando afeto pelas duas crianças.

Até que em uma noite tremendamente escura, quando fazia muito calor e trovejava, os quatis selvagens chamaram o pequeno quatizinho, mas não tiveram resposta. Eles se aproximaram muito inquietos e então viram, no momento em que quase pisaram nela, uma enorme serpente que estava enrolada na entrada da jaula. Os quatis entenderam imediatamente que o quatizinho havia sido mordido ao entrar e por isso não respondera ao chamado — porque talvez já estivesse morto. Mas eles o vingariam bem. Em um segundo, os três enlouqueceram a cascavel, pulando em volta dela e, em outro segundo, caíram sobre a serpente, arrancando-lhe a cabeça. Então eles correram para dentro, e lá estava o quatizinho, esticado, inchado, com as pernas trêmulas e agonizando. Em vão, os quatis selvagens o moveram e lamberam todo o seu corpo durante quinze minutos. O quatizinho finalmente abriu a boca e parou de respirar, porque estava morto.

Os quatis são quase invulneráveis, como dizem, ao veneno das víboras. O veneno não lhes faz quase nada. Também há outros animais, como o mangusto, que resistem muito

bem ao veneno das cobras. Certamente o quatizinho fora mordido em uma artéria ou veia importante, porque então o sangue é imediatamente envenenado e o animal logo morre. Foi o que aconteceu com ele.

Vendo-o assim, sua mãe e seus irmãos choraram por muito tempo. Mais tarde, como não tinham mais nada para fazer ali, saíram da jaula, viraram-se para olhar pela última vez a casa onde o quatizinho vivera tão feliz e voltaram para a colina.

Mas os três quatis, no entanto, estavam muito preocupados, e sua preocupação era a seguinte: o que os meninos fariam quando, no dia seguinte, vissem seu amado quatizinho morto? Os meninos o amavam muito, e eles, os quatis, também amavam os filhotinhos loiros. Então os três tiveram a mesma ideia, para evitar aquela grande dor para as crianças.

Eles conversaram por um longo tempo e finalmente decidiram que o segundo dos quatis, que tinha o corpo e as maneiras muito parecidos com o mais novo, ficaria na jaula em vez do falecido. Como eles sabiam de muitos segredos da casa, através das histórias do quatizinho, os meninos não desconfiariam de nada. Talvez estranhassem algumas coisas, mas nada demais.

E assim aconteceu. Voltaram para a casa, e um novo quatizinho substituiu o primeiro, enquanto a mãe e o outro

irmão levavam o cadáver do menor em seus dentes. Eles o carregaram lentamente colina acima, sua cabeça pendia para baixo e balançava, e seu rabo arrastava no chão.

No dia seguinte, os meninos estranharam, de fato, alguns costumes incomuns do quatizinho. Mas como este era tão bom e carinhoso como o outro, as crianças acabaram por não ter a menor ideia. Eles formavam a mesma família de filhotes de antes, e, como antes, os quatis selvagens vinham noite após noite visitar o quatizinho domesticado. Sentavam-se ao lado dele e comiam os pedaços de ovos cozidos que guardava para eles, enquanto, em retribuição, contavam a ele sobre sua vida na selva.

A TRAVESSA DO YABEBIRÍ

No rio Yabebirí, que fica em Misiones, há muitas arraias, porque “Yabebirí” significa precisamente “rio das arraias”. São tantas que, às vezes, é perigoso colocar um único pé na água. Conheci um homem que foi ferroadado por uma arraia no calcanhar e que precisou mancar meia légua para chegar em casa: o homem estava chorando e caindo de dor. É uma das dores mais fortes que se pode sentir.

Como no Yabebirí também há muitos outros peixes, alguns homens vão pescá-los com bombas de dinamite. Eles jogam uma bomba no rio, matando milhões de peixes. Todos os peixes que estão por perto morrem, mesmo que sejam do tamanho de uma casa. E todos os pequeninos também morrem, mas não servem para comer.

Contudo, certa vez, um homem foi morar lá e não queria que jogassem bombas de dinamite, porque tinha pena dos peixinhos. Ele não se opunha a que pescassem no rio para comer, mas não queria que matassem inutilmente

milhões de peixinhos. De início, os homens que jogavam as bombas ficaram zangados, mas como o homem tinha um caráter sério e era muito correto, os outros foram caçar em outro lugar, e todos os peixes ficaram muito felizes. Tão felizes e agradecidos que o reconheciam assim que ele se aproximava da margem. E quando ele andava pela várzea fumando, as arraias o seguiam rastejando pela lama, muito felizes por acompanhar o amigo. Ele não se importava com nada e vivia feliz naquele lugar. E aconteceu que, num dia à tarde, uma raposa veio correndo até o Yabebirí e colocou suas patas na água, gritando:

— Ei, arraias! Atenção! Aí vem o seu amigo. Está ferido.

As arraias que a ouviram, correram ansiosas para a margem. E perguntaram à raposa:

— O que aconteceu? Onde está o homem?

— Está vindo! — gritou a raposa novamente. — Ele enfrentou uma onça! A onça está vindo em perseguição! Ele certamente vai atravessar até a ilha! Abram espaço para ele, porque ele é um bom homem!

— Também achamos! Vamos ajudá-lo a atravessar!
— responderam as arraias. — Mas quanto a onça, essa não vai passar!

— Cuidado com ela! — advertiu a raposa novamente.
— Não se esqueçam de que é a onça!

E com um salto, a raposa se embrenhou novamente na colina. Ela mal tinha acabado de sumir quando o homem empurrou os galhos para o lado e apareceu todo ensanguentado e com a camisa rasgada. Sangue escorria do seu rosto e do seu peito para as suas calças, e, dos vincos das suas calças, o sangue pingava na areia. Ele cambaleou em direção à margem, porque estava gravemente ferido e entrou no rio. E assim que ele pisou na água, as arraias, que estavam amontoadas, lhe abriram caminho; e o homem chegou à ilha com água até o peito, sem ser ferido por nenhuma delas. Ao chegar, caiu inconsciente na mesma areia, devido a grande quantidade de sangue que havia perdido.

As arraias nem tiveram tempo de sentir pena de seu amigo ferido quando um rugido terrível as fez pular na água.

— A onça! A onça! — todas gritaram, disparando como uma flecha para a margem.

De fato, era a onça que havia lutado com o homem e o perseguido até a margem do Yabebirí. O animal também estava muito ferido, e o sangue escorria por todo o seu corpo. Ela viu o homem caído como morto na ilha e, rugindo de raiva, ela se jogou na água, para terminar de matá-lo.

Mas assim que pôs a pata na água, sentiu como se oito ou dez pregos terríveis tivessem sido cravados nas pernas e saltou para trás. Eram as arraias, defendendo a travessia

do rio, e a tinham ferroado com todas as suas forças com as agulhas de suas caudas.

A onça ficou roncando de dor, com a pata para o ar. Ao ver toda a água na margem turva, como se estivessem revolvendo a lama do fundo, ela entendeu que eram as arraias que não queriam deixá-lo passar. E então gritou furioso:

— Ah, eu sei o que é! São vocês, malditas arraias! Saiam do caminho!

— Não vamos sair! — responderam.

— Saiam!

— Não vamos sair! Ele é um bom homem! Você não tem o direito de matá-lo!

— Ele me feriu!

— Ambos se feriram! A briga de vocês foi no mato! Aqui embaixo ele está sob nossa proteção! Não passará!

— Passarei! — A onça rugiu pela última vez.

— Nem nunca! — responderam as arraias.

(Na verdade, elas disseram “nem nunca” porque é assim que falam os que usam a língua guarani, como em Misiones.)

— Isso vamos ver! — a onça ainda rugia. E ela deu um passo para trás para ganhar impulso e dar um salto enorme.

A onça sabia que as arraias ficavam quase sempre na beira da água e pensou que se conseguisse dar um salto

muito grande, talvez não tivessem mais arraias no meio do rio, assim poderia comer o moribundo.

Mas as arraias adivinharam e todas nadaram para o meio do rio, dizendo:

— Saia da margem! — gritaram debaixo d'água. — Para o meio do rio! Para o canal! Para o canal!

E, em um segundo, o exército de arraias correu para o meio rio, para defender a passagem, enquanto a onça dava seu salto enorme e caía na água. Ficou louca de alegria, porque a princípio não sentiu nenhuma ferroada, e acreditou que as arraias haviam ficado todas na praia, que as havia enganado...

Mas assim que ela deu o primeiro passo, uma verdadeira saraivada de ferroadas, como punhaladas de dor, a deteve em seu caminho: eram as arraias novamente, cravando suas pernas com seus agulhões.

A onça queria continuar, mas a dor era tão insuportável que ela gritou e nadou rapidamente de volta para a praia. E deitou-se de lado na areia, porque não aguentava mais sofrer. Sua barriga subia e descia como se estivesse muito cansada.

O que aconteceu é que a onça fora envenenada pelo veneno das arraias.

Mas embora tivessem derrotado a onça, as arraias não se acalmaram porque temiam que ela e ainda outras onças

viessem, e muitas outras... E que não poderiam mais defender a travessia.

De fato, a montanha rugiu novamente, e a onça fêmea apareceu, louca de fúria ao ver a onça macho deitada de lado na areia. Ela também viu a água turva devido ao movimento das arraias e se aproximou do rio. Quase tocando a boca na água, gritou:

— Arraias! Eu quero passar! Não vai sobrar uma única arraia com rabo, se não me deixarem passar! — a onça fêmea rugiu.

— Mesmo se ficarmos sem nossas caudas, você não vai passar! — elas responderam.

— Pela última vez, passarei!

— Nem nunca! — gritaram as arraias.

A onça fêmea, enfurecida, inadvertidamente colocou a pata na água, e uma arraia, que se aproximava lentamente, meteu o seu ferrão entre os dedos dela. Ao berro de dor do animal, as arraias responderam sorrindo:

— Parece que ainda temos caudas!

Mas a onça fêmea teve uma ideia e, com essa ideia na cabeça, se afastou dali, margeando rio acima, sem dizer uma palavra.

Mas as arraias também entenderam qual era o plano da inimiga. O plano era este: atravessar o rio pelo outro lado, onde as arraias não conseguiriam defender a travessia. E então uma imensa ansiedade se apossou das arraias.

— Ela vai atravessar o rio mais acima! — elas gritaram.
— Não queremos que ela mate o homem! Temos de defender o nosso amigo!

E elas se agitaram desesperadamente na lama, até que nublaram o rio.

— Mas o que faremos? — elas diziam. — Não conseguimos nadar tão rápido...

A onça fêmea ia atravessar antes que as arraias conseguissem defender a passagem da margem toda!

Elas estavam sem saber o que fazer. Então uma arraiazinha muito inteligente disse, de repente:

— Atenção! Vamos pedir ajuda aos dourados! Os dourados são nossos amigos! Eles nadam mais rápido do que qualquer um!

— É isso! — todas gritaram. — Vamos pedir ajuda aos dourados!

Em um instante, o pedido se espalhou e, em outro instante, foram vistas oito ou dez fileiras de dourados, um verdadeiro exército de dourados nadando a toda velocidade rio acima, deixando sulcos na água como se fossem torpedos.

Apesar disso, mal tiveram tempo de dar a ordem de bloquear a travessia das onças; a onça fêmea já estava nadando, prestes a alcançar a ilha.

As arraias já haviam nadado para a outra margem e, assim que os pés da onça fêmea tocaram a areia do leito do rio, as arraias atacaram as suas pernas, rasgando-as com suas ferroadas. A onça fêmea, enfurecida e louca de dor, berrou, pulou na água, lançou jorros com as patas. Mas as arraias continuaram a investir contra as suas pernas, bloqueando o seu caminho de tal maneira que a onça fêmea se revirou, mergulhou novamente e foi se deitar na margem, com as quatro patas monstruosamente inchadas. Dali também não poderia comer o homem.

Mas as arraias também ficaram muito cansadas. E o que é pior, a onça macho e a fêmea acabaram se levantando e indo para a mata.

O que eles iriam fazer? Aquilo deixou as arraias muito inquietas, e elas tiveram uma longa conferência. Por fim decidiram:

— Já sabemos! Eles vão procurar as outras onças e todas virão. Todas as onças virão e atravessarão!

— Nem nunca! — gritaram as arraias mais jovens e as que não tinham muita experiência.

— Sim, elas vão atravessar, companheiras! — responderam as mais velhas com tristeza. — Se vierem muitas, vão acabar atravessando... Vamos consultar o nosso amigo.

E todas foram perguntar ao homem, porque, para defender a travessia do rio, ainda não tinham ido falar com ele.

O homem continuava deitado, pois havia perdido muito sangue, mas conseguia falar e se mexer um pouco. Em um instante, as arraias lhe contaram o que havia acontecido e como haviam defendido a travessia das onças que queriam comê-lo. O ferido ficou muito comovido com a amizade das arraias que lhe salvaram a vida e acariciou as arraias que estavam mais próximas dele com um carinho genuíno. E então ele disse:

— Não há remédio! Se as onças forem muitas e quiserem atravessar, vão passar...

— Não atravessarão! — disseram as jovens arraias. — Você é nosso amigo e elas não vão passar!

— Sim, elas vão passar, amiguinhas! — disse o homem, em voz baixa. — A única saída seria mandar alguém a minha casa para trazer a Winchester e muitas balas, mas não tenho amigos no rio além dos peixes, e nenhuma de vocês sabe andar em terra.

— O que faremos então? — disseram as arraias ansiosas.

— Vamos pensar, vamos pensar... — o homem então disse, passando a mão na testa, como se lembrasse de algo. — Eu tinha um amigo... uma capivarinha que criei em casa e que brincava com meus filhos. Um dia, ela voltou para a colina e acho que morava por aqui, no Yabebirí... mas não sei onde ela está.

Então as arraias deram um grito de alegria:

— Já sabemos! Nós a conhecemos! Sua toca fica na ponta da ilha! Ela nos falou uma vez sobre você! Mandaremos buscá-la imediatamente!

E dito e feito: um dourado muito grande voou rio abaixo para ir buscar a capivara, enquanto isso, o homem dissolveu uma gota de sangue seco na palma da mão para fazer tinta e, com uma espinha de peixe, que usou de caneta, escreveu numa folha seca, a qual usou de papel. E assim escreveu esta carta: *“Dê à capivara a Winchester e uma caixa de vinte e cinco balas.”*

Assim que o homem terminou de escrever, toda a montanha tremeu com um rugido surdo: eram todas as onças que se aproximavam para recomeçar a luta. As arraias levaram a carta com a cabeça para fora da água para não molhar e a entregaram à capivara, que correu pela mata que levava até a casa do homem.

E não havia tempo a perder, porque os rugidos, embora ainda distantes, se aproximavam rapidamente. As arraias então reuniram os dourados, que aguardavam ordens e gritaram para eles:

— Vamos, amigos! Espalhem-se por todo o rio e soem o alarme! Que todas as arraias estejam prontas ao longo do rio! Fiquem todos ao redor da ilha! Elas que tentem passar!

E o exército de dourados revoou ao mesmo tempo, subindo e descendo o rio, deixando a água toda riscada com sua velocidade.

Não sobrou uma só arraia em todo o Yabebirí que não tivesse ordens para se concentrar nas margens do rio, cercando a ilha. De toda parte, das pedras, do lodo, da foz dos córregos, de todo o Yabebirí, as arraias vieram defender a travessia contra as onças. E, à frente da ilha, os dourados cruzavam e recruzavam a toda velocidade.

Não havia tempo a perder. Novamente, um rugido imenso sacudiu a própria água da margem, e as onças chegaram à várzea.

Elas eram muitas, parecia que todas as onças de Misiones estavam lá. Mas todo o Yabebirí também fervilhava de arraias, que nadavam para a margem, prontas para defender a travessia a todo custo.

— As onças pedem passagem!

— Não passarão! — responderam as arraias.

— Passagem, novamente!

— Desistam!

— Não sobrará uma só arraia, nem filho de arraia, nem neto de arraia, se não derem passagem!

— Vá sonhando! — responderam as arraias. — Mas nem as onças, nem os filhos de onças, nem os netos de onças, nem todas as onças do mundo vão passar por aqui!

Foi assim que as arraias responderam. Então as onças rugiram uma última vez:

— Pedimos passagem!

— Nem nunca!

E então a batalha começou. Com um grande salto, as onças mergulharam na água. E todas elas caíram em um verdadeiro chão de arraias. Elas crivavam suas pernas com ferroadas e, a cada ferida, as onças rugiam de dor. Mas elas se defendiam com suas garras, debatendo-se como loucas na água. E as arraias voaram pelo ar com suas barrigas abertas pelas unhas das onças.

O Yabebirí parecia um rio de sangue. As arraias morreram às centenas, mas as onças também receberam feridas terríveis e se retiraram para se deitar e urrar na margem, horrivelmente inchadas. As arraias, pisoteadas e esmagadas pelas patas das onças, não desistiam e lutavam sem descanso para defender a travessia. Algumas voavam pelos ares, caíam de volta no rio e se abatiam novamente contra as onças.

Essa terrível batalha durou meia hora. Ao fim dessa meia hora, todas as onças estavam de volta à margem, sentadas de cansaço e rugindo de dor. Nenhuma delas tinha atravessado.

Mas as arraias também estavam mortas de cansaço. Muitas e muitas delas morreram. E as que ficaram vivas disseram:

— Não podemos resistir a dois ataques como este. Os dourados devem ir buscar reforços! Que todas as arraias que moram no Yabebirí venham imediatamente!

E os dourados voaram para cima e para baixo do rio mais uma vez, eles eram tão rápidos que deixavam sulcos na água, como se fossem torpedos. As arraias então foram ver o homem.

— Não podemos resistir mais! — disseram as arraias com tristeza. E algumas arraias choravam, porque sabiam que não poderiam salvar seu amigo.

— Vão embora, arraias! — o ferido respondeu. — Me deixem em paz! Vocês já fizeram muito por mim! Deixem que as onças atravessem!

— Nem nunca! — gritaram as arraias em unísono. — Enquanto houver uma arraia viva no Yabebirí, que é o nosso rio, defenderemos o bom homem que nos defendeu antes!

O ferido exclamou então satisfeito:

— Arraias! Estou quase pronto para morrer e mal posso falar, mas eu lhes garanto que, assim que a Winchester chegar, vamos fazer uma grande festa. Isso eu lhes garanto!

— Sim, nós sabemos! — responderam as arraias com entusiasmo.

Mas elas nem conseguiram terminar de falar, porque a batalha já recomeçava. De fato: as onças, que já haviam

descansado, levantaram-se abruptamente e, agachando-se como quem está prestes a pular, rugiram:

— Pela última vez e de uma vez por todas: atravessaremos!

— Nem nunca! — responderam as arraias, lançando-se à margem.

Mas as próprias onças também pularam na água e a terrível briga recomeçou. Todo o Yabebirí, agora de margem a margem, estava vermelho de sangue, e o sangue formava espuma nas areias da margem. As arraias voavam, destroçadas pelos ares, e as onças berravam de dor. Mas ninguém dava sequer um passo para trás.

E as onças, além de não recuarem, avançavam. O exército de dourados subia e descia o rio a toda velocidade, em vão, convocando as arraias — pois não haviam mais arraias. Todas elas já lutavam protegendo a ilha e metade delas já havia morrido. E as que restavam estavam todas feridas e sem forças.

— Para a ilha! Vamos todas para a outra margem!

Mas também já era tarde para isso: mais duas onças haviam saído nadando e, em um instante, elas estavam no meio do rio. Nada se via além de suas cabeças.

Mas também, naquele momento, um bichinho, um pobre bichinho ruivo e peludo, nadava a todo vapor pelo

Yabibirí: era a pequena capivara, que chegava à ilha carregando a Winchester e as balas sobre a sua cabeça para que não se molhassem.

O homem deu um grande grito de alegria, pois ainda teria tempo de ir em defesa das arraias. Pediu à capivara que o empurrasse com a cabeça para que ficasse de lado, porque sozinho não conseguiria. Já em posição, ele disparou a Winchester com a velocidade de um raio.

E no exato momento em que as arraias — rasgadas, esmagadas e ensanguentadas — viam em desespero que haviam perdido a batalha e que as onças iam devorar seu pobre amigo ferido... nesse exato momento, ouviram o estrondo e viram que a onça que ia na frente, ao pisar na areia, deu um grande salto para trás e caiu morta, com a testa perfurada por uma bala.

— Bravo, bravo! — gritaram as arraias, loucas de alegria. — O homem está com a Winchester! Já estamos salvas!

E turvaram toda a água verdadeiramente loucas de alegria. O homem continuou atirando calmamente e, a cada tiro, uma nova onça caía morta. E a cada onça que caía morta com um rugido, as arraias respondiam com grandes abanos de suas caudas.

Uma após a outra, como se um raio caísse em suas cabeças, as onças foram mortas a tiros. Isso durou apenas dois

minutos. Uma após a outra, afundaram até o leito do rio e lá as piranhas as comeram. Algumas boiaram depois, e então os dourados as acompanharam até o Paraná, comendo-as e espirrando água alegremente.

Em pouco tempo, as arraias, que geram muitos filhotes, voltaram a ser numerosas como antes. O homem ficou curado e tão agradecido às arraias que salvaram sua vida, que foi morar na ilha. E ali, nas noites de verão, gostava de se deitar na praia e fumar ao luar, enquanto as arraias, conversando tranquilamente, lhes apresentavam aos peixes que não o conheciam e lhes contavam a história da grande batalha em que, ao lado daquele homem, venceram as onças.

A ABELHA PREGUIÇOSA

Certa vez, havia numa colmeia uma abelha que não queria trabalhar, ou seja, passava pelas árvores uma a uma para beber o néctar das flores, mas, em vez de guardá-lo para que virasse mel, ela tomava tudo.

Era, portanto, uma abelha preguiçosa. Todas as manhãs, assim que o sol aquecia o ar, a abelhinha espiava pela porta da colmeia, via se o tempo estava bom, penteava os pelos com as patas, como fazem as moscas, e então começava a voar, muito feliz com o belo dia. Ela zumbia de alegria, de flor em flor, entrava na colmeia, saía de novo e passava o dia inteiro assim enquanto as outras abelhas se matavam trabalhando para encher a colmeia de mel, porque o mel é o alimento das abelhas recém-nascidas.

Como as abelhas são muito sérias, começaram a se ressentir do comportamento da irmã preguiçosa. Na porta das colmeias, há sempre algumas abelhas que ficam de plantão para garantir que nenhum inseto entre na casa delas. Essas abelhas geralmente são muito velhas, com

grande experiência de vida e suas costas já são peladas, porque perderam os seus pelinhos de tanto se esfregarem na porta da colmeia.

Um dia, então, pararam a abelhinha preguiçosa quando ela ia entrar, dizendo:

— Companheira, você precisa trabalhar, porque nós, abelhas, devemos trabalhar.

A abelhinha respondeu:

— Eu voo o dia todo e fico muito cansada.

— Não se trata de ficar muito cansada — responderam —, mas de trabalhar um pouco. É o primeiro aviso que estamos lhe dando.

E, ao dizerem isso, a deixaram passar.

Mas a abelha preguiçosa não se corrigiu. Então, na tarde seguinte, as abelhas de plantão lhe disseram:

— Você tem de trabalhar, irmã.

E ela imediatamente respondeu:

— Um dia desses eu vou fazer isso!

— Não se trata de um dia desses fazer isso — responderam —, mas amanhã. Lembre-se disso.

E a deixaram passar.

Na noite seguinte, a mesma coisa se repetiu. Antes que lhe dissessem qualquer coisa, a abelhinha exclamou:

— Sim, sim, irmãs! Eu me lembro do que prometi!

— Não se trata de você se lembrar do que prometeu — lhe responderam —, mas de você trabalhar. Hoje é 19 de abril. Pois bem, tente garantir que amanhã, dia 20, você tenha trazido pelo menos uma gota de mel. E agora, entre.

E, dizendo isso, afastaram-se para deixá-la entrar.

Mas o 20 de abril passou em branco como todos os outros dias, com a diferença de que, quando o sol se pôs, o tempo mudou e um vento frio começou a soprar.

A abelhinha preguiçosa voou apressadamente para a sua colmeia, pensando em como estaria quentinho lá dentro. Mas, quando ela quis entrar, as abelhas que estavam de guarda a impediram.

— Você não entrará! — disseram friamente a ela.

— Eu quero entrar! — gritou a abelhinha. — Esta é a minha colmeia.

— Esta é a colmeia de algumas pobres abelhas operárias — responderam as outras. — Não há entrada para preguiçosas.

— Amanhã sem falta eu vou trabalhar! — A abelhinha insistiu.

— Não há amanhã para quem não trabalha — responderam as abelhas, que conhecem muito de filosofia.

E, ao dizerem isso, elas a expulsaram.

A abelhinha, sem saber o que fazer, voou por mais algum tempo, mas já caía a noite e mal se enxergava. Tentou

pousar em uma folha, mas caiu no chão. Seu corpo estava entorpecido pelo frio e ela não conseguia mais voar. Rastejou pelo chão, subiu e desceu de gravetos e de seixos, que lhe pareciam montanhas, até chegar à porta da colmeia, no momento em que gotas frias de chuva começavam a cair.

— Ai, meu Deus! — ela chorou impotente. — Vai chover, e eu vou morrer congelada.

Ela tentou entrar na colmeia, mas novamente as guardas bloquearam seu caminho.

— Desculpem-me! — a abelha gemeu. — Me deixem entrar!

— Está tarde — elas responderam.

— Por favor, irmãs! Tenho sono!

— Mais tarde ainda.

— Companheiras, por misericórdia! Estou com frio!

— Impossível.

— Pela última vez! Eu vou morrer!

Então lhe disseram:

— Não, você não vai morrer. Você aprenderá em uma única noite qual é a recompensa que se ganha com o trabalho. Suma.

E a expulsaram.

Então, tremendo e tropeçando com as asas frias e molhadas, a abelha rastejou, rastejou até que de repente rolou por um buraco, ou melhor, caiu para o fundo de uma caverna.

Ela pensou que a queda não acabaria nunca. Por fim, ela chegou ao fundo e se viu abruptamente diante de uma serpente, uma cobra verde com as costas amarelas, que a olhava, enrolada e pronta para atacá-la.

Na verdade, aquela caverna era a parte oca de uma árvore que havia sido plantada há muito tempo e que a cobra havia escolhido como sua toca. As cobras comem abelhas, das quais gostam muito. Por isso, a abelhinha, encontrando-se diante de sua inimiga, murmurou, fechando os olhos:

— Adeus, minha vida! Esta é a última vez que vejo a luz.

Mas, para sua grande surpresa, a cobra não só não a devorou como lhe disse:

— Como vai, abelhinha? Você não deve ser uma operária muito responsável para estar aqui a esta hora.

— É verdade — murmurou a abelha. — Eu não trabalho, e eu sou a culpada.

— Sendo assim — acrescentou a cobra, zombeteira —, vou remover do mundo uma criatura má como você. Eu vou te comer, abelhinha.

A abelha, tremendo, exclamou:

— Isso não é justo, isso não é justo! Não é justo que você me coma porque você é mais forte do que eu. Os homens sabem o que é justiça.

— *Ah, ah!* — exclamou a cobra, enrolando-se um pouco. — Você conhece bem os homens? Você acha que os homens que tiram o mel de vocês são mais justos, sua grande tola?

— Não, não é por isso que eles tiram o nosso mel — respondeu a abelha.

— E por que é, então?

— Porque eles são mais espertos.

Assim, disse a abelhinha. Mas a cobra riu e exclamou:

— Bom! Com justiça ou sem justiça, eu vou te comer.

Prepare-se.

E ela recuou para dar o bote na abelha. E ela exclamou novamente:

— Você faz isso porque é menos inteligente do que eu.

— Eu, menos inteligente que você, sua mosquinha? — a cobra riu.

— Isso mesmo — disse a abelha.

— Bem — disse a cobra —, isso nós vamos ver. Vamos fazer dois desafios. Quem fizer o teste mais difícil, vence. Se eu ganhar, eu como você.

— E se eu ganhar? — perguntou a abelhinha.

— Se você vencer — respondeu sua inimiga —, terá o direito de passar a noite aqui até o amanhecer. O que acha?

— Aceito — respondeu a abelha.

A cobra voltou a rir, porque lhe ocorrera algo que uma abelha jamais poderia fazer. E aqui está o que ela fez: ela saiu por um momento, tão rápido que a abelha não teve tempo para nada, e voltou trazendo uma pinha de um eucalipto que ficava ao lado da colmeia e que fazia muita sombra.

Os meninos fazem essas pinhas girar como piões, e eles as chamam de piões de eucalipto.

— É isso o que eu vou fazer — disse a cobra. — Atenção, dê uma boa olhada! E enrolando seu rabo ao redor da pequena pinha como se fosse uma corda, ela a girou com grande velocidade, tão rápido que a pequena pinha ficou dançando e zumbindo como louca.

A cobra riu, e com razão, porque uma abelha nunca fez ou poderia fazer uma pinha girar daquela maneira. E, quando o pião, que adormecera zumbindo, como acontece com os piões de laranjeira, finalmente caiu no chão, a abelha disse:

— Esse teste é muito legal, mas eu nunca vou conseguir fazer isso.

— Então, eu vou te comer — exclamou a cobra.

— Espere um minuto! Eu não posso fazer isso, mas eu faço uma coisa que ninguém mais sabe fazer.

— E o que é?

— Desaparecer.

— Como? — exclamou a cobra, pulando de surpresa.
— Desaparecer sem sair daqui?
— Sem sair daqui.
— E sem se esconder num buraco?
— Sem me esconder num buraco.
— Muito bem, então faça! E se você não fizer, vou te comer imediatamente — disse a cobra.

O fato é que, enquanto a pinha girava, a abelha teve tempo de examinar a caverna e viu uma plantinha crescendo ali. Era um pequeno arbusto, quase uma erva daninha, com folhas grandes do tamanho de uma moeda de dois centavos.

A abelha se aproximou da plantinha, tomando cuidado para não tocar nela, e disse assim:

— Agora é a minha vez, sra. Cobra. Você vai me fazer o favor de se virar e contar até três. Quando chegar ao “três”, me procure em todos os lugares e não estarei mais!

E assim aconteceu, de fato. A cobra contou rapidamente: “um... dois... três”, virou-se e abriu a boca, surpresa: não havia mais ninguém lá. Ela olhou para cima, para baixo, em todos os lugares, examinou os cantos, a plantinha, sentiu tudo com sua língua sensível. Inútil: a abelha havia desaparecido.

A cobra então entendeu que seu pequeno teste do pião fora muito bom, mas que o desafio da abelha era simplesmente extraordinário. Como ela havia conseguido? Onde estaria?

Não havia como encontrá-la.

— Bem! — ela exclamou finalmente. — Desisto. Onde você está?

Uma voz quase inaudível — a voz da abelhinha — veio do centro da caverna.

— Você não vai fazer nada comigo? — disse a voz. — Posso acreditar na sua promessa?

— Sim — respondeu a cobra. — Prometo. Onde você está?

— Aqui — respondeu a abelhinha, surgindo de repente de uma folha enrolada da plantinha.

O que aconteceu? Uma coisa muito simples: a plantinha em questão era sensível, coisa muito comum também aqui em Buenos Aires, e tinha a particularidade de que suas folhas se fechavam ao menor toque. Só que essa aventura aconteceu em Misiones, onde a vegetação é muito rica e, por conta disso, as folhas das plantas sensíveis são bem maiores. Assim, ao contato da abelha, as folhas se fecharam, escondendo completamente o inseto.

A inteligência da cobra nunca seria capaz de perceber esse fenômeno, mas a abelha o havia notado e se aproveitou dele para salvar a sua vida.

A cobra não disse nada, mas ficou muito irritada com sua derrota, tanto que a abelha passou a noite inteira lembrando sua inimiga da promessa que fizera de respeitá-la.

Foi uma noite longa e interminável, que as duas passaram amontoadas contra a parede mais alta da caverna, porque a tempestade havia chegado e a água corria lá dentro como um rio.

Lá dentro também estava muito frio e escuro como breu. De vez em quando, a cobra sentia vontade de atacar a abelha, e a abelha então acreditava que o fim de sua vida havia chegado.

Nunca, jamais, a abelhinha acreditou que uma noite pudesse ser tão fria, tão longa, tão horrível. Ela se lembrou de sua antiga vida, dormindo noite após noite na colmeia, muito quente, e então chorou em silêncio.

Quando o dia chegou e o sol saiu, porque o clima havia se acalmado, a abelhinha voou e chorou novamente em silêncio diante da porta da colmeia construída pelo esforço da sua família. As abelhas guardiãs a deixaram passar sem dizer nada, pois entenderam que quem voltava não era a “turista” preguiçosa, mas uma abelhinha que havia aprendido uma dura lição de vida em apenas uma noite.

Assim foi de fato. Daquele dia em diante, ninguém coletava tanto pólen ou fazia tanto mel como ela. E, quando o outono chegou, e também chegou o fim de seus dias, ela ainda teve tempo de ensinar às jovens abelhas que a cercavam uma última lição antes de morrer:

— Não é nossa inteligência, mas nosso trabalho que nos torna tão fortes. Só usei minha inteligência uma vez e foi para salvar a minha vida. Eu não precisaria desse esforço se tivesse trabalhado como todo mundo. O cansaço de voar, passeando, era o mesmo que eu tinha quando trabalhava. O que me faltava era a noção de dever, que adquiri naquela noite.

“Trabalhem, companheiras, pensando que o motivo final dos nossos esforços (a felicidade de todas nós) é muito maior do que o cansaço de cada uma. Isso é o que os homens chamam de ideal, e eles estão certos. Na vida, não há outra filosofia melhor para um homem ou para uma abelha.”

Traduzido por Ricardo Giassetti

Consultor em cultura participativa e inovações digitais, transita pelos mercados editorial, publicitário e audiovisual. Criou metodologias para localização cultural em países diversos como China, Índia, União Europeia, Estados Unidos e América Latina. Autor de *Gunned Down — Down the River* (EUA, 2005) e *O catador de batatas e o filho da costureira* (Brasil-Japão, 2008). É fundador da Mojo (2006) e do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (2018).





Cuentos de la selva

Horacio Quiroga

LA TORTUGA GIGANTE

Había una vez un hombre que vivía en Buenos Aires, y estaba muy contento porque era un hombre sano y trabajador. Pero un día se enfermó, y los médicos le dijeron que solamente yéndose al campo podría curarse. El no quería ir, porque tenía hermanos chicos a quienes daba de comer; y se enfermaba cada día más. Hasta que un amigo suyo, que era director del Zoológico, le dijo un día:

-Usted es amigo mío, y es un hombre bueno y trabajador. Por eso quiero que se vaya a vivir al monte, a hacer mucho ejercicio al aire libre para curarse. Y como usted tiene mucha puntería con la escopeta, cace bichos del monte para traerme los cueros, y yo le daré plata adelantada para que sus hermanitos puedan comer bien.

El hombre enfermo aceptó, y se fue a vivir al monte, lejos, más lejos que Misiones todavía. Hacía allá mucho calor, y eso le hacía bien.

Vivía solo en el bosque, y el mismo se cocinaba. Comía pájaros y bichos del monte, que cazaba con la escopeta, y

después comía frutas. Dormía bajo los árboles, y cuando hacía mal tiempo construía en cinco minutos una ramada con hojas de palmera, y allí pasaba sentado y fumando, muy contento en medio del bosque que bramaba con el viento y la lluvia.

Había hecho un atado con los cueros de los animales, y lo llevaba al hombro. Había también agarrado, vivas, muchas víboras venenosas, y las llevaba dentro de un gran mate, porque allí hay mates tan grandes como una lata de querosene.

El hombre tenía otra vez buen color, estaba fuerte y tenía apetito. Precisamente un día en que tenía mucha hambre, porque hacía dos días que no cazaba nada, vio a la orilla de una gran laguna un tigre enorme que quería comer dentro una pata y sacar la carne con las uñas. Al ver al hombre el tigre lanzó un rugido espantoso y se lanzó de un salto sobre él. Pero el cazador, que tenía una gran puntería, le apuntó entre los ojos, y le rompió la cabeza. Después le sacó el cuero, tan grande que el solo podría servir de alfombra para un cuarto.

-Ahora -se dijo el hombre- voy a comer tortuga, que es una carne muy rica.

Pero cuando se acercó a la tortuga, vio que estaba ya herida, y tenía la cabeza casi separada del cuello, y la cabeza colgaba casi de dos o tres hilos de carne.

A pesar del hambre que sentía, el hombre tuvo lástima de la pobre tortuga, y la llevó arrastrando con una soga hasta su ramada y le vendó la cabeza con tiras de género que sacó de su camisa, porque no tenía más que una sola camisa, y no tenía trapos. La había llevado arrastrando porque la tortuga era inmensa, tan alta como una silla, y pesaba como un hombre.

La tortuga quedó arrimada a un rincón, y allí pasó días y días sin moverse.

El hombre la curaba todos los días y después le daba golpecitos con la mano sobre el lomo.

La tortuga sanó por fin. Pero entonces fue el hombre quien se enfermó. Tuvo fiebre y le dolía todo el cuerpo.

Después no pudo levantarse más. La fiebre aumentaba siempre, y la garganta le quemaba de tanta sed. El hombre comprendió que estaba gravemente enfermo, y habló en voz alta, aunque estaba solo, porque tenía mucha fiebre.

-Voy a morir -dijo el hombre-. Estoy solo, ya no puedo levantarme más, y no tengo quién me de agua, siquiera. Voy a morir aquí de hambre y de sed.

Y al poco rato la fiebre subió aún más, y perdió el conocimiento. Pero la tortuga lo había oído, y entendió lo que el cazador decía. Y ella pensó entonces:

-El hombre no me comió la otra vez, aunque tenía mucha hambre, y me curó. Yo lo voy a curar a él ahora.

Fue entonces a la laguna, buscó una cáscara de tortuga chiquita, y después de limpiarla bien con arena y ceniza la llenó de agua y le dio de beber al hombre, que estaba tendido sobre su manta y se moría de sed. Se puso a buscar enseguida raíces ricas y yuyitos tiernos, que le llevó al hombre para que comiera. El hombre comía sin darse cuenta de quién le daba la comida, porque tenía delirio con la fiebre y no conocía a nadie.

Todas las mañanas, la tortuga recorría el monte buscando raíces cada vez más ricas para darle al hombre, y sentía no poder subirse a los árboles para llevarle frutas.

El cazador comió así días y días sin saber quién le daba la comida, y un día recobró el conocimiento. Miró a todos lados, y vio que estaba solo, pues allí no había más que él y la tortuga, que era un animal. Y dijo otra vez en voz alta:

-Estoy solo en el bosque, la fiebre va a volver de nuevo, y voy a morir aquí, porque solamente en Buenos Aires hay remedios para curarme. Pero nunca podré ir, y voy a morir aquí.

Y como él lo había dicho, la fiebre volvió esa tarde, más fuerte que antes, y perdió de nuevo el conocimiento.

Pero también esta vez la tortuga lo había oído, y se dijo: -Si queda aquí en el monte se va a morir, porque no hay remedios, y tengo que llevarlo a Buenos Aires.

Dicho esto, cortó enredaderas finas y fuertes, que son como piolas, acostó con mucho cuidado al hombre encima de su lomo, y lo sujetó bien con las enredaderas para que no se cayese. Hizo muchas pruebas para acomodar bien la escopeta, los cueros y el mate con víboras, y al fin consiguió lo que quería, sin molestar al cazador, y emprendió entonces el viaje.

La tortuga, cargada así, caminó, caminó y caminó de día y de noche. Atravesó montes, campos, cruzó a nado ríos de una legua de ancho, y atravesó pantanos en que quedaba casi enterrada, siempre con el hombre moribundo encima. Después de ocho o diez horas de caminar se detenía, deshacía los nudos y acostaba al hombre con mucho cuidado en un lugar donde hubiera pasto bien seco.

iba entonces a buscar agua y raíces tiernas, y le daba al hombre enfermo. Ella comía también, aunque estaba tan cansada que prefería dormir.

A veces tenía que caminar al sol; y como era verano, el cazador tenía tanta fiebre que deliraba y se moría de sed. Gritaba: ¡agua! ¡agua! a cada rato. Y cada vez la tortuga tenía que darle de beber. Así anduvo días y días, semana tras semana. Cada vez estaban más cerca de Buenos Aires, pero también cada día la tortuga se iba debilitando, cada día tenía menos fuerza, aunque ella no se quejaba. A veces quedaba

tendida, completamente sin fuerzas, y el hombre recobraba a medias el conocimiento. Y decía, en voz alta:

-Voy a morir, estoy cada vez más enfermo, y sólo en Buenos Aires me podría curar. Pero voy a morir aquí, solo en el monte.

Él creía que estaba siempre en la ramada, porque no se daba cuenta de nada. La tortuga se levantaba entonces, y emprendía de nuevo el camino.

Pero llegó un día, un atardecer, en que la pobre tortuga no pudo más. Había llegado al límite de sus fuerzas, y no podía más. No había comido desde hacía una semana para llegar más pronto. No tenía más fuerza para nada.

Cuando cayó del todo la noche, vio una luz lejana en el horizonte, un resplandor que iluminaba el cielo, y no supo que era. Se sentía cada vez más débil, y cerró entonces los ojos para morir junto con el cazador, pensando con tristeza que no había podido salvar al hombre que había sido bueno con ella.

Y, sin embargo, estaba ya en Buenos Aires, y ella no lo sabía. Aquella luz que veía en el cielo era el resplandor de la ciudad, e iba a morir cuando estaba ya al fin de su heroico viaje.

Pero un ratón de la ciudad -posiblemente el ratoncito Pérez- encontró a los dos viajeros moribundos.

- ¡Qué tortuga! -dijo el ratón-. Nunca he visto una tortuga tan grande. ¿Y eso que llevas en el lomo, que es? ¿Es leña?

-No -le respondió con tristeza la tortuga-. Es un hombre.

-¿Y dónde vas con ese hombre? -añadió el curioso ratón.

-Voy... voy... Quería ir a Buenos Aires -respondió la pobre tortuga en una voz tan baja que apenas se oía-. Pero vamos a morir aquí porque nunca llegaré...

-¡Ah, zonza, zonza! -dijo riendo el ratoncito-. ¡Nunca vi una tortuga más zonza! ¡Si ya has llegado a Buenos Aires! Esa luz que ves allí es Buenos Aires.

Al oír esto, la tortuga se sintió con una fuerza inmensa porque aún tenía tiempo de salvar al cazador, y emprendió la marcha.

Y cuando era de madrugada todavía, el director del Jardín Zoológico vio llegar a una tortuga embarrada y sumamente flaca, que traía acostado en su lomo y atado con enredaderas, para que no se cayera, a un hombre que se estaba muriendo. El director reconoció a su amigo, y él mismo fue corriendo a buscar remedios, con los que el cazador se curó enseguida.

Cuando el cazador supo cómo lo había salvado la tortuga, como había hecho un viaje de trescientas leguas para que tomara remedios, no quiso separarse de ella. Y como él no podía tenerla en su casa, que era muy chica, el director

del Zoológico se comprometió a tenerla en el Jardín, y a cuidarla como si fuera su propia hija.

Y así pasó. La tortuga, feliz y contenta con el cariño que le tienen, pasea por todo el Jardín, y es la misma gran tortuga que vemos todos los días comiendo el pastito alrededor de las jaulas de los monos.

El cazador la va a ver todas las tardes y ella conoce desde lejos a su amigo, por los pasos. Pasan un par de horas juntos, y ella no quiere nunca que él se vaya sin que le dé una palmadita de cariño en el lomo.

LAS MEDIAS DE LOS FLAMENCOS

Cierta vez las víboras dieron un gran baile. Invitaron a las ranas y a los sapos, a los flamencos, y a los yacarés y a los pescados. Los pescados, como no caminan, no

podieron bailar; pero siendo el baile a la orilla del río los pescados estaban asomados a la arena, y aplaudían con la cola.

Los yacarés, para adornarse bien, se habían puesto en el pescuezo un collar de bananas, y fumaban cigarros paraguayos. Los sapos se habían pegado escamas de pescado en todo el cuerpo, y caminaban meneándose, como si nadaran. Y cada vez que pasaban muy serios por la orilla del río, los pescados les gritaban haciéndoles burla.

Las ranas se habían perfumado todo el cuerpo, y caminaban en dos pies. Además, cada una llevaba colgada, como un farolito, una luciérnaga que se balanceaba.

Pero las que estaban hermosísimas eran las víboras. Todas, sin excepción, estaban vestidas con traje de bailarina,

del mismo color de cada víbora. Las víboras coloradas llevaban una pollerita le tul colorado; las verdes, una de tul verde; las amarillas, otra de tul amarillo; y las yararás, una pollerita de tul gris pintada con rayas de polvo de ladrillo y ceniza, porque así es el color de as yararás. Y las más espléndidas de todas eran las víboras de coral, que estaban vestidas con larguísimas gasas rojas, blancas y negras, y bailaban como serpentinas. Cuando las víboras danzaban y daban vueltas apoyadas en la punta de la cola, todos los invitados aplaudían como locos.

Sólo los flamencos, que entonces tenían las patas blancas, y tienen ahora como antes la nariz muy gruesa y torcida, sólo los flamencos estaban tristes, porque como tienen muy poca inteligencia no habían sabido cómo adornarse. Envidiaban el traje de todos, y sobre todo el de las víboras de coral. Cada vez que una víbora pasaba por delante de ellos, coqueteando y haciendo ondular las gasas de serpentinas, los flamencos se morían de envidia.

Un flamenco dijo entonces:

-Yo sé lo que vamos a hacer. Vamos a ponernos medias coloradas, blancas y negras, y las víboras de coral se van a enamorar de nosotros.

Y levantando todos juntos el vuelo, cruzaron el río y fueron a golpear en un almacén del pueblo.

-¡Tan-tan! -Pegaron con las patas.

-¿Quién es? -respondió el almacenero.

-Somos los flamencos. ¿Tienes medias coloradas, blancas y negras?

-No, no hay -contestó el almacenero-. ¿Están locos? En ninguna parte van a encontrar medias así.

Los flamencos fueron entonces a otro almacén.

-¡Tan-tan! ¿Tienes medias coloradas, blancas y negras?

El almacenero contestó:

-¿Cómo dice? ¿Coloradas, blancas y negras? No hay medias así en ninguna parte. Ustedes están locos. ¿Quiénes son?

-Somos los flamencos -respondieron ellos. Y el hombre dijo:

-Entonces son con seguridad flamencos locos. Fueron a otro almacén.

-¡Tan-tan! ¿Tienes medias coloradas, blancas y negras?

El almacenero gritó:

-¿De qué color? ¿Coloradas, blancas y negras?. Solamente a pájaros narigudos como ustedes se les ocurre pedir medias así. ¡Váyanse enseguida!

Y el hombre los echó con la escoba.

Los flamencos recorrieron así todos los almacenes, y de todas partes los echaban por locos.

Entonces un tatú, que había ido a tomar agua al río, se quiso burlar de los flamencos y les dijo, haciéndoles un gran saludo:

¡Buenas noches, señores flamencos! Yo sé lo que ustedes buscan. No van a encontrar medias así en ningún almacén. Tal vez haya en Buenos Aires, pero tendrán que pedir las por encomienda postal. Mi cuñada, la lechuza, tiene medias así. Pídanse las, y ella les va a dar las medias coloradas, blancas y negras.

Los flamencos le dieron las gracias, y se fueron volando a la cueva de la lechuza. Y le dijeron:

-¡Buenas noches, lechuza! Venimos a pedirte las medias coloradas, blancas y negras. Hoy es el gran baile de las víboras, y si nos ponemos esas medias, las víboras de coral se van a enamorar de nosotros.

-¡Con mucho gusto! -respondió la lechuza-. Esperen un segundo, y vuelvo enseguida.

Y echando a volar, dejó solos a los flamencos; y al rato volvió con las medias. Pero no eran medias, sino cueros de víboras de coral, lindísimos cueros recién sacados a las víboras que la lechuza había cazado.

-Aquí están las medias -les dijo la lechuza-. No se preocupen de nada, sino de una sola cosa: bailen toda la noche, bailen sin parar un momento, bailen de costado, de pico, de cabeza, como ustedes quieran; pero no paren un momento, porque en vez de bailar van entonces a llorar.

Pero los flamencos, como son tan tontos, no comprendían bien qué gran peligro había para ellos en eso, y locos de

alegría se pusieron los cueros de las víboras de coral, como medias, metiendo las patas dentro de los cueros, que eran como tubos. Y muy contentos se fueron volando al baile.

Cuando vieron a los flamencos con sus hermosísimas medias, todos les tuvieron envidia. Las víboras querían bailar con ellos, únicamente, y como los flamencos no dejaban un instante de mover las patas, las víboras no podían ver bien de que estaban hechas aquellas preciosas medias.

Pero poco a poco, sin embargo, las víboras comenzaron a desconfiar. Cuando los flamencos pasaban bailando al lado de ella se agachaban hasta el suelo para ver bien.

Las víboras de coral, sobre todo, estaban muy inquietas. No apartaban la vista de las medias, y se agachaban también tratando de tocar con la lengua las patas de los flamencos, porque la lengua de las víboras es como la mano de las personas. Pero los flamencos bailaban y bailaban sin cesar, aunque estaban cansadísimos y ya no podían más.

Las víboras de coral, que conocieron esto, pidieron enseguida a las ranas sus farolitos, que eran bichitos de luz, y esperaron todas juntas a que los flamencos se cayeran de cansados.

Efectivamente, un minuto después, un flamenco, que ya no podía más, tropezó con el cigarro de un yacaré, se tambaleó y cayó de costado. Enseguida las víboras de coral

corrieron con sus farolitos, y alumbraron bien las patas del flamenco. Y vieron qué eran aquellas medias, y lanzaron un silbido que se oyó desde la otra orilla del Paraná.

-¡No son medias! -gritaron las víboras-. ¡Sabemos lo que es! ¡Nos han engañado! ¡Los flamencos han matado a nuestras hermanas y se han puesto sus cueros como medias! ¡Las medias que tienen son de víboras de coral!

Al oír esto, los flamencos, llenos de miedo porque estaban descubiertos, quisieron volar; pero estaban tan cansados que no pudieron levantar una sola pata. Entonces las víboras de coral se lanzaron sobre ellos, y enroscándose en sus patas les deshicieron a mordiscos las medias. Les arrancaron las medias a pedazos, enfurecidas, y les mordían también las patas, para que murieran. Los flamencos, locos de dolor, saltaban de un lado para otro, sin que las víboras de coral se desenroscaran de sus patas. Hasta que al fin, viendo que ya no quedaba un solo pedazo de media, las víboras los dejaron libres, cansadas y arreglándose las gasas de sus trajes de baile.

Además, las víboras de coral estaban seguras de que los flamencos iban a morir, porque la mitad, por lo menos, de las víboras de coral que los habían mordido eran venenosas.

Pero los flamencos no murieron. Corrieron a echarse al agua, sintiendo un grandísimo dolor. Gritaban de dolor, y sus patas, que eran blancas, estaban entonces coloradas

por el veneno de las víboras. Pasaron días y días y siempre sentían terrible ardor en las patas, y las tenían siempre de color de sangre, porque estaban envenenadas.

Hace de esto muchísimo tiempo. Y ahora todavía están los flamencos casi todo el día con sus patas coloradas metidas en el agua, tratando de calmar el ardor que sienten en ellas.

A veces se apartan de la orilla, y dan unos pasos por tierra, para ver cómo se hallan. Pero los dolores del veneno vuelven enseguida, y corren a meterse en el agua. A veces el ardor que sienten es tan grande, que encogen una pata y quedan así horas enteras, porque no pueden estirla.

Esta es la historia de los flamencos, que antes tenían las patas blancas y ahora las tienen coloradas. Todos los pescados saben por qué es, y se burlan de ellos. Pero los flamencos, mientras se curan en el agua, no pierden ocasión de vengarse, comiendo a cuanto pescadito se acerca demasiado a burlarse de ellos.

EL LORO PELADO

Había una vez una banda de loros que vivía en el monte. De mañana temprano iban a comer choclos a la chacra, y de tarde comían naranjas. Hacían gran barullo con

sus gritos, y tenían siempre un loro de centinela en los árboles más altos, para ver si venía alguien.

Los loros son tan dañinos como la langosta, porque abren los choclos para picotearlos, los cuales, después, se pudren con la lluvia. Y como al mismo tiempo los loros son ricos para comer guisados, los peones los cazaban a tiros.

Un día un hombre bajó de un tiro a un loro centinela, el que cayó herido y peleó un buen rato antes de dejarse agarrar. El peón lo llevó a la casa, para los hijos del patrón, los chicos lo curaron porque no tenía más que un ala rota. El loro se curó muy bien, y se amansó completamente. Se llamaba Pedrito. Aprendió a dar la pata; le gustaba estar en el hombro de las personas y con el pico les hacía cosquillas en la oreja.

Vivía suelto y pasaba casi todo el día en los naranjos y eucaliptos del jardín. Le gustaba también burlarse de las gallinas. A las cuatro o cinco de la tarde, que era la hora en que tomaban el té en la casa, el loro entraba también en el comedor, y se subía con el pico y las patas por el mantel, a comer pan mojado en leche. Tenía locura por el té con leche.

Tanto se daba Pedrito con los chicos y tantas cosas le decían las criaturas, que el loro aprendió a hablar. Decía: «¡Buen día, lorito!...»

«¡Rica la papa!...» «¡Papa para Pedrito!...» Decía otras cosas más que no se pueden decir, porque los loros, como los chicos, aprenden con gran facilidad malas palabras.

Cuando llovía. Pedrito se encrespaba y se contaba a sí mismo una porción de cosas, muy bajito. Cuando el tiempo se componía, volaba entonces gritando como un loco.

Era, como se ve, un loro bien feliz, que además de ser libre, como lo desean todos los pájaros, tenía también, como las personas ricas, su five o'clock tea.

Ahora bien: en medio de esta felicidad, sucedió que una tarde de lluvia salió por fin el sol después de cinco días de temporal, y Pedrito se puso a volar gritando:

-¡Que lindo día, lorito!... ¡Rica, papa!... ¡La pata, Pedrito!
- y no volaba lejos, hasta que vio debajo de él, muy abajo, el río Paraná, que parecía una lejana y ancha cinta blanca.

Y siguió, siguió volando, hasta que se asentó por fin en un árbol a descansar.

Y he aquí que de pronto vio brillar en el suelo, a través de las ramas, dos luces verdes, como enormes bichos de luz.

-¿Que será? -se dijo el loro-. ¡Rica, papa!, ¿Que será eso? ¡Buen día, Pedrito!...

El loro hablaba siempre así, como todos los loros, mezclando las palabras sin ton ni son, y a veces costaba entenderlo. Y como era muy curioso, fue bajando de rama en rama, hasta acercarse. Entonces vio que aquellas dos luces verdes eran los ojos de un tigre que estaba agachado, mirándolo fijamente.

Pero Pedrito estaba tan contento con el lindo día, que no tuvo ningún miedo.

-¡Buen día, tigre! -le dijo-. ¡La pata, Pedrito!

Y el tigre, con esa voz terriblemente ronca que tiene, le respondió:

-¡Bu-en día!

-¡Buen día, tigre! -repitió el loro-. ¡Rica papa!... ¡rica, papa!... ¡rica, papa!...

Y decía tantas veces «¡rica papa!» porque ya eran las cuatro de la tarde, y tenía muchas ganas de tomar té con leche. El loro se había olvidado de que los bichos del monte no toman té con leche, y por esto lo convidó al tigre.

- ¡Rico té con leche! -le dijo-. ¡Buen día, Pedrito!...
¿Quieres tomar té con leche conmigo, amigo tigre?

Pero el tigre se puso furioso porque creyó que el loro se reía de él, y además, como tenía a su vez hambre, se quiso comer al pájaro hablador. Así que le contestó:

-¡Bue-no! ¡Acérca-te un po-co que soy sor-do!

El tigre no era sordo; lo que quería era que Pedrito se acercara mucho para agarrarlo de un zarpazo. Pero el loro no pensaba sino en el gusto que tendrían en la casa cuando él se presentara a tomar té con leche con aquel magnífico amigo. Y voló hasta otra rama más cerca del suelo.

-¡Rica, papa, en casa! -repitió gritando cuanto podía.

-¡Más cer-ca! ¡No oi-go! -respondió el tigre con su voz ronca. El loro se acercó un poco más y dijo: -¡Rico, té con leche!

-¡Más cer-ca to-da-vía! -repitió el tigre.

El pobre loro se acercó aún más, y en ese momento el tigre dio un terrible salto, tan alto como una casa, y alcanzó con la punta de las uñas a Pedrito. No alcanzó a matarlo, pero le arrancó todas las plumas del lomo y la cola entera. No le quedó una sola pluma en la cola.

-¡Toma! -rugió el tigre-. Anda a tomar té con leche...

El loro, gritando de dolor y de miedo, se fue volando, pero no podía volar bien, porque le faltaba la cola que es

como el timón de los pájaros. Volaba cayéndose en el aire de un lado para otro, y todos los pájaros que lo encontraban se alejaban asustados de aquel bicho raro.

Por fin pudo llegar a la casa, y lo primero que hizo fue mirarse en el espejo de la cocinera. ¡Pobre Pedrito! Era el pájaro más raro y más feo que puede darse, todo pelado, todo rabón, y temblando de frío. ¿Cómo iba a presentarse en el comedor, con esa figura? Voló entonces hasta el hueco que había en el tronco de un eucalipto y que era como una cueva, y se escondió en el fondo, tiritando de frío y de vergüenza.

Pero entretanto, en el comedor todos extrañaban su ausencia: -

¿Dónde estará Pedrito? -decían. Y llamaban:- ¡Pedrito!
¡Rica, papa, Pedrito! ¡Té con leche, Pedrito!

Pero Pedrito no se movía de su cueva, ni respondía nada, mudo y quieto. Lo buscaron por todas partes, pero el loro no apareció. Todos creyeron entonces que Pedrito había muerto, y los chicos se echaron a llorar.

Todas las tardes, a la hora del té, se acordaban siempre del loro, y recordaban también cuanto le gustaba comer pan mojado en té con leche. ¡Pobre Pedrito! Nunca más lo verían porque había muerto.

Pero Pedrito no había muerto, sino que continuaba en su cueva sin dejarse ver por nadie, porque sentía mucha

vergüenza de verse pelado como un ratón. De noche bajaba a comer y subía enseguida. De madrugada descendía de nuevo, muy ligero, e iba a mirarse en el espejo de la cocinera, siempre muy triste porque las plumas tardaban mucho en crecer.

Hasta que por fin un día, o una tarde, la familia sentada a la mesa a la hora del té vio entrar a Pedrito muy tranquilo, balanceándose como si nada hubiera pasado. Todos se querían morir, morir de gusto cuando lo vieron bien vivo y con lindísimas plumas.

-Pedrito, lorito! -le decían-. ¡Qué te pasó, Pedrito! ¡Qué plumas brillantes que tiene el lorito!

Pero no sabían que eran plumas nuevas, y Pedrito, muy serio, no decía tampoco una palabra. No hacía sino comer pan mojado en té con leche. Pero lo que es hablar, ni una sola palabra.

Por eso, el dueño de casa se sorprendió mucho cuando a la mañana siguiente el loro fue volando a pararse en su hombro, charlando como un loco. En dos minutos le contó lo que le había pasado: un paseo al Paraguay, su encuentro con el tigre, y lo demás; y concluía cada evento, cantando:

-¡Ni una pluma en la cola de Pedrito! ¡Ni una pluma!
¡Ni una pluma! Y lo invitó a ir a cazar al tigre entre los dos.

El dueño de la casa, que precisamente iba en ese momento a comprar una piel de tigre que le hacía falta para

la estufa, quedó muy contento de poderla tener gratis. Y volviendo a entrar en la casa para tomar la escopeta, emprendió junto con Pedrito el viaje al Paraguay. Convinieron en que cuando Pedrito viera al tigre, lo distraería charlando, para que el hombre pudiera acercarse despacito con la escopeta.

Y así pasó. El loro, sentado en una rama del árbol, charlaba y charlaba, mirando al mismo tiempo a todos lados, para ver si veía al tigre. Y por fin sintió un ruido de ramas partidas, y vio de repente debajo del árbol dos luces verdes fijas en él: eran los ojos del tigre.

Entonces el loro se puso a gritar:

- ¡Lindo día!... ¡Rica, papa!... ¡Rico té con leche!...
¿Quieres té con leche?...

El tigre enojadísimo al reconocer a aquel loro pelado que él creía haber muerto, y que tenía otra vez lindísimas plumas, juró que esa vez no se le escaparía, y de sus ojos brotaron dos rayos de ira cuando respondió con su voz ronca:

-¡Acér-ca-te más! ¡Soy sor-do!

El loro voló a otra rama más próxima, siempre charlando: -¡Rico, pan con leche!... ¡ESTA AL PIE DE ESTE ARBOL!...

Al oír estas últimas palabras, el tigre lanzó un rugido y se levantó de un salto.

-¿Con quién estás hablando? -bramó-. ¿A quién le has dicho que estoy al pie de este árbol?

-¡A nadie, a nadie! -gritó el loro-. ¡Buen día, Pedrito!... ¡La pata, lorito!...

Y seguía charlando y saltando de rama en rama, y acercándose. Pero él había dicho: está al pie de este árbol para avisarle al hombre, que se iba arrimando bien agachado y con la escopeta al hombro. Y llegó un momento en que el loro no pudo acercarse más, porque si no, caía en la boca del tigre, y entonces gritó:

-¡Rica, papa!... ¡ATENCIÓN!

-Más cer-ca aún! -rugió el tigre, agachándose para saltar.

-¡Rico, té con leche!... ¡CUIDADO, VA A SALTAR!

Y el tigre saltó, en efecto. Dio un enorme salto, que el loro evitó lanzándose al mismo tiempo como una flecha en el aire. Pero también en ese mismo instante el hombre, que tenía el cañón de la escopeta recostado contra un tronco para hacer bien la puntería, apretó el gatillo, y nueve balines del tamaño de un garbanzo cada uno entraron como un rayo en el corazón del tigre, que lanzando un bramido que hizo temblar el monte entero, cayó muerto.

Pero el loro, ¡qué gritos de alegría daba! Estaba loco de contento, porque se había vengado -¡y bien vengado!- del feísimo animal que le había sacado las plumas!

El hombre estaba también muy contento, porque matar a un tigre es cosa difícil, y, además, tenía la piel para la estufa del comedor. Cuando llegaron a la casa, todos supieron por qué Pedrito había estado tanto tiempo oculto en el hueco del árbol, y todos lo felicitaron por la hazaña que había hecho.

Vivieron en adelante muy contentos. Pero el loro no se olvidaba de lo que le había hecho el tigre, y todas las tardes, cuando entraba en el comedor para tomar el té, se acercaba siempre a la piel del tigre, tendida delante de la estufa, y lo invitaba a tomar té con leche.

-¡Rica, papa!... -le decía-. ¿Quieres té con leche?... ¡La papa para el tigre!

Y todos se morían de risa. Y Pedrito también.

LA GUERRA DE LOS YACARÉS

En un río muy grande, en un país desierto donde nunca había estado el hombre, vivían muchos yacarés. Eran más de cien o más de mil. Comían pescados, bichos que iban a tomar agua al río, pero sobre todo pescados. Dormían la siesta en la arena de la orilla, y a veces jugaban sobre el agua cuando había noches de luna.

Todos vivían muy tranquilos y contentos. Pero una tarde, mientras dormían la siesta, un yacaré se despertó de golpe y levantó la cabeza porque creía haber sentido ruido. Prestó oídos, y lejos, muy lejos, oyó efectivamente un ruido sordo y profundo. Entonces llamó al yacaré que dormía a su lado.

-¡Despiértate! -le dijo-. Hay peligro.

-¿Qué cosa? -respondió el otro, alarmado.

-No sé -contestó el yacaré que se había despertado primero- Siento un ruido desconocido.

El segundo yacaré oyó el ruido a su vez, y en un momento despertaron a los otros. Todos se asustaron y corrían de un lado para otro con la cola levantada.

Y no era para menos su inquietud, porque el ruido crecía, crecía. Pronto vieron como una nubecita de humo a lo lejos, y oyeron un ruido de chas-chas en el río como si golpearan el agua muy lejos. Los yacarés se miraban unos a otros: ¿qué podía ser aquello?

Pero un yacaré viejo y sabio, el más sabio y viejo de todos, un viejo yacaré a quien no quedaban sino dos dientes sanos en los costados de la boca, y que había hecho una vez un viaje hasta el mar, dijo de repente:

- ¡Yo sé lo que es! ¡Es una ballena! ¡Son grandes y echan agua blanca por la nariz! El agua cae para atrás.

Al oír esto, los yacarés chiquitos comenzaron a gritar como locos de miedo, zambullendo la cabeza. Y gritaban:

- ¡Es una ballena! ¡Ahí viene la ballena!

Pero el viejo yacaré sacudió de la cola al yacarecito que tenía más cerca.

- ¡No tengan miedo! -les gritó-. ¡Yo sé lo que es la ballena! ¡Ella tiene miedo de nosotros! ¡Siempre tiene miedo!

Con lo cual los yacarés chicos se tranquilizaron. Pero enseguida volvieron a asustarse, porque el humo gris se cambió de repente en humo negro, y todos sintieron bien fuerte ahora el chas-chas- chas en el agua. Los yacarés, espantados, se hundieron en el río, dejando solamente fuera

los ojos y la punta de la nariz. Y así vieron pasar delante de ellos aquella cosa inmensa, llena de humo y golpeando el agua, que era un vapor de ruedas que navegaba por primera vez por aquel río. El vapor pasó, se alejó y desapareció. Los yacarés entonces fueron saliendo del agua, muy enojados con el viejo yacaré, porque los había engañado, diciéndoles que eso era una ballena.

-¡Eso no es una ballena! -le gritaron en las orejas, porque era un poco sordo-. ¿Qué es eso que pasó?

El viejo yacaré les explicó entonces que era un vapor, lleno de fuego, y que los yacarés se iban a morir todos si el buque seguía pasando.

Pero los yacarés se echaron a reír, porque creyeron que el viejo se había vuelto loco. ¿Por qué se iban a morir ellos si el vapor seguía pasando? ¡Estaba bien loco, el pobre yacaré viejo!

Y como tenían hambre, se pusieron a buscar pescados.

Pero no había ni un pescado. No encontraron un solo pescado. Todos se habían ido, asustados por el ruido del vapor. No había más pescados.

-¿No les decía yo? -dijo entonces el viejo yacaré-. Ya no tenemos nada que comer. Todos los pescados se han ido. Esperemos hasta mañana. Puede ser que el vapor no vuelva más, y los pescados volverán cuando no tengan más miedo.

Pero al día siguiente sintieron de nuevo el ruido en el agua, y vieron pasar de nuevo al vapor, haciendo mucho ruido y largando tanto humo que oscurecía el cielo.

-Bueno -dijeron entonces los yacarés-; el buque pasó ayer, pasó hoy, y pasará mañana. Ya no habrá más pescados ni bichos que vengan a tomar agua, y nos moriremos de hambre. Hagamos entonces un dique.

-¡Sí, un dique! ¡Un dique! -gritaron todos, nadando a toda fuerza hacía la orilla- ¡hagamos un dique!

Enseguida se pusieron a hacer el dique. Fueron todos al bosque y echaron abajo más de diez mil árboles, sobre todo lapachos y quebrachos, porque tienen la madera muy dura... Los cortaron con la especie de serrucho que los yacarés tienen encima de la cola; los empujaron hasta el agua, y los clavaron a todo lo ancho del río, a un metro uno del otro. Ningún buque podía pasar por allí, ni grande ni chico. Estaban seguros de que nadie vendría a espantar los pescados. Y como estaban muy cansados, se acostaron a dormir en la playa.

Al otro día dormían todavía cuando oyeron el chas-chas del vapor. Todos oyeron, pero ninguno se levantó ni abrió los ojos siquiera. ¿Qué les importaba el buque? Podía hacer todo el ruido que quisiera, por allí no iba a pasar.

En efecto: el vapor estaba muy lejos todavía cuando se detuvo. Los hombres que iban adentro miraron con anteojos

aquella cosa atravesada en el río y mandaron un bote a ver qué era aquello que les impedía pasar. Entonces los yacarés se levantaron y fueron al dique, y miraron por entre los palos, riéndose del chasco que se había llevado el vapor.

El bote se acercó, vio el formidable dique que habían levantado los yacarés y se volvió al vapor. Pero después volvió otra vez al dique, y los hombres del bote gritaron:

-¡Eh, yacarés!

-¡Qué hay! -respondieron los yacarés, sacando la cabeza por entre los troncos del dique.

-¡Nos está estorbando eso -continuaron los hombres.

-¡Ya lo sabemos!

-¡No podemos pasar!

-¡Es lo que queremos!

-¡Saquen el dique!

-¡No lo sacamos!

Los hombres del bote hablaron un rato en voz baja entre ellos y gritaron después:

-¡Yacarés!

-¿Qué hay? -contestaron ellos.

-¿No lo sacan?

-¡No!

-¡Hasta mañana, entonces!

-¡Hasta cuando quieran!

Y el bote volvió al vapor, mientras los yacarés, locos de contento, daban tremendos colazos en el agua. Ningún vapor iba a pasar por allí y siempre, siempre, habría pescados.

Pero al día siguiente volvió el vapor, y cuando los yacarés miraron el buque, quedaron mudos de asombro: ya no era el mismo buque. Era otro, un buque de color ratón, mucho más grande que el otro.

¿Qué nuevo vapor era ese? ¿Ese también quería pasar? No iba a pasar, no. ¡Ni ése, ni otro, ni ningún otro!

-¡No, no va a pasar! -gritaron los yacarés, lanzándose al dique, cada cual a su puesto entre los troncos.

El nuevo buque, como el otro, se detuvo lejos, y también como el otro bajó un bote que se acercó al dique.

Dentro venían un oficial y ocho marineros. El oficial gritó: -¡Eh, yacarés!

-¡Qué hay! -respondieron éstos.

-¿No sacan el dique?

-No.

-¿No?

-¡No!

-Está bien -dijo el oficial-. Entonces lo vamos a echar a pique a cañonazos.

-¡Echen! -contestaron los yacarés. Y el bote regresó al buque.

Ahora bien, ese buque de color ratón era un buque de guerra, un acorazado con terribles cañones. El viejo yacaré sabio, que había ido una vez hasta el mar, se acordó de repente, y apenas tuvo tiempo de gritar a los otros yacarés:

-¡Escóndanse bajo el agua! ¡Ligero! ¡Es un buque de guerra!. ¡Cuidado! ¡Escóndanse!

Los yacarés desaparecieron en un instante bajo el agua y nadaron hacia la orilla, donde quedaron hundidos, con la nariz y los ojos únicamente fuera del agua. En ese mismo momento, del buque salió una gran nube blanca de humo, sonó un terrible estampido, y una enorme bala de cañón cayó en pleno dique, justo en el medio. Dos o tres troncos volaron hechos pedazos, y en seguida cayó otra bala, y otra y otra más, y cada una hacia saltar por el aire en astillas un pedazo de dique, hasta que no quedó nada del dique. Ni un tronco, ni una astilla, ni una cáscara. Todo había sido deshecho a cañonazos por el acorazado. Y los yacarés, hundidos en el agua, con los ojos y la nariz solamente fuera, vieron pasar el buque de guerra, silbando a toda fuerza.

Entonces los yacarés salieron del agua y dijeron: -Hagamos otro dique mucho más grande que el otro.

Y en esa misma tarde y esa noche hicieron otro dique, con troncos inmensos. Después se acostaron a dormir,

cansadísimos, y estaban durmiendo todavía al día siguiente cuando el buque de guerra llegó otra vez, y el bote se acercó al dique.

-¡Eh, yacarés! -gritó el oficial.

-¡Qué hay! -respondieron los yacarés.

-¡Saquen ese otro dique!

-¡No lo sacamos!

-¡Lo vamos a deshacer a cañonazos como al otro!

-¡Deshagan..., si pueden!

Y hablaban así con orgullo porque estaban seguros de que su nuevo dique no podría ser deshecho ni por todos los cañones del mundo. Pero un rato después el buque volvió a llenarse de humo, y con un horrible estampido la bala reventó en el medio del dique, porque esta vez habían tirado con granada. La granada reventó contra los troncos, hizo saltar, despedazó, redujo a astillas las enormes vigas. La segunda reventó al lado de la primera y otro pedazo de dique voló por el aire. Y así fueron deshaciendo el dique. Y no quedó nada del dique; nada, nada. El buque de guerra pasó entonces delante de los yacarés, y los hombres les hacían burlas tapándose la boca.

-Bueno -dijeron entonces los yacarés, saliendo del agua-. Vamos a morir todos, porque el buque va a pasar siempre y los pescados no volverán.

Y estaban tristes, porque los yacarés chiquitos se quejaban de hambre.

El viejo yacaré dijo entonces:

-Todavía tenemos una esperanza de salvarnos. Vamos a ver al SURUBÍ. Yo hice un viaje con él cuando fui hasta el mar, y tiene un torpedo. El vio un combate entre dos buques de guerra, y trajo hasta aquí un torpedo que no reventó. Vamos a pedirselo, y aunque está muy enojado con nosotros los yacarés, tiene buen corazón y no querrá que muramos todos.

El hecho es que antes, muchos años antes, los yacarés se habían comido a un sobrinito del Surubí, y éste no había querido tener más relaciones con los yacarés. Pero a pesar de todo fueron corriendo a ver al Surubí, que vivía en una gruta grandísima en la orilla del río Paraná, y que dormía siempre al lado de su torpedo.

Hay surubíes que tienen hasta dos metros de largo y el dueño del torpedo era uno de éstos.

-¡Eh, Surubí! -gritaron todos los yacarés desde la entrada de la gruta, sin atreverse a entrar por aquel asunto del sobrinito.

-¿Quién me llama? -contestó el Surubí.

-¡Somos nosotros, los yacarés!

-No tengo ni quiero tener relación con ustedes -respondió el Surubí, de mal humor.

Entonces el viejo yacaré se adelantó un poco en la gruta y dijo:

-¡Soy yo, Surubí! ¡Soy tu amigo el yacaré que hizo contigo el viaje hasta el mar!

Al oír esa voz conocida, el Surubí salió de la gruta.

- ¡Ah, no te había conocido! -le dijo cariñosamente a su viejo amigo-. ¿Qué quieres?

-Venimos a pedirte el torpedo. Hay un buque de guerra que pasa por nuestro río y espanta a los pescados. Es un buque de guerra, un acorazado. Hicimos un dique, y lo echó a pique. Hicimos otro, y lo echó también a pique. Los pescados se han ido, y nos moriremos de hambre. Danos el torpedo, y lo echaremos a pique a él.

El Surubí, al oír esto, pensó un largo rato, y después dijo:

-Está bien; les prestaré el torpedo, aunque me acuerdo siempre de lo que hicieron con el hijo de mi hermano. ¿Quién sabe hacer reventar el torpedo?

Ninguno sabía, y todos callaron.

-Está bien -dijo el Surubí, con orgullo-, yo lo haré reventar. Yo sé hacer eso.

Organizaron entonces el viaje. Los yacaré se ataron todos unos con otros; de la cola de uno al cuello del otro; de la cola de éste al cuello de aquél, formando así una larga cadena de yacaré que tenía más de una cuadra. El inmenso

Surubí empujó el torpedo hacia la corriente y se colocó bajo él, sosteniéndolo sobre el lomo para que flotara. Y como las lianas con que estaban atados los yacarés uno detrás del otro se habían concluido, el Surubí se prendió con los dientes de la cola del último yacaré, y así emprendieron la marcha. El Surubí sostenía el torpedo, y los yacarés tiraban, corriendo por la costa. Subían, bajaban, saltaban por sobre las piedras, corriendo siempre y arrastrando al torpedo, que levantaba olas como un buque por la velocidad de la corrida. Pero a la mañana siguiente, bien temprano, llegaban al lugar donde habían construido su último dique, y comenzaron enseguida otro, pero mucho más fuerte que los anteriores, porque por consejo del Surubí colocaron los troncos bien juntos, uno al lado de otro. Era un dique realmente formidable.

Hacía apenas una hora que acababan de colocar el último tronco del dique, cuando el buque de guerra apareció otra vez, y el bote con el oficial y ocho marineros se acercó de nuevo al dique. Los yacarés se treparon entonces por los troncos y asomaron la cabeza del otro lado.

-¡Eh, yacarés! -gritó el oficial.

-¡Qué hay! -respondieron los yacarés.

-¿Otra vez el dique?

-¡Sí, otra vez!

-¡Saquen ese dique!

-¡Nunca!

-¿No lo sacan?

-¡No!

-Bueno; entonces, oigan -dijo el oficial-. Vamos a deshacer este dique, y para que no quieran hacer otro los vamos a deshacer después a ustedes, a cañonazos. No va a quedar ni uno solo vivo; ni grandes, ni chicos, ni gordos, ni flacos, ni jóvenes, ni viejos, como ese viejísimo yacaré que veo allí, y que no tiene sino dos dientes en los costados de la boca.

El viejo y sabio yacaré, al ver que el oficial hablaba de él y se burlaba, le dijo:

-Es cierto que no me quedan sino pocos dientes, y algunos rotos. ¿Pero usted sabe qué van a comer mañana estos dientes? -añadió, abriendo su inmensa boca.

-¿Qué van a comer, a ver? -respondieron los marineros.

-A ese oficialito -dijo el yacaré y se bajó rápidamente de su tronco. Entretanto, el Surubí había colocado su torpedo bien en medio del dique, ordenando a cuatro yacarés que lo aseguraran con cuidado y lo hundieran en el agua hasta que él les avisara. Así lo hicieron. Enseguida, los demás yacarés se hundieron a su vez cerca de la orilla, dejando únicamente la nariz y los ojos fuera del agua. El Surubí se hundió al lado de su torpedo.

De repente el buque de guerra se llenó de humo y lanzó el primer cañonazo contra el dique. La granada reventó justo

en el centro del dique, e hizo volar en mil pedazos diez o doce troncos.

Pero el Surubí estaba alerta y apenas quedó abierto el agujero en el dique, gritó a los yacarés que estaban bajo el agua sujetando el torpedo:

-¡Suelten el torpedo, ligero, suelten!

Los yacarés soltaron, y el torpedo vino a flor de agua.

En menos del tiempo que se necesita para contarlo, el Surubí colocó el torpedo bien en el centro del boquete abierto, apuntando con un solo ojo, y poniendo en movimiento el mecanismo del torpedo, lo lanzó contra el buque.

¡Ya era tiempo! En ese instante el acorazado lanzaba su segundo cañonazo y la granada iba a reventar entre los palos, haciendo saltar en astillas otro pedazo del dique.

Pero el torpedo llegaba al buque, y los hombres que estaban en él lo vieron: es decir, vieron el remolino que hace en el agua un torpedo. Dieron todos un gran grito de miedo y quisieron mover el acorazado para que el torpedo no lo tocara.

Pero era tarde; el torpedo llegó, chocó con el inmenso buque bien en el centro, y reventó.

No es posible darse cuenta del terrible ruido con que reventó el torpedo. Reventó, y partió el buque en quince mil pedazos; lanzó por el aire, a cuerdas y cuerdas de distancia, chimeneas, máquinas, cañones, lanchas, todo.

Los yacarés dieron un grito de triunfo y corrieron como locos al dique. Desde allí vieron pasar por el agujero abierto por la granada a los hombres muertos, heridos y algunos vivos que la corriente del río arrastraba.

Se treparon amontonados en los dos troncos que quedaban a ambos lados del boquete y cuando los hombres pasaban por allí, se burlaban tapándose la boca con las patas.

No quisieron comer a ningún hombre, aunque bien lo merecían. Sólo cuando pasó uno que tenía galones de oro en el traje y que estaba vivo, el viejo yacaré se lanzó de un salto al agua, y ¡tac! en dos golpes de boca se lo comió.

-¿Quién es ése? -preguntó un yacarecito ignorante.

-Es el oficial -le respondió el Surubí-. Mi viejo amigo le había prometido que lo iba a comer, y se lo ha comido.

Los yacarés sacaron el resto del dique, que para nada servía ya, puesto que ningún buque volvería a pasar por allí. El Surubí, que se había enamorado del cinturón y los cordones del oficial, pidió que se los regalaran, y tuvo que sacárselos de entre los dientes al viejo yacaré, pues habían quedado enredados allí. El Surubí se puso el cinturón, abrochándolo por bajo las aletas, y del extremo de sus grandes bigotes prendió los cordones de la espada. Como la piel del Surubí es muy bonita, y las manchas oscuras que tiene se parecen a las de una víbora, el Surubí nadó una hora pasando

y repasando ante los yacarés, que lo admiraban con la boca abierta. Los yacarés lo acompañaron luego hasta su gruta, y le dieron las gracias ininidad de veces. Volvieron después a su paraje. Los pescados volvieron también, los yacarés vivieron y viven todavía muy felices, porque se han acostumbrado al fin a ver pasar vapores y buques que llevan naranjas.

Pero no quieren saber nada de buques de guerra.

LA GAMA CIEGA

Había una vez un venado -una gama- que tuvo dos hijos mellizos, cosa rara entre los venados. Un gato montés se comió a uno de ellos, y quedó sólo la hembra. Las otras gamas, que la querían mucho, le hacían siempre cosquillas en los costados.

Su madre le hacía repetir todas las mañanas, al rayar el día, la oración de los venados. Y dice así:

- I. Hay que oler bien primero las hojas antes de comerlas, porque algunas son venenosas.
- II. Hay que mirar bien el río y quedarse quieto antes de bajar a beber, para estar seguro de que no hay yacarés.
- III. Cada media hora hay que levantar bien alta la cabeza y oler el viento, para sentir el olor del tigre.
- IV. Cuando se come pasto del suelo, hay que mirar siempre antes los yuyos para ver si hay víboras.

Este es el padrenuestro de los venados chicos. Cuando la gamita lo hubo aprendido bien, su madre la dejó andar sola.

Una tarde, sin embargo, mientras la gamita recorría el monte comiendo las hojitas tiernas, vio de pronto ante ella, en el hueco de un árbol que estaba podrido, muchas bolitas juntas que colgaban. Tenían un color oscuro, como el de las pizarras.

¿Qué sería? Ella tenía también un poco de miedo pero como era muy traviesa, dio un cabezazo a aquellas cosas, y disparó.

Vio entonces que las bolitas se habían rajado, y que caían gotas.

Habían salido también muchas mosquitas rubias de cintura muy fina, que caminaban apresuradas por encima.

La gama se acercó, y las mosquitas no la picaron. Despacito, entonces, muy despacito, probó una gota con la punta de la lengua, y se relamió con gran placer aquellas gotas eran miel, y miel riquísima, porque las bolas de color pizarra eran una colmena de abejitas que no picaban porque no tenían aguijón. Hay abejas así. En dos minutos la gamita se tomó toda la miel, y loca de contenta fue a contarle a su mamá. Pero la mamá la reprendió seriamente.

-Ten mucho cuidado, mi hija -le dijo- con los nidos de abejas. La miel es una cosa muy rica, pero es muy peligroso ir a sacarla. Nunca te metas con los nidos que veas.

La gamita gritó contenta:

-¡Pero no pican, mamá! Los tábanos y las uras si pican; las abejas no.

-Estás equivocada, mi hija -continuó la madre-. Hoy has tenido suerte, nada más. Hay abejas y avispas muy malas. Cuidado, mi hija; porque me vas a dar un gran disgusto.

-¡Sí, mamá! ¡Sí, mamá! -respondió la gamita. Pero lo primero que hizo a la mañana siguiente fue seguir los senderos que habían abierto los hombres en el monte, para ver con más facilidad los nidos de abejas.

Hasta que al fin halló uno. Esta vez el nido tenía abejas oscuras, con una fajita amarilla en la cintura, que caminaban por encima del nido. El nido también era distinto; pero la gamita pensó que, puesto que estas abejas eran más grandes, la miel debía ser más rica.

Se acordó asimismo de la recomendación de su mamá; mas creyó que su mamá exageraba, como exageran siempre las madres de las gamitas. Entonces le dio un gran cabezazo al nido.

¡Ojalá nunca lo hubiera hecho! Salieron enseguida cientos de avispas, miles de avispas que la picaron en todo el cuerpo, le llenaron todo el cuerpo de picaduras, en la cabeza, en la barriga, en la cola; y lo que es mucho peor, en los mismos ojos. La picaron más de diez en los ojos.

La gamita, loca de dolor, corrió y corrió gritando, hasta que de repente tuvo que pararse porque no veía más; estaba ciega, ciega del todo.

Los ojos se le habían hinchado enormemente, y no veía más. Se quedó quieta entonces, temblando de dolor y de miedo, y sólo podía llorar desesperadamente.

-¡Mamá!... ¡Mamá!...

Su madre, que había salido a buscarla, porque tardaba mucho, la halló al fin, y se desesperó también con su gamita que estaba ciega. La llevó paso a paso hasta su cubil, con la cabeza de su hija recostada en su pescuezo, y los bichos del monte que encontraban en el camino se acercaban todos a mirar los ojos de la infeliz gama.

La madre no sabía qué hacer. ¿Qué remedios podía hacerle ella? Ella sabía bien que en el pueblo que estaba del otro lado del monte vivía un hombre que tenía remedios. El hombre era cazador, -y cazaba también venados, pero era un hombre bueno.

La madre tenía miedo, sin embargo, de llevar a su hija a un hombre que cazaba gamas. Como estaba desesperada se decidió a hacerlo. Pero antes quiso ir a pedir una carta de recomendación al OSO HORMIGUERO, que era un gran amigo del hombre.

Salió, pues, después de dejar a la gamita bien oculta, y atravesó corriendo el monte, donde el tigre casi la alcanza.

Cuando llegó a la guarida de su amigo, no podía dar un paso más de cansancio. Este amigo era, como se ha dicho, un oso hormiguero; pero era de una especie pequeña, cuyos individuos tienen un color amarillo, y por encima del color amarillo una especie de camiseta negra sujeta por dos cintas que pasan por encima de los hombros. Tienen también la cola prensil, porque siempre viven en los árboles, y se cuelgan de la cola.

¿De dónde provenía la amistad estrecha entre el oso hormiguero y el cazador? Nadie lo sabía en el monte; pero alguna vez ha de llegar el motivo a nuestros oídos.

La pobre madre, pues, llegó hasta el cubil del oso hormiguero.

-¡Tan! ¡tan! ¡tan! -llamó jadeante.

-¿Quién es? -respondió el oso hormiguero.

-¡Soy yo, la gama!

-¡Ah, bueno! ¿Qué quiere la gama?

-Vengo a pedirle una tarjeta de recomendación para el cazador. La gamita, mi hija, está ciega.

-¿Ah, la gamita? -le respondió el oso hormiguero-. Es una buena persona. Si es por ella, si le doy lo que quiere. Pero no necesita nada escrito... Muéstrole esto, y la atenderá.

Y con el extremo de la cola, el oso hormiguero le extendió a la gama una cabeza seca de víbora, completamente seca, que tenía aún los colmillos venenosos.

-Muéstrole esto -dijo aún el comedor de hormigas-.
No se precisa más.

-¡Gracias, oso hormiguero! -respondió contenta la gama-. Usted también es una buena persona.

Y salió corriendo, porque era muy tarde y pronto iba a amanecer. Al pasar por su cubil recogió a su hija, que se quejaba siempre, y juntas llegaron por fin al pueblo, donde tuvieron que caminar muy despacito y arrimarse a las paredes, para que los perros no las sintieran. Ya estaban ante la puerta del cazador.

-¡Tan! ¡tan! ¡tan! -golpearon.

-¿Que hay? -respondió una voz de hombre, desde adentro.

-¡Somos las gamas!... ¡TENEMOS LA CABEZA DE VIBORA!

La madre se apuró a decir esto, para que el hombre supiera bien que ellas eran amigas del oso hormiguero.

-¡Ah, ah! -dijo el hombre, abriendo la puerta-.
¿Que pasa?

-Venimos para que cure a mi hija, la gamita, que está ciega. Y contó al cazador toda la historia de las abejas.

-¡Hum!... Vamos a ver qué tiene esta señorita -dijo el cazador. Y volviendo a entrar en la casa, salió de nuevo con una silla alta, e hizo sentar en ella a la gamita para poderle

ver bien los ojos sin agacharse mucho. Le examinó así los ojos, bien de cerca con un vidrio muy redondo muy grande, mientras la mamá alumbraba con el farol de viento colgado de su cuello.

-Esto no es gran cosa -dijo por fin el cazador, ayudando a bajar a la gamita-. Pero hay que tener mucha paciencia. Póngale esta pomada en los ojos todas las noches, y téngale veinte días en la oscuridad. Después póngale estos lentes amarillos, y se curará.

-¡Muchas gracias, cazador! -respondió la madre, muy contenta y agradecida-. ¿Cuánto le debo?

-No es nada -respondió sonriendo el cazador-. Pero tenga mucho cuidado con los perros, porque en la otra cuadra vive precisamente un hombre que tiene perros para seguir el rastro de los venados.

Las gamas tuvieron gran miedo; apenas pisaban, y se detenían a cada momento. Y con todo, los perros las olfatearon y las corrieron media legua dentro del monte. Corrían por una picada muy ancha, y delante la gamita iba balando.

Tal como lo dijo el cazador se efectuó la curación. Pero sólo la gama supo cuánto le costó tener encerrada a la gamita en el hueco de un gran árbol, durante veinte días interminables. Adentro no se veía nada. Por fin una mañana la madre apartó con la cabeza el gran montón de ramas que había

arrimado al hueco del árbol para que no entrara luz, y la gamita, con sus lentes amarillos, salió corriendo y gritando:

-¡Veó, mamá! ¡Ya veó todo!

Y la gama, recostando la cabeza en una rama, lloraba también de alegría, al ver curada a su gamita.

Y se curó del todo. Pero aunque curada, y sana y contenta, la gamita tenía un secreto que la entristecía. Y el secreto era éste: ella quería a toda costa pagarle al hombre que tan bueno había sido con ella y no sabía cómo.

Hasta que un día creyó haber encontrado el medio. Se puso a recorrer la orilla de las lagunas y bañados, buscando plumas de garza para llevarle al cazador. El cazador, por su parte, se acordaba a veces de aquella gamita ciega que él había curado.

Y una noche de lluvia estaba el hombre leyendo en su cuarto, muy contento porque acababan de componer el techo de paja, que ahora no se llovía más; estaba leyendo cuando oyó que llamaban. Abrió la puerta, y vio a la gamita que le traía un atadito, un plumerito todo mojado de plumas de garza.

El cazador se puso a reír, y la gamita, avergonzada porque creía que el cazador se reía de su pobre regalo, se fue muy triste. Buscó entonces plumas muy grandes, bien secas y limpias, y una semana después volvió con ellas; y esta vez el hombre, que se había reído la vez anterior de cariño, no

se rió esta vez porque la gamita no comprendía la risa. Pero en cambio le regaló un tubo de tacuara lleno de miel, que la gamita tomó loca de contento.

Desde entonces la gamita y el cazador fueron grandes amigos. Ella se empeñaba siempre en llevarle plumas de garza que valen mucho dinero, y se quedaba horas charlando con el hombre. El ponía siempre en la mesa un jarro enlozado lleno de miel, y, arrimaba la sillita alta para su amiga. A veces le daba también cigarros que las gamas comen con gran gusto, y no les hacen mal. Pasaban así el tiempo, mirando la llama, porque el hombre tenía una estufa a leña mientras afuera el viento y la lluvia sacudía el alero de paja del rancho.

Por temor a los perros, la gamita no iba sino en las noches de tormenta. Y cuando caía la tarde y empezaba a llover, el cazador colocaba en la mesa el jarrito de miel y la servilleta, mientras tomaba café y leía, esperando en la puerta el ¡tan-tan! bien conocido de su amiga la gamita.

HISTORIA DE DOS CACHORROS DE COATÍ Y DE DOS CACHORROS DE HOMBRE

Había una vez un coatí que tenía tres hijos. Vivían en el monte comiendo frutas, raíces y huevos de pajaritos.

Cuando estaban arriba de los árboles y sentían un gran ruido, se tiraban al suelo de cabeza y salían corriendo con la cola levantada.

Una vez que los coaticitos fueron un poco grandes, su madre los reunió un día arriba de un naranjo y les habló así:

«Coaticitos: ustedes son bastante grandes para buscarse la comida solos. Deben aprenderlo, porque cuando sean viejos andarán siempre solos, como todos los coatís. El mayor de ustedes, que es muy amigo de cazar cascarudos, puede encontrarlos entre los palos podridos, porque allí hay muchos cascarudos y cucarachas. El segundo, que es gran comedor de frutas, puede encontrarlas en este naranjal; hasta

diciembre habrá naranjas. El tercero, que no quiere comer sino huevos de pájaros, puede ir a todas partes, porque en todas partes hay nidos de pájaros. Pero que no vaya nunca a buscar nidos al campo, porque es peligroso.

«Coaticitos: hay una sola cosa a la cual deben tener gran miedo. Son los perros. Yo peleé una vez con ellos, y sé lo que les digo; por eso tengo un diente roto. Detrás de los perros vienen siempre los hombres con un gran ruido, que mata. Cuando oigan cerca este ruido, tírense de cabeza al suelo, por alto que sea el árbol.

Si no lo hacen así los mataran con seguridad de un tiro.»

Así habló la madre. Todos se bajaron entonces y se separaron, caminando de derecha a izquierda y de izquierda a derecha, como si hubieran perdido algo, porque así caminan los coatís.

El mayor, que quería comer cascarudos, buscó entre los palos podridos y las hojas de los yuyos, y encontró tantos, que comió hasta quedarse dormido. El segundo, que prefería las frutas a cualquier cosa, comió cuantas naranjas quiso, porque aquel naranjal estaba dentro del monte, como pasa en el Paraguay y Misiones, y ningún hombre vino a incomodarlo. El tercero, que era loco por los huevos de pájaros, tuvo que andar todo el día para encontrar únicamente dos nidos; uno de tucán, que tenía tres huevos, y uno de tórtolas, que tenía sólo dos.

Total, cinco huevos chiquitos, que era muy poca comida; de modo que al caer la tarde el coaticito tenía tanta hambre como de mañana, y se sentó muy triste a la orilla del monte. Desde allí veía el campo, y pensó en la recomendación de su madre.

-¿Por qué no querrá mamá -se dijo- que vaya a buscar nidos en el campo?

Estaba pensando así cuando oyó, muy lejos, el canto de un pájaro.

-¡Qué canto tan fuerte! -dijo admirado- ¡Qué huevos tan grandes debe tener ese pájaro!

El canto se repitió. Y entonces el coati se puso a correr por entre el monte, cortando camino, porque el canto había soñado muy a su derecha. El sol caía ya, pero el coati volaba con la cola levantada. Llegó a la orilla del monte, por fin, y miró al campo. Lejos vio la casa de los hombres, y vio a un hombre con botas que llevaba un caballo de la soga. Vio también un pájaro muy grande que cantaba y entonces el coaticito se golpeó la frente y dijo:

-¡Qué zonzo soy! Ahora ya sé qué pájaro es ése. Es un gallo; mamá me lo mostró un día de arriba de un árbol. Los gallos tienen un canto lindísimo, y tienen muchas gallinas que ponen huevos. ¡Si yo pudiera comer huevos de gallina!...

Es sabido que nada gusta tanto a los bichos chicos del monte como los huevos de gallina. Durante un rato el

coaticito se acordó de la recomendación de su madre. Pero el deseo pudo más, y se sentó a la orilla del monte, esperando que cerrara bien la noche para ir al gallinero.

La noche cerró por fin, y entonces, en puntas de pie y paso a paso, se encaminó a la casa. Llegó allá y escuchó atentamente: no se sentía el menor ruido. El coaticito, loco de alegría porque iba a comer cien, mil, dos mil huevos de gallina, entró en el gallinero, y lo primero que vio bien en la entrada fue un huevo que estaba solo en el suelo. Pensó un instante en dejarlo para el final, como postre, porque era un huevo muy grande; pero la boca se le hizo agua, y clavó los dientes en el huevo.

Apenas lo mordió, ¡TRAC!, un terrible golpe en la cara y un inmenso dolor en el hocico.

-¡Mamá, mamá! -gritó, loco de dolor, saltando a todos lados. Pero estaba sujeto, y en ese momento oyó el ronco ladrido de un perro. Mientras el coatí esperaba en la orilla del monte que cerrara bien la noche para ir al gallinero, el hombre de la casa jugaba sobre la gramilla con sus hijos, dos criaturas rubias de cinco y seis años, que corrían riendo, se caían, se levantaban riendo otra vez, y volvían a caerse. El padre se caía también, con gran alegría de los chicos. Dejaron por fin de jugar porque ya era de noche, y el hombre dijo entonces:

-Voy a poner la trampa para cazar a la comadreja que viene a matar los pollos y robar los huevos.

Y fue y armó la trampa. Después comieron y se acostaron. Pero las criaturas no tenían sueño, y saltaban de la cama del uno a la del otro y se enredaban en el camisón. El padre, que leía en el comedor, los dejaba hacer. Pero los chicos de repente se detuvieron en sus saltos y gritaron:

-¡Papá! ¡Ha caído la comadreja en la trampa!, ¡Tuké está ladrando!

¡Nosotros también queremos ir, papá!

El padre consintió, pero no sin que las criaturas se pusieran las sandalias, pues nunca los dejaba andar descalzos de noche, por temor a las víboras.

Fueron. ¿Qué vieron allí? Vieron a su padre que se agachaba, teniendo al perro con una mano, mientras con la otra levantaba por la cola a un coatí, un coaticito chico aún, que gritaba con un chillido rapidísimo y estridente, como un grillo.

-¡Papá, no lo mates! -dijeron las criaturas-. ¡Es muy chiquito!

¡Dánselo para nosotros!

-Bueno, se lo voy a dar -respondió el padre-. Pero cuídenlo bien, y sobre todo no se olviden de que los coatís toman agua como ustedes.

Esto lo decía porque los chicos habían tenido una vez un gatito montés al cual a cada rato le llevaban carne, que sacaban de la fiamblera, pero nunca le dieron agua, y se murió.

En consecuencia, pusieron al coatí en la misma jaula del gato montés, que estaba cerca del gallinero, y se acostaron todos otra vez.

Y cuando era más de medianoche y había un gran silencio, el coaticito, que sufría mucho por los dientes de la trampa, vio, a la luz de la luna, tres sombras que se acercaban con gran sigilo. El corazón le dio un vuelco al pobre coaticito al reconocer a su madre y sus dos hermanos que lo estaban buscando.

-¡Mamá, mamá! -murmuró el prisionero en voz muy baja para no hacer ruido-. ¡Estoy aquí! ¡Sáquenme de aquí! ¡No quiero quedarme, ma ... má! -y lloraba desconsolado.

Pero a pesar de todo estaban contentos porque se habían encontrado, y se hacían mil caricias en el hocico.

Se trató enseguida de hacer salir al prisionero. Probaron primero a cortar el alambre tejido, y los cuatro se pusieron a trabajar con los dientes; mas no conseguían nada. Entonces a la madre se le ocurrió de repente una idea, y dijo:

-¡Vamos a buscar las herramientas del hombre! Los hombres tienen herramientas para cortar fierro. Se llaman limas. Tienen tres lados como las víboras de cascabel. Se empuja y se retira. ¡Vamos a buscarla!

Fueron al taller del hombre y volvieron con la lima. Creyendo que uno solo no tendría fuerzas bastantes, sujetaron la lima entre los tres y empezaron el trabajo. Y se entusiasmaron tanto, que al rato la jaula entera temblaba con las sacudidas y hacía un terrible ruido. Tal ruido hacía, que el perro se despertó, lanzando un ronco ladrido. Mas los coatis no esperaron a que el perro les pidiera cuenta de ese escándalo y dispararon al monte, dejando la lima tirada.

Al día siguiente, los chicos fueron temprano a ver a su nuevo huésped, que estaba muy triste.

-¿Qué nombre le pondremos? -preguntó la nena a su hermano.

-¡Ya sé! -respondió el varoncito-. ¡Le pondremos Diecisiete!

¿Por qué Diecisiete? Nunca hubo bicho del monte con nombre más raro. Pero el varoncito estaba aprendiendo a contar, y tal vez le había llamado la atención aquel número.

El caso es que se llamó Diecisiete. Le dieron pan, uvas, chocolate, carne, langostas, huevos, riquísimos huevos de gallina.

Lograron que en un solo día se dejara rascar la cabeza; y tan grande es la sinceridad del cariño de las criaturas, que al llegar la noche el coati estaba casi resignado con su cautiverio. Pensaba a cada momento en las cosas ricas que había

para comer allí, y pensaba en aquellos rubios cachorritos de hombre que tan alegres y buenos eran.

Durante dos noches seguidas, el perro durmió tan cerca de la jaula, que la familia del prisionero no se atrevió a acercarse, con gran sentimiento. Cuando a la tercera noche llegaron de nuevo a buscar la lima para dar libertad al coaticito, éste les dijo:

-Mamá: yo no quiero irme más de aquí. Me dan huevos y son muy buenos conmigo. Hoy me dijeron que si me portaba bien me iban a dejar suelto muy pronto. Son como nosotros. Son cachorritos también y jugamos juntos.

Los coatís salvajes quedaron muy tristes, pero se resignaron, prometiendo al coaticito venir todas las noches a visitarlo.

Efectivamente, todas las noches, lloviera o no, su madre y sus hermanos iban a pasar un rato con él. El coaticito les daba pan por entre el tejido de alambre, y los coatís salvajes se sentaban a comer frente a la jaula.

Al cabo de quince días, el coaticito andaba suelto y él mismo se iba de noche a su jaula. Salvo algunos tirones de orejas que se llevaba por andar cerca del gallinero, todo marchaba bien. El y las criaturas se querían mucho, y los mismos coatís salvajes, al ver lo buenos que eran aquellos cachorritos de hombre, habían concluido por tomar cariño a las dos criaturas.

Hasta que una noche muy oscura, en que hacía mucho calor y tronaba, los coatís salvajes llamaron al coaticito y nadie les respondió. Se acercaron muy inquietos y vieron entonces, en el momento en que casi la pisaban, una enorme víbora que estaba enroscada a la entrada de la jaula. Los coatís comprendieron en seguida que el coaticito había sido mordido al entrar, y no había respondido a su llamado porque acaso estaba ya muerto. Pero lo iban a vengar bien. En un segundo, entre los tres, enloquecieron a la serpiente de cascabel, saltando de aquí para allá, y en otro segundo cayeron sobre ella, deshaciéndole la cabeza a mordiscos. Corrieron entonces adentro, y allí estaba en efecto el coaticito, tendido, hinchado, con las patas temblando y muriéndose. En balde los coatís salvajes lo movieron; lo lamieron en balde por todo el cuerpo durante un cuarto de hora. El coaticito abrió por fin la boca y dejó de respirar, porque estaba muerto.

Los coatís son casi refractarios, como se dice, al veneno de las víboras. No les hace casi nada el veneno, y hay otros animales, como la mangosta, que resisten muy bien el veneno de las víboras. Con toda seguridad el coaticito había sido mordido en una arteria o una vena, porque entonces la sangre se envenena en seguida, y el animal muere. Esto le había pasado al coaticito.

Al verlo así, su madre y sus hermanos lloraron un largo rato. Después, como nada más tenían que hacer allí, salieron de la jaula, se dieron vuelta: para mirar por última vez la casa donde tan feliz había sido el coaticito, y se fueron otra vez al monte.

Pero los tres coatís, sin embargo, iban muy preocupados, y su preocupación era ésta: ¿qué iban a decir los chicos, cuando al día siguiente, vieran muerto a su querido coaticito? Los chicos le querían muchísimo, y ellos, los coatís, querían también a los cachorritos rubios. Así es que los tres coatís tenían el mismo pensamiento, y era evitarles ese gran dolor a los chicos.

Hablaron un largo rato y al fin decidieron lo siguiente: el segundo de los coatís, que se parecía muchísimo al menor en cuerpo y en modo de ser iba a quedarse en la jaula, en vez del difunto. Como estaban enterados de muchos secretos de la casa, por los cuentos del coaticito, los chicos no conocerían nada; extrañarían un poco algunas cosas, pero nada más.

Y así pasó en efecto. Volvieron a la casa, y un nuevo coaticito reemplazó al primero, mientras la madre y el otro hermano se llevaban sujetos a los dientes el cadáver del menor. Lo llevaron despacio al monte, y la cabeza colgaba, balanceándose, y la cola iba arrastrando por el suelo.

Al día siguiente los chicos extrañaron, efectivamente, algunas costumbres raras del coaticito. Pero como éste era tan bueno y cariñoso como el otro, las criaturas no tuvieron la menor sospecha. Formaron la misma familia de cachorritos de antes, y, como antes, los coatís salvajes venían noche a noche a visitar al coaticito civilizado, y se sentaban a su lado a comer pedacitos de huevos duros que él les guardaba, mientras ellos le contaban la vida de la selva.

EL PASO DEL YABEBIRÍ

En el Río Yabebirí, que está en Misiones, hay muchas rayas, porque «Yabebirí» quiere decir precisamente «Rio- de-las-rayas». Hay tantas, que a veces es peligroso meter un solo pie en el agua. Yo conocí un, hombre a quien lo picó una raya en el talón y que tuvo que caminar renqueando media legua para llegar a su casa: el hombre iba llorando y cayéndose de dolor. Es uno de los dolores más fuertes que se puede sentir.

Como en el Yabebirí hay también muchos otros pescados, algunos hombres van a cazarlos con bombas de dinamita. Tiran una bomba al río, matando millones de pescados. Todos los pescados que están cerca mueren, aunque sean grandes como una casa. Y mueren también todos los chiquitos, que no sirven para nada.

Ahora bien; una vez un hombre fue a vivir allá, y no quiso que tiraran bombas de dinamita, porque tenía Lástima de los pescaditos. El no se oponía a que pescaran en el río para comer; pero no quería que mataran inútilmente a millones

de pescaditos. Los hombres que tiraban bombas se enojaron al principio, pero como el hombre tenía un carácter serio, aunque era muy bueno, los otros se fueron a cazar a otra parte, y todos los pescados quedaron muy contentos. Tan contentos y agradecidos, que lo conocían apenas se acercaba a la orilla. Y cuando él andaba por la costa fumando, las rayas lo seguían arrastrándose por el barro, muy contentas de acompañar a su amigo. El no sabía nada, y vivía feliz en aquel lugar. Y sucedió que una vez, una tarde, un zorro llegó corriendo hasta el Yabebirí, y metió las patas en el agua, gritando: -¡Eh, rayas! ¡ligero! Ahí viene el amigo de ustedes, herido. Las rayas, que lo oyeron, corrieron ansiosas a la orilla. Y le preguntaron al zorro:

-¿Qué pasa? ¿Dónde está el hombre?

-¡Ahí viene! -gritó el zorro de nuevo-. ¡Ha peleado con un tigre!

¡El tigre viene corriendo! ¡Seguramente va a cruzar a la isla! ¡Denle paso, porque es un hombre bueno!

-¡Ya lo creo! ¡Ya lo creo que le vamos a dar paso! -contestaron las rayas-. ¡Pero lo que es el tigre, ése no va a pasar!

-¡Cuidado con él! -gritó aún el zorro-. ¡No se olviden de que es el tigre!

Y pegando un brinco, el zorro entró de nuevo en el monte. Apenas acababa de hacer esto, cuando el hombre

apartó las ramas y apareció todo ensangrentado y la camisa rota. La sangre le caía por la cara y el pecho hasta el pantalón, y desde las arrugas del pantalón, la sangre caía a la arena. Avanzó tambaleando hacia la orilla, porque estaba muy herido, y entró en el río. Pero apenas puso un pie en el agua, las rayas que estaban amontonadas se apartaron de su paso; y el hombre llegó con el agua al pecho hasta la isla, sin que una raya lo picara. Y conforme llegó, cayó desmayado en la misma arena, por la gran cantidad de sangre que había perdido.

Las rayas no habían aún tenido tiempo de compadecer del todo a su amigo moribundo, cuando un terrible rugido les hizo dar un brinco en el agua.

-¡El tigre! ¡El tigre! -gritaron todas, lanzándose como una flecha a la orilla.

En efecto, el tigre que había peleado con el hombre y que lo venía persiguiendo había llegado a la costa del Yabebirí. El animal estaba también muy herido, y la sangre le corría por todo el cuerpo. Vio al hombre caído como muerto en la isla, y lanzando un rugido de rabia, se echó al agua, para acabar de matarlo.

Pero apenas hubo metido una pata en el agua, sintió como si le hubieran clavado ocho o diez terribles clavos en las patas, y dio un salto atrás: eran las rayas, que defendían

el paso del río, y le habían clavado con toda su fuerza el aguijón de la cola.

El tigre quedó roncando de dolor, con la pata en el aire; y al ver toda el agua de la orilla turbia como si removieran el barro del fondo, comprendió que eran las rayas que no lo querían dejar pasar. Y entonces gritó enfurecido:

-¡Ah, ya sé lo que es! ¡Son ustedes, malditas rayas! ¡Salgan del camino!

-¡No salimos! -respondieron las rayas.

-¡Salgan!

-¡No salimos! ¡Él es un hombre bueno! ¡No hay derecho para matarlo!

-¡Él me ha herido a mí!

-¡Los dos se han herido! ¡Esos son asuntos de ustedes en el monte!

¡Aquí abajo está bajo nuestra protección! ... ¡No se pasa!

-¡Paso! -rugió por última vez el tigre.

-¡NI NUNCA! -respondieron las rayas.

(Ellas dijeron «ni nunca» porque así dicen los que hablan guaraní, como en Misiones.)

-¡Vamos a ver! -bramó aún el tigre. Y retrocedió para tomar impulso y dar un enorme salto.

El tigre sabía que las rayas están casi siempre en la orilla; y pensaba que si lograba dar un salto muy grande acaso no

hallara más rayas en el medio del río, y podría así comer al hombre moribundo.

Pero las rayas lo habían adivinado y corrieron todas al medio del río, pasándose la voz:

-¡Fuera de la orilla! -gritaban bajo el agua-. ¡Adentro! ¡A la canal! ¡A la canal!

Y en un segundo el ejército de rayas se precipitó río adentro, a defender el paso, al tiempo que el tigre daba su enorme salto y caía en medio del agua. Cayó loco de alegría, porque en el primer momento no sintió ninguna picadura, y creyó que las rayas habían quedado todas en la orilla, engañadas...

Pero apenas dio un paso, una verdadera lluvia de agujonazos, como puñaladas de dolor, lo detuvieron en seco: eran otra vez las rayas, que le acribillaban las patas a picaduras.

El tigre quiso continuar, sin embargo; pero el dolor era tan atroz, que lanzó un alarido y retrocedió corriendo como loco a la orilla. Y se echó en la arena de costado, porque no podía más de sufrimiento; y la barriga subía y bajaba como si estuviera cansadísimo.

Lo que pasaba es que el tigre estaba envenenado con el veneno de las rayas.

Pero aunque habían vencido al tigre las rayas no estaban tranquilas porque tenían miedo de que viniera la tigra y otros

tigres, y otros muchos más... Y ellas no podrían defender más el paso.

En efecto, el monte bramó de nuevo, y apareció la tigre, que se puso loca de furor al ver al tigre tirado de costado en la arena. Ella vio también el agua turbia por el movimiento de las rayas y se acercó al río. Y tocando casi el agua con la boca, gritó:

-¡Rayas! ¡Quiero paso! ¡No va a quedar una sola raya con cola, si no dan paso! -rugió la tigre.

-¡Aunque quedemos sin cola, no se pasa! -respondieron ellas.

-¡Por última vez, paso!

-¡NI NUNCA! -gritaron las rayas.

La tigre, enfurecida, había metido sin querer una pata en el agua, y una raya, acercándose despacio, acababa de clavarle todo el aguijón entre los dedos. Al bramido de dolor del animal, las rayas respondieron, sonriéndose:

-¡Parece que todavía tenemos cola!

Pero la tigre había tenido una idea, y con esa idea entre las cejas se alejaba de allí, costeando el río aguas arriba, y sin decir una palabra.

Mas las rayas comprendieron también esta vez cuál era el plan de su enemigo. El plan de su enemigo era éste: pasar el río por la otra parte, donde las rayas no sabían que había que defender el paso. Y una inmensa ansiedad se apoderó entonces de las rayas. -

¡Va a pasar el río aguas más arriba! -gritaron-. ¡No queremos que mate al hombre! ¡Tenemos que defender a nuestro amigo!

Y se revolvían desesperadas entre el barro, hasta enturbiar el río.

-¡Pero qué hacemos! -decían-. Nosotras no sabemos nadar ligero...

¡La tigre va a pasar antes que las rayas de allá sepan que hay que defender el paso a toda costa!

Y no sabían qué hacer. Hasta que una rayita muy inteligente, dijo de pronto:

-¡Ya está! ¡Qué vayan los dorados! ¡Los dorados son amigos nuestros! ¡Ellos nadan más ligero que nadie!

-¡Eso es! -gritaron todas-. ¡Que vayan los dorados!

Y en un instante la voz pasó y en otro instante se vieron ocho o diez filas de dorados, un verdadero ejército de dorados que nadaban a toda velocidad aguas arriba, y que iban dejando surcos en el agua, como los torpedos.

A pesar de todo, apenas tuvieron tiempo de dar la orden de cerrar el paso a los tigres; la tigre ya había nadado, y estaba ya por llegar a la isla.

Pero las rayas habían corrido ya a la otra orilla, y en cuanto la tigre hizo pie, las rayas se abalanzaron contra sus patas, deshaciéndoselas a agujonazos. El animal, enfurecido y

loco de dolor, bramaba, saltaba en el agua, hacía volar nubes de agua a manotones. Pero las rayas continuaban precipitándose contra sus patas, cerrándole el paso de tal modo, que la tigre dio vuelta, nadó de nuevo y fue a echarse a su vez a la orilla, con las cuatro patas monstruosamente hinchadas; por allí tampoco se podía ir a comer al hombre.

Mas las rayas estaban también muy cansadas. Y lo que es peor, el tigre y la tigre habían acabado por levantarse y entrar en el monte.

¿Qué iban a hacer? Esto tenía muy inquietas a las rayas, y tuvieron una larga conferencia. Al fin dijeron:

-¡Ya sabemos lo que es. Van a ir a buscar a los otros tigres y van a venir todos. Van a venir todos los tigres y van a pasar!

-¡NI NUNCA! -gritaron las rayas más jóvenes y que no tenían tanta experiencia.

-¡Si, pasarán, compañeritas! -respondieron tristemente las más viejas-. Si son muchos acabarán por pasar... Vamos a consultar a nuestro amigo.

Y fueron todas a ver al hombre, pues no habían tenido tiempo aún de hacerlo, por defender el paso del río.

El hombre estaba siempre tendido, porque había perdido mucha sangre, pero podía hablar y moverse un poquito. En un instante las rayas le contaron lo que había pasado, y

cómo habían defendido el paso de los tigres que lo querían comer. El hombre herido se enterneció mucho con la amistad de las rayas que le habían salvado la vida, y dio la mano con verdadero cariño a las rayas que estaban más cerca de él. Y dijo entonces: -¡No hay remedio! Si los tigres son muchos, y quieren pasar, pasarán...

-¡No pasarán! -dijeron las rayas chicas-. ¡Usted es nuestro amigo y no van a pasar!

-¡Si, pasarán, compañeritas! -dijo el hombre hablando en voz baja:

-El único modo sería mandar a alguien a casa a buscar el winchester con muchas balas... pero yo no tengo ningún amigo en el río, fuera de los pescados... y ninguno de ustedes sabe andar por la tierra.

-¿Qué hacemos entonces? -dijeron las rayas ansiosas.

-A ver, a ver... -dijo entonces el hombre, pasándose la mano por la frente, como si recordara algo-. Yo tuve un amigo... un carpinchito que se crió en casa y que jugaba con mis hijos... Un día volvió otra vez al monte y creo que vivía aquí, en el Yabebirí... pero no sé dónde estará...

Las rayas dieron entonces un grito de alegría:

-¡Ya sabemos! ¡nosotros lo conocemos! ¡Tiene su guarida en la punta de la isla! ¡Él nos habló una vez de usted! ¡Lo vamos a mandar a buscar enseguida!

Y dicho y hecho: un dorado muy grande voló río abajo a buscar al carpinchito; mientras el hombre disolvía una gota de sangre seca en la palma de la mano, para hacer tinta, y con una espina de pescado, que era la pluma, escribió en una hoja seca, que era el papel. Y escribió esta carta: Mándenme con el carpinchito el winchester y una caja entera de veinticinco balas.

Apenas acabó el hombre de escribir, el monte entero tembló con un sordo rugido: eran todos los tigres que se acercaban a entablar la lucha. Las rayas llevaban la carta con la cabeza afuera del agua para que no se mojara, y se la dieron al carpinchito, el cual salió corriendo por entre el pajonal a llevarla a la casa del hombre.

Y ya era tiempo, porque los rugidos, aunque lejanos aún, se acercaban velozmente. Las rayas reunieron entonces a los dorados que estaban esperando órdenes, y les gritaron:

¡Ligero, compañeros! ¡Recorran todo el río y den la voz de alarma!

¡Que todas las rayas estén prontas en todo el río! ¡Que se encuentren todas alrededor de la isla! ¡Veremos si van a pasar!

Y el ejército de dorados voló enseguida, río arriba y río abajo, haciendo rayas en el agua con la velocidad que llevaban.

No quedó raya en todo el Yabebirí que no recibiera orden de concentrarse en las orillas del río, alrededor de la

isla. De todas partes, de entre piedras, de entre el barro, de la boca de los arroyitos, de todo el Yabebirí entero, las rayas acudían a defender el paso contra los tigres. Y por delante de la isla, los dorados cruzaban y recruzaban a toda velocidad.

Ya era tiempo, otra vez; un inmenso rugido hizo temblar el agua misma de la orilla, y los tigres desembocaron en la costa.

Eran muchos; parecía que todos los tigres de Misiones estuvieran allí. Pero el Yabebirí entero hervía también de rayas, que se lanzaron a la orilla, dispuestas a defender a todo trance el paso.

-¡Paso a los tigres!

-¡No hay paso! -respondieron las rayas.

-¡Paso, de nuevo!

-¡No se pasa!

-¡No va a quedar raya, ni hijo de raya, ni nieto de raya, si no dan paso!

-¡Es posible! -respondieron las rayas-. ¡Pero ni los tigres, ni los hijos de tigres, ni los nietos de tigres, ni todos los tigres del mundo van a pasar por aquí!

Así respondieron las rayas. Entonces los tigres rugieron por última vez:

-¡Paso pedimos!

-¡NI NUNCA!

Y la batalla comenzó entonces. Con un enorme salto los tigres se lanzaron al agua. Y cayeron todos sobre un verdadero piso de rayas. Las rayas les acribillaron las patas a agujonazos, y a cada herida los tigres lanzaban un rugido de dolor. Pero ellos se defendían a zarpazos, manoteando como locos en el agua. Y las rayas volaban por el aire con el vientre abierto por las uñas de los tigres.

El Yabebirí parecía un río de sangre. Las rayas morían a centenares... pero los tigres recibían también terribles heridas, y se retiraban a tenderse y bramar en la playa, horriblemente hinchados. Las rayas, pisoteadas, deshechas por las patas de los tigres, no desistían; acudían sin cesar a defender el paso. Algunas volaban por el aire, volvían a caer al río, y se precipitaban de nuevo contra los tigres.

Media hora duró esta lucha terrible. Al cabo de esa media hora, todos los tigres estaban otra vez en la playa, sentados de fatiga y rugiendo de dolor; ni uno solo había pasado.

Pero las rayas estaban también deshechas de cansancio. Muchas, muchísimas habían muerto. Y las que quedaban vivas dijeron:

-No podemos resistir dos ataques como éste. ¡Que los dorados vayan a buscar refuerzos! ¡Que vengan enseguida todas las rayas que haya en el Yabebirí!

Y los dorados volaron otra vez río arriba y río abajo, e iban tan ligeros que dejaban surcos en el agua, como los torpedos. Las rayas fueron entonces a ver al hombre.

-¡No podremos resistir más! -le dijeron tristemente las rayas. Y aún algunas rayas lloraban, porque veían que no podrían salvar a su amigo.

-¡Váyanse, rayas! -respondió el hombre herido-. ¡Déjenme solo! ¡Ustedes han hecho ya demasiado por mí! ¡Dejen que los tigres pasen!

-¡NI NUNCA! -gritaron las rayas en un solo clamor-. Mientras haya una sola raya viva en el Yabebirí, que es nuestro río, defenderemos al hombre bueno que nos defendió antes a nosotras!

El hombre herido exclamó entonces, contento:

-¡Rayas! ¡Yo estoy casi por morir, y apenas puedo hablar; pero yo les aseguro que en cuanto llegue el winchester, vamos a tener farra para largo rato; esto yo se lo aseguro a ustedes!

-¡Si, ya lo sabemos! -contestaron las rayas entusiasmadas.

Pero no pudieron concluir de hablar, porque la batalla recomenzaba. En efecto: los tigres, que ya habían descansado, se pusieron bruscamente en pie, y agachándose como quien va a saltar, rugieron:

-¡Por última vez, y de una vez por todas: paso!

-¡NI NUNCA! -respondieron las rayas lanzándose a la orilla.

Pero los tigres habían saltado a su vez al agua y comenzó la terrible lucha. Todo el Yabebirí, ahora de orilla a orilla, estaba rojo de sangre, y la sangre hacía espuma en la arena de la playa. Las rayas volaban deshechas por el aire y los tigres bramaban de dolor; pero nadie retrocedía un paso.

Y los tigres no sólo no retrocedían, sino que avanzaban. En balde el ejército de dorados pasaba a toda velocidad río arriba y río abajo, llamando a las rayas: las rayas se habían concluido; todas estaban luchando frente a la isla y la mitad había muerto ya. Y las que quedaban estaban todas heridas y sin fuerza.

-¡A la isla! ¡vamos todas a la otra orilla!.

Pero también esto era tarde: dos tigres más se habían echado a nado, y en un instante todos los tigres estuvieron en medio del río, y no se veía más que sus cabezas.

Pero también en ese momento un animalito, un pobre animalito colorado y peludo cruzaba nadando a toda fuerza el Yabebirí: era el carpinchito, que llegaba a la isla llevando el winchester y las balas en la cabeza para que no se mojaran.

El hombre dio un gran grito de alegría, porque le quedaba tiempo para entrar en defensa de las rayas. Le pidió al carpinchito que lo empujara con la cabeza para colocarse de

costado, porque él sólo no podía; y ya en esta posición cargó el winchester con la rapidez de un rayo.

Y en el preciso momento en que las rayas, desgarradas, aplastadas, ensangrentadas, veían con desesperación que habían perdido la batalla y que los tigres iban a devorar a su pobre amigo herido, en ese momento oyeron un estampido, y vieron que el tigre que iba delante y pisaba ya la arena, daba un gran salto y caía muerto, con la frente agujereada de un tiro.

-¡Bravo, bravo! -clamaron las rayas, locas de contento-. ¡El hombre tiene el winchester! ¡Ya estamos salvadas!

Y enturbiaban toda el agua verdaderamente locas de alegría. Pero el hombre proseguía tranquilo tirando, y cada tiro era un nuevo tigre muerto. Y a cada tigre que caía muerto lanzando un rugido, las rayas respondían con grandes sacudidas de la cola.

Uno tras otro, como si el rayo cayera entre sus cabezas, los tigres fueron muriendo a tiros. Aquello duró solamente dos minutos. Uno tras otro se fueron al fondo del río, y allí las palometas los comieron. Algunos boyaron después, y entonces los dorados los acompañaron hasta el Paraná, comiéndolos, y haciendo saltar el agua de contentos.

En poco tiempo las rayas, que tienen muchos hijos, volvieron a ser tan numerosas como antes. El hombre se

curó, y quedó tan agradecido a las rayas que le habían salvado la vida, que se fue a vivir a la isla. Y allí, en las noches de verano le gustaba tenderse en la playa y fumar a la luz de la luna, mientras las rayas, hablando despacito, se lo mostraban a los pescados, que no le conocían, contándoles la gran batalla que, aliadas a ese hombre, habían tenido una vez contra los tigres.

LA ABEJA HARAGANA

Había una vez en una colmena una abeja que no quería trabajar, es decir, recorría los árboles uno por uno para tomar el jugo de las flores; pero en vez de conservarlo

para convertirlo en miel, se lo tomaba del todo.

Era, pues, una abeja haragana. Todas las mañanas, apenas el sol calentaba el aire, la abejita se asomaba a la puerta de la colmena, veía que hacía buen tiempo, se peinaba con las patas, como hacen las moscas, y echaba entonces a volar, muy contenta del lindo día. Zumbaba muerta de gusto de flor en flor, entraba en la colmena, volvía a salir, y así se le pasaba todo el día mientras las otras abejas se mataban trabajando para llenar la colmena de miel, porque la miel es el alimento de las abejas recién nacidas.

Como las abejas son muy serias, comenzaron a disgustarse con el proceder de la hermana haragana. En la puerta de las colmenas hay siempre unas cuantas abejas que están de guardia para cuidar que no entren bichos en la colmena.

Estas abejas suelen ser muy viejas, con gran experiencia de la vida y tienen el lomo pelado porque han perdido todos los pelos de rozar contra la puerta de la colmena.

Un día, pues, detuvieron a la abeja haragana cuando iba a entrar, diciéndole:

-Compañera: es necesario que trabajes, porque las abejas debemos trabajar.

La abejita contestó:

-Yo ando todo el día volando, y me canso mucho.

-No es cuestión de que te canses mucho -respondieron-, sino de que trabajes un poco. Es la primera advertencia que te hacemos.

Y diciendo así la dejaron pasar.

Pero la abeja haragana no se corregía. De modo que a la tarde siguiente las abejas que estaban de guardia le dijeron:

-Hay que trabajar, hermana.

Y ella respondió enseguida:

-¡Uno de estos días lo voy a hacer!

-No es cuestión de que lo hagas uno de estos días -le respondieron- sino mañana mismo. Acuérdate de esto.

Y la dejaron pasar.

Al anoecer siguiente se repitió la misma cosa. Antes de que le dijeran nada, la abejita exclamó:

-¡Sí, sí hermanas! ¡Ya me acuerdo de lo que he prometido!

-No es cuestión de que te acuerdes de lo prometido -le respondieron-, sino de que trabajes. Hoy es 19 de abril. Pues bien: trata de que mañana, 20, hayas traído una gota siquiera de miel. Y ahora, pasa.

Y diciendo esto, se apartaron para dejarla entrar.

Pero el 20 de abril pasó en vano como todos los demás. Con la diferencia de que al caer el sol el tiempo se descompuso y comenzó a soplar un viento frío.

La abejita haragana voló apresurada hacia su colmena, pensando en lo calentito que estaría allí dentro. Pero cuando quiso entrar, las abejas que estaban de guardia se lo impidieron.

-¡No se entra! -le dijeron fríamente.

-¡Yo quiero entrar! -clamó la abejita-. Esta es mi colmena.

-Esta es la colmena de unas pobres abejas trabajadoras -le contestaron las otras-. No hay entrada para las haraganas.

-¡Mañana sin falta voy a trabajar! -insistió la abejita.

-No hay mañana para las que no trabajan -respondieron las abejas, que saben mucha filosofía.

Y diciendo esto la empujaron afuera.

La abejita, sin saber qué hacer, voló un rato aún; pero ya la noche caía y se veía apenas. Quiso cogerse de una hoja, y cayó al suelo. Tenía el cuerpo entumecido por el aire frío, y no podía volar más. Arrastrándose entonces por el suelo,

trepando y bajando de los palitos y piedritas, que le parecían montañas, llegó a la puerta de la colmena, a tiempo que comenzaban a caer frías gotas de lluvia.

-¡Ay, mi Dios! -clamó desamparada-. Va a llover, y me voy a morir de frío.

Y tentó a entrar en la colmena. Pero de nuevo le cerraron el paso.

-¡Perdón! -gimió la abeja-. ¡Déjenme entrar!

-Ya es tarde -le respondieron.

-¡Por favor, hermanas! ¡Tengo sueño!

-Es más tarde aún.

-¡Compañeras, por piedad! ¡Tengo frío!

-Imposible.

-¡Por última vez! ¡Me voy a morir!

Entonces le dijeron:

-No, no morirás. Aprenderás en una sola noche lo que es el descanso ganado con el trabajo. Vete.

Y la echaron.

Entonces, temblando de frío, con las alas mojadas y tropezando, la abeja se arrastró, se arrastró hasta que de pronto rodó por un agujero: cayó rodando, mejor dicho, al fondo de una caverna.

Creyó que no iba a concluir nunca de bajar. Al fin llegó al fondo, y se halló bruscamente ante una víbora, una culebra

verde de lomo color amarillo, que la miraba enroscada y presta a lanzarse sobre ella.

En verdad, aquella caverna era el hueco de un árbol que habían trasplantado hacía tiempo, y que la culebra había elegido de guarida. Las culebras comen abejas, que les gustan mucho. Por esto la abejita, al encontrarse ante su enemiga, murmuró cerrando los ojos:

-¡Adiós mi vida! Esta es la última hora que yo veo la luz.

Pero con gran sorpresa suya, la culebra no solamente no la devoró sino que le dijo:

-¿Qué tal, abejita? No has de ser muy trabajadora para estar aquí a estas horas.

-Es cierto -murmuró la abeja-. No trabajo, y yo tengo la culpa.

-Siendo así -agregó la culebra, burlona-, voy a quitar del mundo a un mal bicho como tú. Te voy a comer, abeja.

La abeja, temblando, exclamó entonces:

-¡No es justo eso, no es justo! No es justo que usted me coma porque es más fuerte que yo. Los hombres saben lo que es justicia.

-¡Ah, ah! -exclamó la culebra, enroscándose ligero-. ¿Tú conoces bien a los hombres? ¿Tú crees que los hombres que les quitan la miel a ustedes son más justos, grandísima tonta?

-No, no es por eso que nos quitan la miel -respondió la abeja.

-¿Y por qué, entonces?

-Porque son más inteligentes.

Así dijo la abejita. Pero la culebra se echó a reír, exclamando:

-¡Bueno! Con justicia o sin ella, te voy a comer; apróntate.

Y se echó atrás, para lanzarse sobre la abeja. Pero ésta exclamó:

-Usted hace eso porque es menos inteligente que yo.

-¿Yo menos inteligente que tú, mosca? -Se rió la culebra.

-Así es -afirmó la abeja.

-Pues bien -dijo la culebra-, vamos a verlo. Vamos a hacer dos pruebas. La que haga la prueba más rara, ésa gana. Si gano yo, te como.

-¿Y si gano yo? -preguntó la abejita.

-Si ganas tú -repuso su enemiga-, tienes el derecho de pasar la noche aquí hasta que sea de día. ¿Te conviene?

-Aceptado -contestó la abeja.

La culebra se echó a reír de nuevo, porque se le había ocurrido una cosa que jamás podría hacer una abeja. Y he aquí lo que hizo: Salió un instante afuera, tan velozmente que la abeja no tuvo tiempo de nada. Y volvió trayendo una

cápsula de semillas de eucalipto, de un eucalipto que estaba al lado de la colmena y que le daba sombra.

Los muchachos hacen bailar como trompos esas cápsulas, y les llaman trompitos de eucalipto.

-Eso es lo que voy a hacer -dijo la culebra-. ¡Fíjate bien, atención! Y arrollando vivamente la cola alrededor del trompito como un piolín la desenvolvió a toda velocidad, con tanta rapidez que el trompito quedó bailando y zumbando como un loco.

La culebra se reía, y con mucha razón, porque jamás una abeja ha hecho ni podrá hacer bailar a un trompito. Pero cuando el trompito, que se había quedado dormido zumbando, como les pasa a los trompos de naranjo, cayó por fin al suelo, la abeja dijo:

-Esa prueba es muy linda, y yo nunca podré hacer eso.

-Entonces, te como -exclamó la culebra.

-¡Un momento! Yo no puedo hacer eso; pero hago una cosa que nadie hace.

-¿Qué es eso?

-Desaparecer.

-¿Cómo? -exclamó la culebra, dando un salto de sorpresa -

¿Desaparecer sin salir de aquí?

-Sin salir de aquí.

-¿Y sin esconderte en la tierra?

-Sin esconderme en la tierra.

-Pues bien, ¡hazlo! Y si no lo haces, te como enseguida
-dijo la culebra.

El caso es que mientras el trompito bailaba, la abeja había tenido tiempo de examinar la caverna y había visto una plantita que crecía allí. Era un arbustillo, casi un yuyito, con grandes hojas del tamaño de una moneda de dos centavos.

La abeja se arrimó a la plantita, teniendo cuidado de no tocarla, y dijo así:

-Ahora me toca a mí, señora Culebra. Me va a hacer el favor de darse vuelta y contar hasta tres. Cuando diga «tres», búsqieme por todas partes, ¡ya no estaré más!

Y así pasó, en efecto. La culebra dijo rápidamente: «uno... dos... tres», y se volvió y abrió la boca cuan grande era, de sorpresa: allí no había nadie. Miró arriba, abajo, a todos lados, recorrió los rincones, la plantita, tanteó todo con la lengua. Inútil: la abeja había desaparecido.

La culebra comprendió entonces que si su prueba del trompito era muy buena, la prueba de la abeja era simplemente extraordinaria. ¿Qué se había hecho? ¿Dónde estaba?

No había modo de hallarla.

-¡Bueno! -exclamó por fin-. Me doy por vencida. ¿Dónde estás?

Una voz que apenas se oía -la voz de la abejita- salió del medio de la cueva.

-¿No me vas a hacer nada? -dijo la voz-. ¿Puedo contar con tu juramento?

-Sí -respondió la culebra-. Te lo juro. ¿Dónde estás?

-Aquí -respondió la abejita, apareciendo súbitamente de entre una hoja cerrada de la plantita.

¿Qué había pasado? Una cosa muy sencilla: la plantita en cuestión era una sensitiva, muy común también aquí en Buenos Aires, y que tiene la particularidad de que sus hojas se cierran al menor contacto. Solamente que esta aventura pasaba en Misiones, donde la vegetación es muy rica, y por lo tanto muy grandes las hojas de las sensitivas. De aquí que al contacto de la abeja, las hojas se cerraran, ocultando completamente al insecto.

La inteligencia de la culebra no había alcanzado nunca a darse cuenta de este fenómeno; pero la abeja lo había observado, y se aprovechaba de él para salvar su vida.

La culebra no dijo nada, pero quedó muy irritada con su derrota, tanto que la abeja pasó toda la noche recordando a su enemiga la promesa que había hecho de respetarla.

Fue una noche larga, interminable, que las dos pasaron arrimadas contra la pared más alta de la caverna, porque la

tormenta se había desencadenado, y el agua entraba como un río adentro.

Hacía mucho frío, además, y adentro reinaba la oscuridad más completa. De cuando en cuando la culebra sentía impulsos de lanzarse sobre la abeja, y ésta creía entonces llegado el término de su vida.

Nunca, jamás, creyó la abejita que una noche podría ser tan fría, tan larga, tan horrible. Recordaba su vida anterior, durmiendo noche tras noche en la colmena, bien calentita y lloraba entonces en silencio.

Cuando llegó el día, y salió el sol, porque el tiempo se había compuesto, la abejita voló y lloró otra vez en silencio ante la puerta de la colmena hecha por el esfuerzo de la familia. Las abejas de guardia la dejaron pasar sin decirle nada, porque comprendieron que la que volvía no era la paseandera haragana, sino una abeja que había hecho en sólo una noche un duro aprendizaje de la vida.

Así fue, en efecto. En adelante, ninguna como ella recogió tanto polen ni fabricó tanta miel. Y cuando el otoño llegó, y llegó también el término de sus días, tuvo aún tiempo de dar una última lección antes de morir a las jóvenes abejas que la rodeaban:

-No es nuestra inteligencia, sino nuestro trabajo quien nos hace tan fuertes. Yo usé una sola vez de mi inteligencia, y

fue para salvar mi vida. No habría necesitado de ese esfuerzo, si hubiera trabajado como todas. Me he cansado tanto volando de aquí para allá, como trabajando. Lo que me faltaba era la noción del deber, que adquirí aquella noche.

«Trabajen, compañeras, pensando que el fin a que tienden nuestros esfuerzos -la felicidad de todos- es muy superior a la fatiga de cada uno. A esto los hombres llaman ideal, y tienen razón. No hay otra filosofía en la vida de un hombre y de una abeja.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)